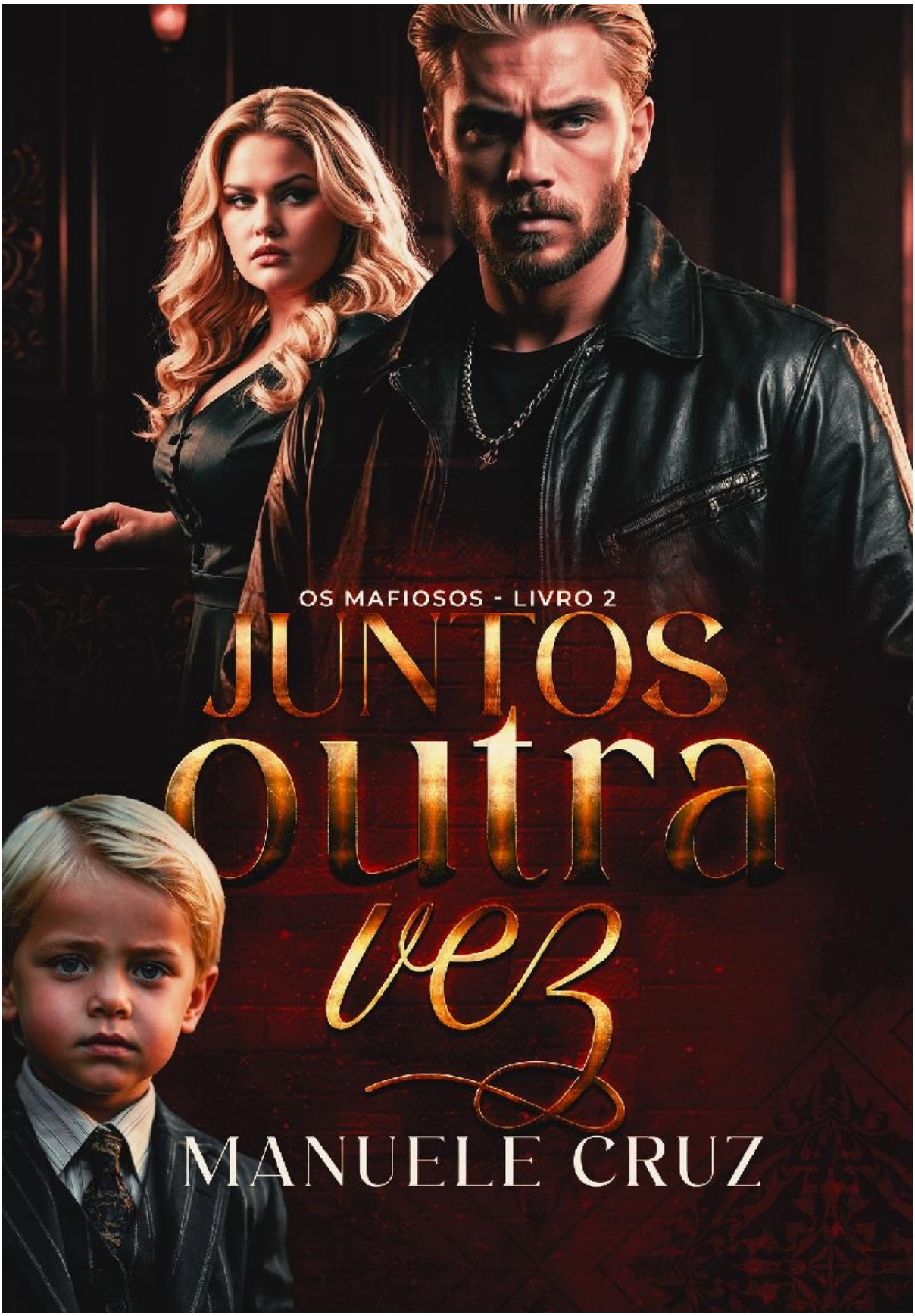

OS MAFIOSOS - LIVRO 2
JUNTOS
outra
vez
MANUELE CRUZ


OS MAFIOSOS - LIVRO 2
JUNTOS
outra
vez
MANUELE CRUZ

OS MAFIOSOS - LIVRO 2

JUNTOS outra vez

MANUELE CRUZ

Copyright © 2025 Manuele Cruz

2° Edição – 2025

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com

nomes, datas e acontecimentos reais é mera

coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem a autorização da autora.

Capa: MRyu Designer

Revisão e diagramação: Manuele Cruz

Sinopse

Enemies to lovers • Gravidez inesperada • Criança fofa • Romance na máfia
Giulia Bertollini é a filha mais velha do chefe da máfia. Apesar de não ser presente nos negócios, sempre foi vista como um ótimo negócio para alguns homens. Porém, acabou casando e tendo um filho com Leonardo Vesentini, seu maior pesadelo na infância e adolescência.

Leonardo Vesentini sempre foi desacreditado, na busca pelo reconhecimento na máfia, sendo o futuro subchefe, ele tenta ficar cada vez mais presente e ser mais eficiente... Mesmo que precise ficar longe da família.

Leonardo cometeu erros sem querer, e precisa esconder antes que o chefão da máfia descubra. No entanto, isso também significa enganar Giulia, e ele jurou que não teria mais segredos com a esposa.

Este é um segredo que pode causar a sua ruína e o da sua família... Mas Leonardo sabe que deve contar, mesmo que isso signifique perder.

No meio das intrigas, o passado sempre poderá retornar...

E o maior pesadelo já pode estar presente em suas vidas.

Sumário

Nota da autora

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

(1)

Bônus

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Bônus

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

(2)

Bônus

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

(3)

Bônus

Capítulo 17

Capítulo 18

Epílogo

Trecho do terceiro livro

Prólogo

Capítulo 1

Contatos da autora

Nota da autora

Olá! Aqui temos alguns avisos sobre a história: Este livro foi publicado anteriormente com o mesmo título.

É necessário ler: A prisioneira do mafioso – Uma mãe para os herdeiros da máfia

O enredo permanece do mesmo modo.

A história é ambientada em locais fictícios, mesmo quando cito algum que existe na vida real.

O nome da máfia é em menção ao local onde foi fundada, que é fictício.

Espero que gostem da história.

Prólogo

Porto Rico, ano de 2045

4 meses após o epílogo capítulo do livro 1

"Esse é um dos dias mais estranhos da minha vida.

Do nada me acordaram e mandaram entrar nesse bendito navio, que agora atravessa o mar de Porto Rico.

Minha vida é uma loucura desde que minha mãe se foi, se bem que não a conheci como mãe. Seu nome era Ciara.

Aqui estou eu, aos dezenove anos, viajando com um ex viciado em drogas que cuidou de mim no hospital.

Eu amo Hugo, ele virou meu pai. O único que tive na vida. Um pai bem novo, vinte e seis anos.

É meio louco devido as circunstâncias.

Um tiro na cabeça que deixou sequelas por anos, e agora estou recuperada.

O pesadelo da minha vida, Yoshida é o nome dele. Não o conheci, mas sofri na sua mão... E agora aqui estou eu, sei lá por quê. Um tal de Martin do serviço secreto mandou vir para cá, com essa gente...

Sei lá o motivo.

Nada faz sentido.

Nada!

Só quero paz uma vez na vida!".

— Meninas dessa década ainda escrevem em diário? — Alex senta ao meu lado.

— Ficarei surpresa se você souber escrever. — fecho meu diário.

— Menina Rachel está irritada? — Alex arqueia sobrancelha. —

Agradeça que temos vida nova agora.

Começo a rir quando Alex tenta dar uma de otimista pra cima de mim.

— Alex, conheço você e o tal Allan, seu gêmeo estranho e nada parecido com você. Estão aqui por qualquer outro motivo, menos para serem otimistas e esperançosos com a possibilidade de mudança de vida.

Então, qual seu plano a partir daqui? Vai matar quem?

— Rachel, por que me odeia? Eu te salvei junto ao Hugo.

— Você e Hugo são ou eram dois bandidos.

— Que te salvaram de Yoshida.

— Por que estava naquele bar? — *Hugo comprava drogas, mas Alex? Esse eu não sei.*

— Não trabalho com Yoshida, estava com outro cara e a confusão começou. Pensei que os tiros eram pra mim. E talvez fossem, sei lá.

— Foi na minha cabeça, certeiro. Ao mesmo tempo nada fatal.

— Qual sua vida, Rachel? Por que um tiro na sua cabeça e por que acharam que é o Yoshida?

Olhamos para os nossos companheiros de viagem.

— E por que eles? — indago.

— Por que ela?

— Muito confuso, e algo me diz que não para por aí. E então, o que fará?

— Vou procurar meu pai, Tyler. E tenho algo pessoal a ser resolvido com um tal Fernando.

— Vingança?

— Talvez. — sorri. — Seria bom acabar com uma filha de Fernando, ou causar um pouco de confusão na família. Tem um assunto pessoal que preciso terminar com ele.

— Acho que Hugo e eu somos os únicos sem um assunto a ser tratado.

— Sua amiga também tem?

— Ela não é minha amiga. Nos conhecemos há dois meses e a acho estranha, um tanto carente. — dou de ombros. — Mas estou de boa com tudo. Vale a pena?

— O quê?

— Vingança.

— Fernando matou minha mãe. Tyler nunca apareceu pra mim, me abandonou. É coisa minha. — mostra uma foto pra mim. Uma garota loira, talvez vinte anos ou menos que isso, e um garotinho. — Giulia Bertollini, primogênita, pode servir de algo.

— Como investigou?

— Fernando matou minha mãe, eu moveria céus e terra para saber tudo dele.

— Você já foi mais legal, Alex. O estranho sempre foi o Allan.

— Agora o assunto é outro. — levanta do banco. — Até algum momento, se nos encontrarmos novamente.

— Alex? — ele olha para mim. — Eu faria de tudo para ter Ciara na minha vida. E ela morreu, era a minha mãe. Se está indo conhecer seu pai, ou vê-lo novamente, não desperdice...

— Minha mãe sofreu pra caralho, Rachel. — volta para a minha frente, sussurrando. — Foi desumano e ainda mandaram o vídeo pra mim, quando eu e Allan éramos adolescentes. Então não fale sobre desperdiçar chances, porque minha vida foi destruída antes dos quinze anos, quando eu morava na rua porque minha mãe estava esquartejada.

Se for para me meter na máfia e matar algum Bertollini, eu farei, e ainda trago caos para Tyler e sua gangue. Entenda, Rachel, ninguém está nessa porra de navio para ser salvo. Cada um tem uma questão com o povo do

país que iremos. Resta saber qual a sua questão e a de Hugo. Ou Hugo apenas te acompanha para que não fique só, porque a questão toda é você.

Mas o que sou?

O que represento?

Estou em um grupo onde todos querem vingança?

Mas eu só quero a paz!



Capítulo 1

Quatro meses após o prólogo

— Felipe! Felipe! Felipe! — grito. — Felipe!

Onde esse garoto está?

Ando até a sala de jogos e não o encontro. Subo as escadas e vou até o seu quarto, mas ele também não está aqui. Vejo o seu guarda-roupa e penso na hipótese dele estar escondido ali dentro, já que ele ama brincar de se esconder. Aproximo-me e abro a porta, ele não está aqui.

— Ele não pode ter saído, os seguranças do portão não deixariam que isso acontecesse e eles me visariam se vissem Felipe fora de casa. —

penso alto.

Meu coração já está muito acelerado. Ando até o meu quarto e não o encontro.

Depois de vasculhar todo o andar de cima e não o encontrar, desço as escadas e verifico novamente, sempre gritando pelo seu nome. Não obtive nenhum sucesso. Ando até a área da piscina e fico aliviada em ver que ela está coberta.

Pelo menos, uma vez na vida, Leonardo me escutou.

— Felipe! — grito novamente.

Deus, onde esse menino foi parar?

Felipe não sairia de casa, de modo algum! Eu só fui tomar banho e ele já some...

Ando até a garagem e não vejo nada demais. A quadra de basquete, que fica ali próximo, está vazia também. Quando me viro para

sair e ligar para alguém me ajudar, começo a escutar risos.

Ando em direção ao som e ele fica mais alto quando me aproximo do último carro.

O vidro escuro me impede de ver o que tem dentro, mas sei que tem duas pessoas se divertindo muito.

Abro a porta e escuto o grito de surpresa de Leonardo e Felipe.

Leonardo, quanto tempo...

— Estou que nem louca atrás do Felipe e os dois estão escondidos no carro? — esbravejo.

— Não estamos escondidos. — Leonardo diz, me olhando como se eu fosse uma louca. — Estou mostrando o carro para o Felipe.

— Chega em casa do nada e ainda me faz passar por esse susto?

Escuto o suspiro de Leonardo e ele vira Felipe para mim. Noto a sua boca suja de chocolate.

— Só estava matando a saudade dele, e faria uma surpresa para você. — se estica e pega um buquê de flores no bando de trás do carro.

— Desculpe o sumiço.

Viro-me e saio da garagem, caminhando de volta para dentro de casa. Deixando seu buquê estendido.

Meses que eu não sabia nada de Leonardo, quero dizer, sabia sim, ele ligava, porém... Porém nunca falava pra onde.

Nosso casamento não tem dado certo, essa é verdade. Leonardo tenta provar que

pode ser da Nostra, tenta mostrar ao meu pai e ao seu que ele pode estar ao lado de Daniel na liderança.

É uma questão pessoal.

Mas para isso ele nos deixa de lado.

Cresci sabendo de tudo, mas meu plano não era estar com Leonardo, apenas aconteceu e aceitei. Desde então... Nunca fomos marido e mulher de verdade.

Por outro lado, Leo ainda é aquele cara de sempre. O cara que ao mesmo tempo odiava e amava... *Amo*.

Leonardo é o cara que parece que não cresceu. Felizmente a sua imbecilidade não existe mais, mas as suas brincadeiras e despreocupação com o mundo ainda existe.

Enquanto tento colocar ordem na casa e educar o Felipe, Leonardo vai lá e faz tudo ao contrário.

Isso porque estou sempre por perto, Leo está sempre cuidando dos negócios, sei lá onde.

Se eu mando Felipe treinar um pouco a leitura e a escrita, Leonardo vai lá e começa a brincar. Se eu mando Felipe ser mais organizado e peço para que ele pare de espalhar brinquedo pela casa, Leonardo vai lá e diz "é coisa de criança, eles precisam bagunçar um pouco". Se eu peço para que Felipe coma verduras, Leonardo vai lá e entrega doces.

Claro que eu pareço à megera da história.

Leonardo tem autoridade na casa, apesar de sempre ir contra as minhas ordens. Lembro uma vez que Felipe fez menção de fazer birra porque queria um carrinho, mas Leonardo sabia que se desse, Felipe faria birra para conseguir tudo. Foi à única vez que vi Leonardo reclamar com o filho. E, para a minha surpresa, Felipe entendeu o recado e nunca mais fez nada do tipo.

E é isso o que me irrita!

É claro que é lindo ver o amor que existe entre os dois, mas, droga! Eu só queria

que a minha palavra fosse levada a sério uma vez na vida.

É, o nosso casamento é um fiasco!

— Qual o problema? — Leonardo segura o meu braço.

— Está falando sério? — saio do seu aperto. — Temos problemas, Leonardo, e problemas que precisam ser resolvidos.

— Precisei resolver alguns assuntos, mas sempre volto para casa.

— Evitando conversar sobre nosso casamento, sobre como tudo é um caos! Pediria para termos uma conversa, mas por que eu faria isso?

Por quê? Você não estará aqui mais, daqui alguns dias tentará provar para

meu pai que é um bom mafioso para estar lá no alto. E eu? Continuarei aqui, esperando a sua boa vontade de retornar, brincar com Felipe e fazer de conta que estamos bem.

A cara que Leo faz... Parece que levou um tiro. Uma mistura de susto, dor e surpresa.

— Devemos conversar, Giulia.

— Converse com meu pai, a Nostra sempre será melhor e mais preciosa que eu. E eu ainda aceitei casar com você! — meu riso é bem rancoroso. — Anos dois mil e eu ainda achava que casar por causa de gravidez era uma boa ideia? Deveria lembrar o quanto você é dedicado a máfia!

— Giulia, você sabe que sou a piada desse lugar! Todo mundo sabe que tenho meus momentos de ser idiota, mas...

— Não quero saber, Leonardo! Preciso me arrumar. Já que está aqui, cuide do nosso filho.

— Giulia...

— Olhe, eu gosto de você, ok? Felipe foi algo que simplesmente aconteceu e você me pediu em casamento. Eu te odiava muito, mas foi legal comigo. Já que

engravidei, aceitei o casamento e fomos felizes. —

tento não chorar, mas sei que estou falhando. — Passei nove meses grávida, estava depressiva e ainda fiquei no hospital por um bom tempo.

Você ia e vinha por causa da Nostra. E agora? Agora você vai, deixa Felipe comigo e quando volta... Você deixou tudo comigo. Foi atrás do seu lugar na Nostra. Juro que tento entender que é assunto sigiloso, mas, cara... Custa ao menos dizer onde está? Não liga, acho até que morreu, quando retorna finge que nada aconteceu e preciso engolir suas desculpas pelo bem da família.

— Nunca falou sobre isso. Se você tivesse falado isso antes...

— O que adiantaria?

— Quando entenderá que realmente te amo? Que eu faço de tudo por você? Nunca temos um diálogo!



— Tentei conversar com você há três anos e tudo o que ganhei foi um casamento infeliz!

Viro-me e corro para o meu quarto, trancando a porta atrás de mim. Deito-me na cama e deixo as lágrimas caírem livremente.

Preciso do divórcio.

Sinto alguém andando pela cama e depois as mãos em meus cabelos.

— Leonardo, pare com isso! — grito.

— Mãe, sou eu.

— Oh, desculpe. Pensei que fosse o seu pai.

Acendo a luz e viro-me para o meu filho.

— Ei, por que está triste? — pergunto.

— Porque você brigou com meu pai porque comi chocolate escondido.

— Não foi isso, não tem nada a ver com o bendito chocolate.

Problemas de adultos.

— Desculpa. — abaixa a cabeça.

— Não fez nada, Felipe.

— Meu pai saiu e me pediu para cuidar de você.

Olha se Leonardo já não foi cuidar de algo da Nostra...

— Cuidar de mim? Seu pai está louco, eu que devo cuidar de você.

— Ele disse que era pra eu cuidar da garota que ele mais ama no mundo.

— Seu pai está jogando baixo te mandando aqui para dizer isso.

— tento não sorrir.

— Mãe, por que você e o meu pai vivem brigando?

— Porque estou cansada, apenas isso.

— Meu pai te ama muito, muito mesmo. — abre os braços como se estivesse medindo o "amor" do seu pai por mim.

— Ele te ensinou bem. — aperto o seu nariz e ele ri com o que cabei de fazer.

— Eu também te amo muito. — se joga em cima de mim e me aperta.

— Ele te obrigou a isso? — abraço-o apertado.

Balança a cabeça negando.

— A única coisa que ele pediu foi para ficar aqui, ficar quieto, obedecer e ficar falando que ele te ama muito, muito, muito...

Felipe começa a repetir as palavras sem parar.

Acho que se eu e Leonardo tivéssemos tido um relacionamento normal, nada disso estaria acontecendo... Apenas não consigo gostar de Leonardo depois do que aconteceu naquele dia... Quer dizer, sei que em alguns momentos gosto dele, mas o passado sempre estará aqui para me lembrar quem ele é de verdade.

O cara que sempre vai deixar tudo pela Nostra e me deixar de lado...



Capítulo 2

Passado

— Não sei o motivo de estar aqui. — sussurro, tentando não me irritar mais.

Não sei por que estar em uma festa de boas-vindas se não gosto de Leonardo.

— Porque Leonardo estava na Itália e agora voltou. — minha mãe responde o óbvio.

— Eu sei, mas não gosto nem um pouco de Leonardo. Não vejo motivos de estar aqui, na sua festa de boas-vindas.

— Leonardo passou três anos longe daqui, deve ter mudado. E, vamos combinar, ele já saiu daqui diferente.

— Saiu mais idiota que antes.

Minha mãe revira os olhos e se afasta, andando na direção da minha tia, Isabella, a mãe "adotiva" de Leonardo.

Leonardo e eu nunca nos demos bem. Não lembro claramente o que aconteceu, mas meu pai contou. Quando era uma criança quis brincar com Leonardo, mas ele disse que garotos não brincam com garotas e eu deveria sair. Meu pai falou que eu fiquei muito irritada, fui até a caixa de areia, enchi meu balde de brinquedo com ela e joguei em Leonardo. Ao que tudo indica, todos ficaram surpresos com a minha reação, já que eu sempre fui calma.

A partir daquele dia, o ódio cresceu.

Leonardo vivia implicando com o meu peso e, segundo ele, sou esquisita demais.

Ele foi embora da cidade há dois anos. Completar os estudos na Itália, morando com os avós paternos. Leonardo sempre foi um rebelde sem causa e vivia entrando em confusões. Lembro que tio Marco, que é o pai de Leonardo, deu um ultimato a ele. Se não parasse de entrar em confusão, moraria com os avós. Óbvio que Leonardo não cumpriria o trato.

Agora, dois anos depois, Leonardo está voltando.

Leonardo está com dezessete anos e eu farei quinze. Queria que ele tivesse amadurecido por causa da idade, mas, pelo que tio Marco falou, nada disso está acontecendo. Leonardo continua sendo o cara das festas, coisa que seus pais odiaram saber.

Não sei ao certo, mas acho que Leonardo voltou por causa da Nostra Ancoma. Essa é uma máfia que, infelizmente ou felizmente, o meu pai é o "poderoso chefão". Creio que Leonardo voltou para participar dos negócios e para ver se toma juízo de alguma maneira.

Sento na cadeira que está afastada de todas as pessoas que esperam por Leonardo. Aqui temos os seus familiares, os meus pais e irmãos, e os amigos de Leonardo, que, por sinal, eu os odeio, já que são como o anfitrião da festa.

— Uau, não imaginei que Leonardo fosse tão querido. — Karen, a caçula dos Bertollini, senta ao meu lado.

— Nem eu imaginei que o mundo tivesse tantos idiotas.

— Eles nem devem lembrar a sua existência, já saíram do colégio há um tempo.

Quando Leonardo me irritava, essas pessoas estavam lá, ao seu lado e rindo de mim. Eles nem se importavam sobre o meu pai ser um mafioso. Na verdade, meu pai sempre achou que fosse uma birra infantil.

— Não sei por que estou aqui, já que eu odeio esse cara.

— Giulia, ele pode ter mudado. — Karen dá de ombros. — Pode ter tomado juízo.

— Ou pode ter ficado pior, acredito mais nessa hipótese.

— Isso é o que saberemos agora.

Karen faz sinal para que eu olhe para frente. Quando faço isso, vejo Leonardo caminhando pelo enorme jardim e abraçando os seus pais e a sua irmã mais nova, Katherine.

Olho um pouco para Leonardo e reparo o quanto ele mudou.

Quando saiu daqui ele era um garoto magro, alto demais para a idade, com o rosto livre de pelos e o cabelo que sempre andava bagunçado.

Agora ele está forte — o que me faz pensar que está fazendo musculação

—, noto que ele deixou o a barba crescer um pouco e o cabelo está mais curto e arrumado.

— Estará mais metido que o normal.

— Por quê? — Karen olha para mim com um sorriso. — Por que ele está mais bonito que antes?

— Leonardo já era metido quando era um magricelo, agora ele vai se achar melhor que todos. E, para piorar, não mudei nada, continuo acima do peso.

— Ele tem dezessete anos, está na hora de parar com o Bullying.

— Karen, estamos falando de Leonardo Vesentini, ele nunca vai parar de ser idiota.

— Então é bom preparar as armas, porque Leonardo está vindo para cá.

Viro rapidamente a minha cabeça e vejo Leonardo andando na nossa direção. Ele está sorrindo e me preparo mentalmente para a batalha verbal que está prestes a acontecer.

— Karen. — ela levanta da cadeira e abraça Leonardo, os dois sempre se deram bem, o que sempre me irritou. — Giulia.

Leonardo estende a mão para mim e eu fico o encarando.

— Tudo bem com você? — pergunta.

— Isso importa? — não o cumprimento de volta.

— Ok. Dois anos se passaram, não quero brigas. Voltei disposto a uma trégua.

— Por quê?

— Porque está na hora de crescermos. Trégua, apenas isso.

Leonardo estende a mão para mim novamente.

— O que está aprontando? — arqueio a sobrancelha. Leonardo nunca pediria trégua a troco de nada. — Ah, já sei! Tem algo a ver com a Nostra? Quer puxar o saco do meu pai e mostrar que eu e você não temos mais nenhuma desavença?

— Não, quero apenas a trégua.

— Sem piadas sobre o meu peso?

— Não tem nada de errado com o seu peso. Eu cresci, entenda isso.

O que perderei com isso? Mesmo que seja tudo mentira, é apenas evitar Leonardo e pronto.

— Ok. — aperto a sua mão. — Trégua aceita.

Capítulo 3

Agora

— Sério, Giulia! Eu melhorei sim! — Katherine grita, coloca a música no celular, um funk qualquer, coloca as mãos nos joelhos e tenta rebolar a bunda. — Viu só?

— Parece que seu número dois ficou preso e você está sacudindo para que caia. — Felipe se intromete, enquanto toma seu achocolatado.

— Felipe! — grito. — Não fale assim com sua tia!

— Obrigada, Giulia.

— Mesmo que pareça que ela está tentando tirar o número dois da bunda. — complemento e Katherine abre a boca. — Nem comece com os dramas, coisa linda.

— Giulia! — esperneia. — Você é a única que me escuta!

— Sua mãe é professora de dança...

— É, mas se eu dançar qualquer coisa que envolva rebolar e balançar a bunda minha mãe vai ter orgulho de mim! Quero que dona Isabella continue achando que sou uma gótica trevosa, é bom para perpetuar a minha fama dark.

— Ela realmente acha que alguém no mundo tem medo dela. —

Karen sussurra.

— Karen, meu anjo, eu sou dark e você é boazinha. Giulia é a princesinha. Vamos lá, mulheres, somos piadas nessa merda!

— Claro, você é uma palhaça. — Felipe provoca.

Felipe e Katherine, duas crianças quando se juntam!

— Felipe, vai fazer seu dever de casa. — mando.

— Mas eu já fiz.

— Faz de novo.

— Mãe...

— Felipe...

— Toma, Felipinho idiota. — pronto, Kat e Felipe começam uma disputa para ver quem é mais idiota. — Ok, Giulia, qual foi?

Depois que Felipe se afasta, decido falar com as duas únicas pessoas que tenho. Quero dizer, tenho Jasmine, mas nem todo mundo sabe dessa amizade.

E minha mãe e tia Isa, mas já enchi seus ouvidos de dramas.

— Leo voltou. — começo a falar. — Sendo chato, coisas cotidianas.

— Não pensa na separação? — Karen pergunta. — Um ultimato, pelo menos.

— Sempre que peço ele desvia o assunto ou simplesmente some.

Ontem mesmo eu não dormi aqui, peguei minhas coisas e fui para outra casa, Leo ficou com Felipe. Fui comer chocolate e pizza, ok, foi interessante passar um tempo sozinha.

— Chorou? — Kat pergunta.

— Por incrível que pareça, não. Porém, fiquei me perguntando como estava aqui em casa. Um pai idiota ou responsável. Pelo menos ajudou Felipe no dever de casa, que é obrigação dele e não quero aplaudir um pai por fazer nada mais que sua obrigação.

— Olha, não é defendendo não, até porque eu Leo somos uns amores um do outro, para não dizer o contrário. Mas meu irmão está estranho, mais do que o normal. Ontem foi lá em casa, até meu pai disse que Leo está aéreo. Leo não é aéreo, ele é idiota, brincalhão. Mas aéreo?

— balança a cabeça em negação. — E se quer saber, meu pai também disse que não fazia ideia sobre o que Leo estava fazendo.

— Você contou isso. — passo a mão pelo pescoço, em um gesto nervoso. — Mas e aí? Leo esconde o que faz de todo mundo e eu tenho que aceitar? Tenho que aceitar que o casamento terminou há três anos.

— Não que eu entenda desse assunto, e nem deve ser a babá de Leo. — Karen segura a minha mão. — Mas Leo demonstra que te ama, vocês estão juntos há sete anos, Giulia. Tudo desandou há três anos.

Aconteceu algo...

— Sim, mas Leo não conta nada!

— Insiste, sério. Sei que uma hora cansa, mas vai que, sei lá, Leo precise tanto de ajuda que nem consegue falar?

— Uma doença? Um erro grave cometido? — começo a me questionar. — O quê? Ele não divide nada comigo. E entendo que é máfia e *blá-blá-blá*, mas sério... — solto todo o ar pela boca, cansada de tantos questionamentos. — São três anos que praticamente não o vejo como companheiro, e quando vejo ele vem com o papo de estar junto, de sentir saudades. Beijos, abraços e sexo...

— Não detalha, por favor. — Kat fecha os olhos.

— Suas mãos pelo meu corpo...

— Para!

— Sua boca na minha...

— Em nome de Jesus eu não quero saber!

Começo a rir com Katherine e sua aversão a sexo.

— Como será quando transar com Gabriel? — Karen pergunta, aí sim Kat abre os olhos. — Ela quer, só está esperando Gabriel acordar para a vida.

— Ele disse que me ama como irmã! A merda! — grita. — E eu também não quero! Eu me amo, sou feliz assim! E só tenho dezenove anos, de qualquer maneira. Não mude de assunto, Giulia! Quero saber sobre Leo, não as saliências que pratica com ele.

— Que linguajar horrível, garota.

— Continue, Giulia.



Encosto minha cabeça no sofá.

— Leo parece que necessita de alguém, de carinho, sei lá, mas sempre é "senti sua falta". Ele me esconde algo sim, e se até tio Marco pensa isso, deve ser algo sério. Mas estou cansando, sabe? Não sei se consigo prosseguir nessa de tentar saber e ajudar. Porque não adianta eu querer, o outro tem que ajudar a ser ajudado.

— Já falou com Daniel? — Karen pergunta.

— Não, ele não está no país. Acho que voltará semana que vem.

— Não, ele voltará hoje. Ficou de saco cheio dos negociantes e mandou outra pessoa ficar em seu lugar. É, Daniel é impaciente em reuniões. Mas ele é o melhor amigo de Leo, talvez saiba de algo mais.

— Que merda está fazendo aqui, garoto? — olho para Gabriel, meu irmão mais novo, parado a minha frente no corredor da faculdade.

— O que é?

— Meu pai está irritado comigo.

— Grande novidade.

— Fiquei ao lado da vó Isis, irritei vô Yankee, meu pai brigou comigo e minha mãe brigou com meu pai. Eu trouxe o caos!

— Isso porque você é o herdeiro da Sangre Latino e briga com o chefão.

— Vô Yankee me ama, eu o desafiei. Mas sobre essa faculdade, pra que melhor que uma faculdade para dizer que sou sensato? — abre os braços, depois vira de costas, mostrando a mochila. — Entupida de

livros, para dar uma moral com Fernando Bertollini e ele vê que quero algo com a vida.

— Acho que ele também ficaria feliz de te ver com uma arma. Se bem que você atirou em uma pessoa porque ele te irritou.

— Atirei no pé, nada grave.

— Faculdade é sua solução?

— Se bem que a última vez que entrei na faculdade saí dois dias depois porque briguei com um cara. Dessa vez se me chamarem de filho da puta só quebrarei o nariz, não um braço.

— Meu pai amou o que fez, xingaram a nossa mãe!

— É, mas aí deu um puta processo, meu pai foi ameaçar o cara.

Foi mais ou menos. Nosso pai ficou orgulhoso ao mesmo tempo ficou dez mil mais pobre. Ele recuperou tudo, obviamente. Mas sobre a faculdade, estou cursando gastronomia com Katherine.

— Gastronomia? Sério?

— Não exige muito do meu tempo e eu sei cozinhar muito bem.

— Não estou acreditando nisso! Lembra que o vô Yankee fingia ser chefe de cozinha?

— Agora eu serei um, até algum momento quando meu pai decidir que posso ir a Nostra como um membro. Sabe, trabalhar para os dois lados.

— Não sei se a Nostra vai aceitar.

— Meu pai prefere me treinar. — dá de ombros. — Oi, Jasmine.

Jasmine para de andar e encara meu irmão. Sua pele escura quase empalidece com o susto.

— Relaxa que eu não vou te matar. — ele estende a mão para ela.

— Sou o Gabriel.

— Pode apertar, ele só é violento com quem xinga nossa mãe.

— Jasmine. — sem jeito ela aperta a mão de Gabriel. —

Desculpe-me, é que nossos pais, bem... Você sabe.

Conheci Jasmine no ensino médio, sem ter ideia de quem era.

Depois que meu pai mencionou que a filha de Tyler estudava no mesmo colégio que eu, mas já era tarde demais, já éramos amigas.

Talvez nossos pais saibam disso, mesmo assim só nos vemos na faculdade.

E Jasmine é a madrinha de Felipe, um dia... *Eu torço para que tenha alguma paz real e possamos conviver.*

— O que faz aqui? — olhamos para Cassie, sobrinha de Arthur e Dianna, que encara meu irmão. — Gabriel?

— Sou o novo aluno de gastronomia.

— Por quê? — *nem Cassie acredita nisso.*

— Tomando juízo.

— Por que todo mundo resolveu vir até aqui? — olho para Leo, que está se aproximando junto a Daniel. — Reunião da Nostra na faculdade?

O que está acontecendo?

— Acho melhor eu ir...

— Oi, pessoas! — Leo se aproxima da rodinha. — Oi, Jasmine.

— Ah... — Jasmine vai desmaiar, até seguro seu braço. — Oi.

— Uma reunião no corredor. — Daniel coloca o braço no ombro de Gabriel. — Olá, Jasmine.

— Ah, Deus. — ela aperta a minha mão. — Oi. — olha para mim.

— Acho melhor eu ir. — sussurra. — Nunca vi tanta gente da sua máfia junta, e falando meu nome.

— Vocês a conhecem? — pergunto.

— Ela ainda não sabe que conhecemos todo mundo desse lugar.

— Leo pisca um olho pra mim, o maldito sorriso sedutor de sempre. —

Vim ver as coisas por aqui.

— Por quê? — *do que ele está falando?*

— Faculdade é um bom comércio...

— Por que estão falando isso tão alto? — interrompo Leo, mesmo que o corredor esteja vazio, porque os alunos já entraram na sala enquanto eu estava surpresa com Gabriel dentro de uma faculdade.

— Calma, não viemos traficar aqui e nem é uma reunião no meio do corredor. — Leo responde. — Depois nos vemos em casa, pode ser?

— Tanto faz.

— Estarei à espera.

O grupo se dispersa.

— O que foi isso? — Jasmine pergunta.

— Entendi nada, também não sei muito sobre negócios. Mas veja só. — fico a sua frente. — Os herdeiros da Nostra não se importaram com você...

— Mas apareceram justamente quando eu vim com os seguranças do meu pai. — pega o celular rapidamente do bolso e começa a digitar.

Espero para me dar alguma informação. — Disseram que nada aconteceu. Sei lá, meio estranho tanta cordialidade comigo.

— Jasmine, eles não fazem mal a pessoas como você.

— Tem rolado umas coisas estranhas, tipo meu pai achar que devo casar. "Vinte e quatro anos e não arruma ninguém". Meu pai tem medo de acontecer algo com ele e a M-Unit ficar com outro alguém. Minha mãe talvez lide com isso, mas meu pai quer herdeiro. Minha mãe sofreu dois abortos e é isso, ficou comigo a responsabilidade.

— E o que tem a ver com meus irmãos? Não entendi a ligação.

— Nada. — faz sinal com a cabeça e vejo sua amiga correndo para não se atrasar para a aula.

— Sua amiga, vadia Leila. — provoco.

— Giulia...

— Vai lá com Leila vadia. — beijo seu rosto. — Até mais tarde!

Afasto-me de Jasmine, deixando com Leila. Até fomos próximas, mas Leila é forçada ao extremo, não nos damos bem. Então é melhor me afastar do que começarmos a ironizar uma na cara da outra.

Mas agora, estando sozinha... *O que meus irmãos estão fazendo aqui na faculdade? Todos juntos.*

Tem algo aí.

E talvez ninguém vá me contar.



Capítulo 4

Passado

— Giulia está diferente, mais bonita.

Daniel olha para mim como se eu fosse um louco.

— Você está bem? — pergunta. — Nunca elogiou a minha irmã.

— Porque ela era uma criança irritante.

— Você a irritava.

Ignoro as palavras de Daniel e volto a minha atenção para Giulia.

Giulia... Quem diria que eu voltaria para esse lugar destinado a ter algo com ela? Depois de todas as fotos que vi dela, a minha vontade e curiosidade de voltar aumentaram.

As fotos de festas de família e da escola me fizeram ficar curioso sobre "a nova Giulia". Daniel também conversava comigo, falou sobre ela estar fazendo aulas de danças e que, futuramente, pretende ficar à frente dos negócios.

Meu pai mandou voltar porque está na hora de me tornar um homem e assumir os negócios. Não apenas na Nostra Ancoma, mas, também, em sua construtora. Já que não quero ir para a faculdade, terei que aprender com o dono daquilo tudo, o meu pai.

— Pare de olhar para a irmã como se fosse comê-la!

— Talvez eu queira. — Daniel me dá um soco na costela. —

Brincadeira, cara!

— Brincadeira com minha irmã? — dá outro soco. — Por isso ela não gosta de você!

— Eu era o idiota que fazia brincadeiras estúpidas. Cresci o suficiente para entender que não era brincadeira. Voltei disposto a mudar, melhorar meu jeito de ser e para... — penso no que posso dizer, sem levar outro soco desse cara. — Sei lá, ser amigo de Giulia.

Daniel me encara por um tempo, provavelmente tentando ver se falo a verdade.

— Acha que Giulia vai me perdoar?

— Pelos anos de irritação? — torce a boca. — Acho que sim.

Giulia é a favor do perdão, vai te perdoar. Só não entendi por que quer isso.

— Quero me redimir dos meus pecados. — Daniel balança a cabeça, claramente não acredita em mim. — Agora, preciso ir ali.

— Tem pessoas querendo te ver.

— Não gosto desse povo. O tempo do colégio já passou e você sabe que é o único amigo que tenho. Agora, preciso ir ali.

— Isabella não vai gostar nada disso.

Daniel olha para a minha mão, onde seguro um isqueiro.

— Ela não precisa saber desse pequeno detalhe.

Saio da área da garagem e ando até a área arborizada. Fumar lá dentro, com certeza, me traria problemas. Mas isso será resolvido, já comprei um lugar só para mim.

Fumar foi algo que me trouxe alívio quando eu era estressado pelos meus avós

paternos. Prefiro os pais da minha mãe — que não são meus parentes de sangue — do que os do meu pai. A cada dia com os Vesentini era uma irritação diferente.

Sei que meu pai me mandou para aquele lugar como um castigo.

Poderia sair, mas não faria aquilo. Caso fizesse, adeus Nostra Ancoma.

Passei anos da minha vida sonhando com o grande dia, o dia em que conseguiria ser, pelo menos, o braço direito de Daniel. Não me importo em dividir, Daniel é o irmão que nunca tive... Mas jamais considerarei Giulia como uma irmã. Irmãos não podem se relacionar da maneira que quero fazer com ela.

Se bem que Fernando ainda tem que me aceitar.

Na verdade, ninguém me aceita ao todo. Tenho esse lado idiota, que, infelizmente, não consigo controlar.

Mas tenho que controlar, por conta da Nostra.

Um dia provarei que sou capacitado para estar ali.

— Seu pulmão vai apodrecer e você vai morrer!

Assusto-me com essas palavras. Viro-me e dou de cara com Kat, minha irmã mais nova.

— Porra, Katherine! Que susto! — resmungo e apago meu cigarro.

— Você disse que tinha parado de fumar. — cruza os braços. —

Você é um mentiroso!

— E você é uma boa irmã que ficará quietinha sobre isso, estou certo?

— Talvez. — dá de ombros.

— O que quer em troca?

— Eu? Nada! Só queria sair dali. — aponta para onde Gabriel está sentado com uns amigos.

— Gabriel te fez algo? Não me importo de quem ele é filho, eu vou lá e quebro a cara dele.

— Sei que não se importa com Fernando, afinal, você sempre foi escroto com Giulia.

— Não foi tanto assim...

— Não? — a garota grita e dá uma risada sarcástica como se eu tivesse falado a maior besteira de todas. — Giulia é muito legal e você sempre foi um imbecil com ela. — me olha de cima a baixo. — Mas devo admitir, é corajoso, ninguém chama a filha de um mafioso de baleia loira e sai vivo.

— Mas Giulia era gorda.

— Você é um idiota... Espera um pouco. — levanta um dedo. —

Você disse que Giulia era gorda? No passado?

— Ela continua sendo, mas a vejo com outros olhos.

— Escroto, porém, seus olhos suavizaram.

— Giulia não é magra, ela tem curvas, e...

— Você ama Giulia! — do nada ela grita isso. — Sabia que isso aconteceria!

— Garota, do que está falando? Eu só falei que ela é...

— Seus olhos suavizaram, até brilharam. — quê? — Promete que vai guardar segredo? — confirmo. — Dedinho.

Reviro os olhos e fazemos o "juramento do dedinho".

— Foi assim. — senta ao meu lado. — Deveria estar dormindo, mas estava com fome e decidi descer para procurar algo para comer.

Estava na casa do vô Sergio. Ele, meu pai, tio Fernando e o nosso vô, estavam no escritório conversando. Escutei o nome "Giulia" e o seu. Sou curiosa e me aproximei para escutar. Eles falaram sobre um possível casamento entre você e Giulia. Tio Fernando não concordou e notei que a conversa passou de amigável

para um acordo.

— E... — peço para que ela continue.

— Não sei. — encolhe os ombros. — Eles mudaram de assunto e começaram a falar sobre negócios da máfia.

— Casamento com Giulia? — olho na direção em que a minha possível "noiva" está sentada. — Obrigado pela informação.

— Gostou? Eu sabia que estava gostando dela. — pisca um olho.

— Você me fazia muitas perguntas sobre ela.

— Agora só falta saber se ela tem algum interesse por mim.

Agora

Anos depois e ainda sou idiota de sempre.

E pior, o idiota que tentou mudar a imagem de idiota, e fez merda!

Talvez devesse desistir logo da Nostra!

Respiro fundo.

— Posso deixar as imagens nas suas mãos. — o reitor da faculdade onde Giulia estuda nos encara com os olhos semicerrados. —

Mas preciso saber o motivo isso.

Olho para Daniel, que se ajeita na cadeira e olha para o homem com um sorriso.

— O senhor sabe o motivo. — é apenas isso que Daniel responde.

— Desculpe-me, Daniel. Mas é algo que não posso...

— Não pode manter alunos seguros? — indago, encarando o homem que já tem o suor se formando na testa. — Não estamos pedindo câmeras em banheiros e vestiários, e sim acesso as câmeras de segurança para a segurança de alguns estudantes.

— E qual o risco? — ele até pega um lenço e passa na testa, para enxugar o suor.

— Pode ter gente perigosa aqui dentro, e não falo das garotas.

Nem de Gabriel. — Daniel responde. — E gente que pode acabar com isso tudo aqui, de maneira que nada tem a ver com nossos negócios.

— Poderiam ser mais claros?

Daniel olha para mim.

— Filmagens ou tortura? Ameaças? — Daniel fica ainda mais sério. — Eu posso começar a ir a escola que tem a dois quilômetros daqui, garanto que a diretora de lá não será contra uma conversa com uma garota de um metro e meio, cabelo com mechas rosas...

— Tudo bem! — o reitor grita. — Darei acesso às câmeras de segurança. — tenta se acalmar. — Contanto que não venda suas porcarias aqui.

— Ei! — falo em tom de advertência. — Não é porcaria, aquilo demora a se tornar a melhor de todas. Mais respeito com o nosso trabalho.

— Até porque é o nosso trabalho que te dá uma vida boa, quando precisou de ajuda em dívidas, veio na agiotagem ao nosso lado. Então, senhor, acho bom parar de suar tanto, não somos tão maus assim. Mas para proteger os nossos, podemos ferir os seus.

— Ok! — respira fundo. — Darei acesso às câmeras de segurança.

— Códigos e senhas. — prossigo. — Vamos ter acesso dos nossos locais, não daqui.

— Já chamarei o responsável para passar cada processo para o acesso. — ele pega o telefone e fala com alguém, minutos depois já temos todo o processo para entrar no sistema de segurança. — Pronto, tudo certo?

— Foi um bom encontro. — estendo minha mão, o homem, com a mão trêmula, aperta a minha. — Pode ligar o aquecedor, ou terá uma hipotermia com, pelo menos, trinta e três graus de temperatura.

— Na verdade eu acho que ele vai desmaiar com a pressão baixa.

— Daniel sorri. — Até algum momento, caso seja necessário.

Saímos da sala do reitor e vamos até o carro.

— Será que agora podemos falar da sua vida, Leonardo?

— Estou bem, obrigado.

— Mas Giulia não, mesmo que ela não queira falar do assunto. —

esfrego os meus olhos e não olho para Daniel. — Leonardo, o que aconteceu? Eu posso ajudar de qualquer maneira. E se for traição, eu quebro sua cara, mas não vou te matar.

Eu tenho que rir nesse momento.

— Nunca trairia Giulia. — olho para Daniel. — E não, não é por causa de Fernando ou por sua causa, eu amo Giulia. Amo muito mesmo.

— Ama tanto e a deixa pra trás? Entendo que foi assunto da Nostra, mas, porra, cara! Fica um pouco em casa, com ela. Giulia demorou a te aceitar, aí te aceita e você some? Some e nem nossos pais entendem ao certo o que faz?

Respiro fundo.

— Entendo que sempre foi visto como idiota, mas já provou que pode. Talvez seja uma superação pessoal, mas isso é mais importante que o amor? Que Giulia que você tanto lutou para conquistar?

Não respondo.

— Leo, sério...

— Depois, Daniel. Depois eu falo do assunto.

Porque ainda não sei como sairei dessa confusão.



Entro em casa e sou recebido pelos risos de Giulia e Felipe.

Caminho até o som e encontro os dois assistindo TV.

Olho para as duas pessoas que mais amo e sorrio. Isso logo termina quando penso na merda que fiz para provar que posso estar na Nostra, e a dúvida se conto logo ou se espero o prazo terminar e ter a certeza que não serei descoberto.

— Pai! — Felipe grita e Giulia me olha sem demonstrar nenhuma reação. — Vem assistir TV!

Coloco toda a papelada que trouxe do trabalho em cima da mesa e caminho na direção dos dois.

Felipe tem a cabeça no colo de Giulia e ela está praticamente deitada no sofá.

— Como foi o dia? — pergunto quando começam os comerciais.

Felipe foi até a cozinha pedir um copo de água para a Tiffany, a funcionária da casa. — Eu te esperei aqui, mas demorou tanto que precisei ir à empresa.

— Eu te esperei por meses, não vejo problema em me esperar por algumas horas.

Mereci!

— E então? — continua. — Agora poderemos conversar ou vai me enrolar com suas mentiras?

Aproximo-me de Giulia, que levanta e cruza os braços.

— Leo, seja o que for, pode me contar. Mesmo que seja um assunto sério da Nostra, pode falar comigo.

— Está compreensiva.

— Porque Kat contou que nem tio Marco sabe o que acontece com você, se nem ele sabe, então é algo seu. O que é, Leo? Eu juro que

estou fazendo de tudo para deixar de lado a parte onde me deixou sozinha naquele hospital no dia que Felipe nasceu.

— Eu... Eu fiz merda. Com você e com a Nostra.

— Então fala, Leo!

Engulo em seco.

Felipe volta à sala, mas como estamos conversando, vamos até o escritório.

— Você acha que sou idiota? — indago.

— Acho!

— Porra, Giulia! Um apoio moral seria bem válido...

— O que foi, Leo? Ainda é isso de provar a todos que você cresceu?

Viro de costas para Giulia.

— Leo...

— É que a merda que fiz, prova como sou idiota. — respiro fundo. — E eu só queria, uma vez na vida, que me olhassem como um cara que tem seus momentos, entende? — viro-me para Giulia, que tem o olhar compreensivo. — Eu gostaria de ser aquele homem que todos riem, sorriem, gostam de conversar, mas que depois todos tratam com respeito.

Tipo meu pai, ele tem seus momentos de ser idiota, mas ele é respeitado.

Por que ninguém me enxerga assim? Giulia, eu fiz pra caralho nessa merda e ninguém me dá qualquer valor.

— Leo. — segura minhas mãos. — Todos sabem como você é idiota, mas todos sabem como é confiável...

— Apenas confiável.

— E bom! — grita. — Nem deixou que eu terminasse de falar.

Para de se colocar pra baixo. Se fosse tão ruim, meu pai jamais deixaria que o casamento acontecesse, nem Felipe seria capaz do meu pai te aceitar ao meu lado. — volta a falar calmamente. — E sabemos que tem seus momentos, mas você é tão bom que te mandam resolver assuntos importantes.

É, confiaram em mim e talvez eu tenha causado uma grande merda que pode explodir em breve.

Por minha causa.

A minha burrice.

— Leo, está aqui? — estala os dedos na minha frente. — Se eu tirasse a minha roupa e mostrasse minha evolução como *belly dancer*? —

beija meu pescoço, claro que teve que ficar na ponta dos pés para isso. —

Ou então eu devo me ajoelhar aqui e...

Presta atenção nas palavras dela, Leo!

Vai, fica duro!

Fica!

— Eu não consigo! — mas abraço Giulia, que está desapontada.

— Preciso tentar resolver esse assunto sozinho. Fiz sozinho, resolverei sozinho.

— Leo, você só me faz ter mais raiva! — me empurra para longe.

— Por que não conta?

— Eu preciso resolver sozinho. Não é você, sou eu! Essa culpa que carrego.

— Espera. — levanta um dedo. — Isso vem desde o nascimento de Felipe? Se for, tem muitos anos...

— Não. No nascimento de Felipe eu tinha levado um tiro...

— E você não contou nada? — grita. — Sabe o quanto te odiei?

Sabe o quanto...

— Você ainda não ia com minha cara, Giulia! Transamos bêbados, os dois, ficamos "alegres" e ficamos juntos. Você engravidou, dizia que ainda não gostava de mim, se eu falasse do tiro, o que faria comigo?

Cuidaria de mim?

— Mas é claro.

— Não! Eu sabia disso, por esse motivo não contei. Porque ou sou idiota ou sou coitado, nunca respeitado! Então eu preferi dizer que me atrasei e *blá blá blá*. Me odiou? Sim, mas consegui conquistar seu amor e confiança depois, foi melhor assim do que cuidar de mim. Já tinha Felipe para cuidar, não precisava de mais um trabalho.

— Você precisa de ajuda, de conselhos, de conversa. Você se boicota, fica se sabotando, você tem baixo-autoestima, Leo! E nem venha

com suas conversas sobre isso ser frescura, porque não é! E toda essa mentira, essa vida que você cria, é apenas para acreditar que é capaz, e você é, mas ao mesmo tempo você acredita que é, você se sabota. E é o peso de ser o único herdeiro de Marco Vesentini. Você se espelha nele e acha que está longe de ser como ele.

— Eu não quero falar disso, Giulia.

— Mas vai falar. Uma semana. Ou me conta tudo ou sai de casa, eu entro na justiça e resolvemos a guarda de Felipe. — beija meu rosto e sorri de maneira doce. — Pensa bem, meu amor. Porque levou mais de uma década para que eu te amasse, não perca tudo em uma semana, porque aí sim você verá que a criança e a adolescente que te odiava no passado vai aparecer novamente. E não queira ser meu inimigo, porque farei da sua vida um inferno por ter me iludido. Tenha uma

ótima noite no quarto de hóspedes.

Ah, merda!

Mas Giulia é melhor que Fernando... Melhor que Daniel...

Isso que dá ser bom samaritano! Eu poderia deixado aquela garota morrer, mas não, me meti na história e agora estou encurralado e procurado.

Parabéns, Leonardo!

Parabéns por cometer um erro fazendo a coisa certa.



Capítulo 5

Abro os meus olhos e encontro Leonardo dormindo ao meu lado.

Ou melhor, o seu braço está sobre o meu corpo, como um abraço.

Adoraria ter tido a força de vontade de tira-lo do meu quarto aos chutes, porém, mais uma vez, eu apenas deixei que ele ficasse aqui.

Isso sempre acontece. No meio da noite, Leonardo sai do seu quarto e vem até o meu. Eu até dormia com a porta trancada no início, porém, uma vez, Felipe não estava passando nada bem e veio até aqui, ele bateu na porta, mas como tenho um sono pesado, eu não o escutei.

Ele foi até o seu pai e decidi que deveria dormir com a porta destrancada.

Depois que Leonardo soube dessa novidade, sempre que está em casa, vem fazer essas visitas noturnas.

Olho para Leonardo, que está dormindo pacificamente ao meu lado. Gostaria de sentir o mesmo nojo que antes, seria mais fácil de passar por tudo isso.

Ao mesmo tempo me sinto tola, idiota por não dar um pontapé nele, eu penso no que pode estar acontecendo para ele estar tão distante em tudo.

Agora que ele confirmou que cometeu um erro na Nostra, penso qual o nível desse erro, para que fique tão desnorteado.

Meu ultimato é porque não aguento mais, se for para estar ao seu lado, eu preciso estar na sua vida, sabendo de tudo, ou, pelo menos, algo por cima. Não apenas "é coisa minha".

Quer saber? Preciso ser forte! Se quero saber do seu problema, não posso abaixar a guarda, porque aí Leonardo entenderá que está tudo bem e nunca contará nada!

Preciso dar um gelo nele.

E quando penso nisso, pego o braço de Leonardo e começo a tira-lo de mim.

— Qual o seu problema? Até a alguns segundos atrás, você não estava se importando com isso. — Leonardo diz e percebo que a sua voz não está sonolenta, ele já estava acordado.

— Estava pensando se deveria te acordar, mas já chega dessa aproximação. — aperto o seu braço e sei que a minha unha pode rasgar a sua pele, mas isso não importa para ele.

— Pare de ser tão... Tão...

— Fale, Leonardo! — continuo na minha tentativa estúpida de me livrar dele.

Com uma rapidez que me causou surpresa, Leonardo já está sobre o meu corpo. Ele consegue pegar os meus dois braços e faz com que eles fiquem sobre a minha cabeça. Sendo assim, estou presa a ele. Quando penso que posso mover as minhas pernas, ele vai lá e fica no meio, o alvo que eu tinha no meio das suas pernas não existe mais.

— Vamos parar de brigas. — Leonardo sussurra. — Você gosta quando durmo

aqui, você gosta quando te abraço e quando digo que te amo. Não finja, eu sei que quando entro aqui no quarto, você está acordada e, mesmo assim, não briga, muito pelo contrário.

— Eu não...

— Não minta para mim. Eu te conheço muito bem.

Leonardo aproxima o rosto do meu, mas sou mais rápida que ele.

Desvio o meu rosto. Mesmo assim ele não para, morde o lóbulo da minha orelha, o que me faz senti arrepios pelo corpo.

— Sim, Leonardo, tem razão. — volto a encara-lo. — Eu amo você, gosto de quando faz isso, porque fica calado! Porque não vem com desculpas estúpidas. Então, pare de agir como se estivesse tudo bem, porque não está!

Pronto, não há qualquer clima aqui.

Leonardo sai de cima de mim e fica em pé, ao lado da cama.

— Você poderia muito bem contar a verdade, pelo menos pra mim. Eu não vou te julgar, só sou filha e esposa de mafioso, nada mais que isso. Nem sou mais uma criancinha que corre até o pai para contar o

que Leonardo fez, crescemos, marido. — ironizo a última palavra. —

Então, pode confiar em mim.

— Por que não confiou em mim para contar de Jasmine? — olha para mim. — É, temos os nossos segredos por conta da Nostra.

— Porque seriam contra essa amizade. — respondo. — São neutros, não amigos, Leo. E eu amo Jasmine, é a única amiga que tenho diferente de irmã, primas de consideração, mãe e tias. Nessa cidade todos sabem o que sou ou suspeitam do que meu pai faz, ou querem amizade por isso ou me evitam pelo mesmo motivo. E Jasmine entende o que passo, então nos unimos em uma amizade que tenho certeza que nem a M-Unit e nem a Nostra aceitarão.

— Todo mundo sabe dessa amizade, Giulia. — ele ri. — Não dá para esconder

algo da Nostra.

— Realmente, todo mundo nos segue. — dou de ombros. —

Estranho é não terem barrado essa amizade.

— Jasmine não apresenta perigo algum, é uma boa garota, segundo seu pai, senhor Fernando Bertollini.

— E o que fazia na faculdade?

— Jovens na faculdade, Giulia! Quer um mercado melhor que esse para vender drogas?

— Vocês foram vender drogas na faculdade?

— Empreendedorismo é o nome.

— Gabriel também? Porque não engulo essa gastronomia dele.

— O cara cozinha bem pra caralho...

— Ele odeia estudar.

— É só cozinhar.

— Você está brincando?

— Não, gastronomia é só cozinhar.

— Não, não é só cozinhar. É estudo de técnicas, de cultura, de culinária de vários países, tipos de cortes, entre tantos outros detalhes. Se fosse apenas cozinhar eu tinha ido nessa, não em literatura.

— Uma perda de tempo, nunca vai trabalhar nisso.

Leo tem razão, no máximo publicar algum livro, mas também não estou afim. Estudo para passar tempo, e porque gosto de literatura.

Minha vida já está feita, graças ao meu pai. Ajudo minha mãe e tia nas escolas de dança, área administrativa, nada a ver com literatura...

Então me dedico a literatura e a vida de mãe.

Eu não quero babás. Nada contra, mas lembro da que tive e foi um grande problema em nossas vidas.

Então, não faço grandes coisas mesmo, o que é cuidar de um filho que é minha obrigação?

— Não mude de assunto, seu idiota! — aponto o dedo para ele. —

Estamos falando da sua história de vida.

— Somos tão fofos, eu sou "idiota" e você "gordinha".

— Eu emagreci. — mostro meu corpo. — E meus ossos são largos.

— Não tem porque emagrecer.

Cruzo os meus braços.

— Eu deveria imaginar que sua implicância na infância era apenas amor reprimido, a raiva porque me amava e sempre te esnobei.

— Você era chata pra caralho, Giulia! Mandona, não sei de onde tiram que você era doce. O doce de limão da minha mãe é mais doce. E

sabemos como dona Isabella é um desastre na cozinha.

— Mesmo assim se apaixonou por mim, levou trinta e sete foras, precisei ficar bêbada para transar com você.

— Ainda desconfio se estava bêbada mesmo, eu duvido!

Sorrio para ele.

Não estava bêbada, Leo estava um pouco.

Eu forcei a situação.

Leonardo é lindo demais, eu odiava, mas cara... Que homem lindo! E já dava em cima de mim.

Mas eu cairia no papinho do idiota que fazia bullying comigo?

Sim, mas eu não queria sair por baixo.

Fingi que estava bêbada, sedenta. Transamos... Joguei a culpa na bebida porque Leo tinha um sorriso arrogante.

A partir daí Leo estava na minha mão.

Não saía, não ia para farras. Não pedi nada disso, mas Leo até cortou contato com as mulheres.

Eu o seduzi, sei disso.

Dificultei mais um pouco e pronto, Leo já era um homem sério, pelo menos na arte da conquista.

Depois foi idiota novamente.

Aí melhorou de vez.

Agora desandou!

— Falaremos do aqui e do agora, quer dizer, tem uma semana para isso. — sorrio. — Pode pensar a vontade na sua decisão. Porque eu tenho dinheiro de ir lá para onde Judas perdeu as botas, e tenho como impedir que você chegue perto de Felipe.

— Aí já é jogar baixo, Giulia. — seu tom de voz fica mais baixo, mais ameaçador.

Mexer com filho é pesado. Mas é o que tenho no momento.

— Pra cima de mim, mafioso? Todo mundo joga baixo nessa história, então chegou a minha vez de jogar. — eu falo tudo sorrindo, só para irrita-lo. — Porque a minha paciência vai durar uma semana, nem mais um dia que isso.

Coloca as mãos na cintura.

Que homem lindo!

Olha esse tanquinho.

Por que os piores são os melhores?

Leonardo abaixou a calça.

— O que pensa que está fazendo? — não olho para sua nudez, olho para seu rosto, fingindo estar nem aí.

— Tirando a roupa para tomar banho? — fala como se eu fosse uma tonta.

— Eu sei bem disso, não sou tonta. Mas tem que ser na minha frente?

— Ontem eu errei porque foi sobre pressão, agora...



— Vá tomar banho, preciso arrumar Felipe para a escola, estarei indo a faculdade, volto pela tarde.

— Te amo, Giulia!

— Também, Leo. Só odeio a sua falta de confiança em mim.

Ele não diz nada.

— Pai, vai ficar quanto tempo aqui? — Felipe pergunta, após comer seu sanduíche e terminar o achocolatado.

— Mais de uma semana, tenha certeza disso.

— Podemos brincar de...

— Eu vou te ensinar os deveres de casa.

Felipe está decepcionado, Leonardo olha para mim, eu apenas sorrio.

— Mas pai, você sempre brinca comigo. — coitado, agora terá pai e mãe para educa-lo.

Que Leonardo não mude! Eu preciso de um pai que educa, não um que só sabe brincar.

— É, mas pais devem ensinar, não apenas a mãe.

— E você sabe algo? — *que menino direto.*

O que esperar de um filho meu com Leonardo? É dele isso, você pode brigar, mas sempre escapa algo! Sempre. Depois Felipe percebe e pode pedir desculpas, mas tem hora que não percebe nada.

Tem melhorado, já foi pior na maneira direta de falar.

Leonardo inclina a cabeça para o lado.

— Eu fui expulso de muitos colégios, Felipe, mas eu posso afirmar que sei sobre a educação fundamental.

— Por que foi expulso dos colégios?

— O pai era muito brigão. Se é que essa palavra existe.

— Pai, eu não serei brigão...

— Graças a Deus! — levanto as mãos.

— Porque serei bom, serei policial.

Leonardo engasga com o suco. Engasga tanto que preciso bater nas suas costas.

— Não... — toma fôlego. — Tire essa ideia da mente, Felipe.

— Por quê? Policiais prendem pessoas ruins, eles são bons. Eu quero prender bandidos.

Leo olha para mim em busca de alguma ajuda.

— Vai, paizão, passe ensinamentos a sua cria. — volto ao meu lugar.

— Você prenderá bandidos, filho. — acaricia o cabelo de Felipe.

— Mas de outro modo.

— Mas policial tem algema.

— Você terá correntes.

— Eu terei aquele troço que os policiais usam para bater?

— Você terá um pedaço grande de madeira, taco de baseball... —

bato na cabeça de Leonardo e reclamo por suas palavras. — E será bom para o mundo.

— E como serei tudo isso sem ser policial?

— Em breve saberá. — Leo pisca um olho. — Trabalharemos juntos.

— Você é policial? — Felipe arregala os olhos.

— Por que esse menino tem cisma com a polícia? — Leonardo olha para mim.
— Bombeiro tem mais sentido.

— Eu não quero apagar fogo.

— Quer tacar fogo? — Leo pergunta.

— Isso é ser piromaníaco, Leonardo. — *que conversa sem sentido e errada.*

— Um maníaco por pirocas? — Leonardo franze o cenho. — O

que isso tem a ver?

— O que é isso? — olhamos para Felipe.

— Você é um idiota, Leonardo! — tento não gritar. — Um idiota!

— Você falou de piromaníacos! — me acusa.

— Nada a ver com sua resposta após o que disse.

— Por que não posso ser policial? — *Felipe novamente.* — E o que faz, pai? Empresário prende pessoas?

— Um dia teremos essa conversa, daqui uns oito anos, ou sete, ainda não sei. — segura a mão de Felipe. — Até lá, não fale disso com ninguém.

— É tipo um herói que salva pessoas e prende? Que tem duas vidas?

Isso foi certeiro! De alguma maneira isso atinge Leonardo em cheio, porque ele perde as palavras.

— *Cê* tá bem? — aperto o ombro de Leo, ele beija a minha mão.

— O que fez foi errado e certo ao mesmo tempo?

— Sim. — levanta da cadeira. — Amo vocês, preciso ir trabalhar.

Me dá um beijo rápido e depois beija Felipe no rosto.

— Meu pai tá estranho, não é?

— Sim, Felipe. Mais estranho que o normal.



Capítulo 6

Passado

Espero o sinal tocar e meu irmão, Gabriel, sair da sala. Hoje é sexta-feira, isso significa que não vou voltar para a escola por dois dias, afinal, amanhã não teremos aula, primeiro sábado sem aula. Aleluia!

Significa também que, provavelmente, terei que ir à casa da tia Isabella. Eu sempre amei ir pra lá, mas isso foi antes de Leonardo resolver ficar naquela casa.

Antigamente Leonardo apenas dava um "oi" e saía, agora ele sempre fica, o que é pior, ele tenta conversar comigo. Não gosto disso.

Trégua não significa iniciar uma amizade, significa ser neutro e não olhar para ele.

— Lia, qual o problema com o meu irmão? — Katherine cruza os braços, me encarando com desconfiança. — Não que eu goste dele, não gosto mesmo, mas por que não o aceita?

— Você sabe muito bem sobre isso.

— Mas Leo voltou diferente e quer sua amizade.

— Por quê? Desculpe, mas quando se trata do seu irmão, eu desconfio de tudo, até da sua gentileza.

Lembro os momentos em que ele está sendo uma pessoa educada.

Ele até puxou a cadeira para que me sentasse, eu fiz, mas com receio dele puxar ainda mais e eu cair sentada no chão, porém, ele não fez nada disso.

— Lia, podemos conversar sobre isso?

— Kat, eu te amo, mas...

— Quero que você seja minha cunhada!

— Você será minha cunhada quando se casar com Gabriel, fora isso, não será possível.

— Sabe o que eu acho? Que ódio se transforma em amor.

— Ou em assassinato.

— Giulia...

— Kat, você é muito romântica para ser dark. Ou muito dark para ser romântica.

— Ser dark é um estilo de vida. Não gosto de ver beijos, ou qualquer outra coisa que signifique fluidos de uma pessoa indo para outra. Mas isso não significa que não gosto de ver pessoas juntas e felizes. Tipo você e Leo idiota.

— Eu e Leo não nos damos bem, não é porque ele mudou que eu vou me apaixonar. Eu nunca gostei dele e não vai mudar.

— Giulia, meu irmão gosta de você. Jura que não conta nada a ninguém?

— Juro.

Katherine levanta o dedo mindinho e eu tenho que "entrelaçar" o meu com o dela. O tal "juramento do dedinho" que não pode ser quebrado sobre nenhuma hipótese.

— Meu irmão disse que gosta muito de você, e um dos motivos dele ter voltado foi para se redimir e te conquistar. Ele disse que sempre via suas fotos e escutava falar de você. Com o tempo ele amadureceu e viu que era hora de parar de ser um moleque e começar agir corretamente com você.

— Por que isso me parece um discurso pronto? — pergunto e rio porque, obviamente, ela treinou essa fala.

— Eu escutei Leo falando isso mais de seis vezes. Lembra a festa de boas vindas? — confirmo. — Então, Leo conversou comigo naquele dia.

Leonardo não pode estar gostando de mim. Ele é mais velho, bonito, já terminou o colegial e trabalha na empresa da família, tem toda essa coisa de "bad boy" e namorava as garotas mais lindas de todas. Ele nunca vai querer nada comigo... Ou quer?

Tenho dezessete anos e essa bendita cara de criança!

As meninas da minha idade já parecem ter vinte e cinco, bem, eu ainda não sei se isso é bom ou ruim...

Mas sou oposto delas e Leo sempre me criticou, por que agora, do nada, ele resolve que me quer?

— Kat, por favor, vamos mudar de assunto.

— Ficou balançada. — Katherine me empurra. — Eu sei disso. —

pisca um olho. — Como já destaquei, não gosto de Leonardo, mas pense bem, seria uma baita burrice enganar a filha de Fernando Bertollini.

Leo é idiota, não burro. E há diferença nessas duas coisas.

Gabriel, apareça logo para me livrar dessa conversa!

Cinco minutos depois, o sinal toca e os alunos começam a sair da escola.

Eu e Katherine estudamos em outra escola. Saímos da antiga por causa das constantes fofocas e irritação que sofríamos. Apesar de não termos qualquer parentesco, somos parecidas em vários aspectos, isso inclui ser excluída da sociedade.

Tudo bem que nos excluímos, mas já estávamos de saco cheio de tanta fofoca. Karen também estuda conosco, mas como é a mais inteligente daqui, prefere passar tempo em cursos de idiomas, no momento aprende francês.

E finalmente meu irmão aparece.

Gabriel vem andando com dois amigos e depois se despede deles, vindo a minha direção.

— Kat. — sorri para ela.

— Estou na sua frente e fala primeiro com Katherine? — provoco.

— Isso porque os dois dizem que não vão casar.

— Katherine é como uma irmã pra mim.

Katherine só não faz um drama gigantesco com isso porque nunca que vai admitir que gosta de Gabriel.

— É, Giulia. — Kat sorri, de maneira forçada. — E Gabriel não faz meu tipo.

— E quem faz seu tipo?

— Ciúmes, Gabriel? — continuo provocando.

— Não, apenas curioso.

— Crianças, parem! — falo um pouco alto. — Deixaremos para terem brigas de casal quando tiverem, pelo menos, quinze anos.

— Ignorando Giulia. — Gabriel vai até Kat. — Olha só o que tenho dentro da mochila.

Os dois começam a olhar uma revista e murmuram coisas como

"Meu Deus!", "Sério?", "Quando será lançado?".

— Do que estão falando? — pergunto.

— A sequência do melhor jogo criado. — Gabriel responde e vejo brilho nos seus olhos.

Ele mostra a revista e eu vejo alguns desenhos estranhos. Não entendo nada sobre jogo, diferente desses dois a minha frente.

— Ok. Podem falar sobre isso no caminho. — atrapalho a conversa. — Precisamos ir para casa, estou com fome.

Gabriel e Kat concordam. Saímos da escola e eles vão conversando sobre uma nova técnica no jogo. Eu apenas ando e penso no que Kat falou sobre Leonardo.

Podemos andar tranquilamente porque é um local controlado pela Nostra, em cada canto tem um segurança, um olheiro, do meu pai.

Eu gosto dessa liberdade de ir e vir, me faz parecer normal.

Porém esse pensamento é quebrado quando um carro para ao meu lado, fico

com medo e quase corro, mas então o vidro desce e vejo Leonardo.

— Não é uma boa ideia fazer isso! Pensei que fosse um atirador!

— Calma, garota! — começa a rir. — Nesse território é tudo controlado, só se vier um drone para te acertar.

— Não tranquilizou, Leonardo.

— Espero não estar atrasado.

— Não, chegou em cima da hora. — Katherine responde e depois olha para mim.

— O que é? — pergunto. Agora ela e Gabriel me encaram, como se esperassem por algo. — O que é?

— Tolinha. — Kat cantarola.

— Vamos, tem um lugar novo na cidade que faz um hambúrguer maravilhoso. — Leonardo continua. — Eu já experimentei e achei fantástico.

Katherine corre e senta no banco de trás do carro, Gabriel faz o mesmo.

— Giulia, pode ser rápida com isso?

— Rápida com o quê? — grito com Leonardo.

— Entrando no carro.

— Mas eu não vou.

— Mas é hambúrguer. Você gosta de hambúrguer.

— Eu gosto de hambúrguer, mas não gosto de você.

Arrependo-me quando essas palavras saem da minha boca.

— Estou magoado. — coloca a mão no peito.

— Desculpe-me. Peguei pesado, mas você ainda me irrita. — não dá para

esquecer seu bullying com minha cara e meu corpo!

— Só desculpo se você entrar no carro e for comer conosco. Eu juro, é o melhor hambúrguer que você vai comer na vida, perdendo apenas para o meu.

— Você sabe cozinhar? — pergunto achando uma piada. — Desde quando sabe fazer algo?

— Giulia, tem tanta coisa sobre mim que você não sabe, mas farei questão que descubra.

— Eita! — Katherine faz cara de nojo. — Eu não preciso saber dessa conversa.

— Você é muito nova para entender dessas coisas. — Leonardo repreende a irmã.

— Eu não gosto de você fazendo isso com minha irmã. — Gabriel me defende.
— Meu pai e Daniel saberão disso.

— Saberão sobre?

— Sobre você estar dando em cima da minha irmã.

— Eu só a chamei para comer um hambúrguer.

— Estou de olho.

Leonardo ri, achando tudo muito engraçado, enquanto é tudo embaraçoso pra mim.

— Giulia, entre no carro. — Leonardo insiste.

— Trégua não significa...

— Entra no carro, por favor, coisa mais linda da minha vida. —

mostra os dentes, em um sorriso forçado. — Eu poderia estar nessa com qualquer uma, mas você não é qualquer uma, é a garota que quero ao meu lado.

O que?

— Que merda de conversa chata! — Gabriel resmunga. — Giulia, entra que ele só vai pagar hambúrguer se você for.

— É, Giulia. — Katherine insiste. — É a primeira vez que esse idiota vai pagar algo pra gente. Apenas entra no carro! — grita. — Por favor. — abaixa o tom de voz. — Por favorzinho.

Reviro os olhos e entro no carro, sentando do banco da frente.

Acho que as palavras de Leo foram para zombar da minha cara.

— Parou de fumar? — pergunto, enquanto Kat e Gabriel continuam falando do bendito jogo.

— Sim, na marra, mas parei de fumar. Sério, Benjamin e Verônica são os avôs mais chatos da face do universo!

— Por isso se chama "castigo". Estava na hora de crescer, se quer ficar no lugar do seu pai.

— Foi tortura, isso sim. Não gostei da Itália, é pequeno, chato, sem graça... Quer dizer, não fiz amizade. Só tem comida boa, nada mais.

— Itália é incrível. Puglia é fantástico! E aquele sorvete em Capri é uma das melhores coisas do mundo!

— Podemos ir até lá em algum momento.

— Eu e você viajando juntos? — confirma. — Eu e você? —

confirma novamente. — Cara, qual o seu plano? Se for casamento, desiste, morro solteira, mas não faço um acordo contigo.

— Nossos pais foram contra o acordo, Benjamin até cogitou, porém, nada feito. Nossos pais foram bem contra.

Esquece o passado, Giulia. Viva o presente, Leo pode ter mudado, pode não ser mais um perturbado de antes!

— Diga-me, como está na escola? — Leonardo pergunta, mudando totalmente o

assunto.

— Está bem.

— Apenas isso? Não tem dúvida em alguma matéria?

Pensando que Leonardo está sendo legal comigo, decido responder sua pergunta:

— Somente química, odeio essa matéria.

— Sério? Eu sou bom em química. — olho para Leonardo e acho graça. Eu sei que Isabella e Marco viviam reclamando sobre o seu péssimo desempenho no colégio. — Eu era o aluno bagunceiro e, por isso, minhas notas eram baixas. Mas eu sempre tirava as notas máximas nas provas, entretanto, eu não fazia apresentações, trabalhos e adorava conversar durante as aulas.

— Disso eu não sabia. Desculpe, mas ninguém falou do assunto e nunca nos falamos para que eu soubesse que é inteligente para estudos.

— Claro, eu nunca fui elogiado pela inteligência. Eu não sou apenas um rostinho bonito, com uma barriga tanquinho e uma conta bancária de dar inveja.

— Realmente, você também é um idiota com muita modéstia.

Leonardo abre a boca para falar, mas quando ele nota o meu sorriso, ele apenas sorri de volta.

— Você sorriu para mim? Meu Deus, estou sonhando. Giulia Bertollini está sorrindo e não quer me matar?

— Continue sendo legal, que isso. — mostro o meu sorriso. —

Não sairá daqui.

— Eu não pretendo voltar ao que era antes. Só quero uma chance de tentar.

— Tentar o quê?

— Tentar... — suspira. — Você saberá.



— Ah, não sei, não consigo gostar disso. — falo sobre os jogos que Leonardo tanto conversa.

— Como não? — ele arregala os olhos.

— Giulia enjoa das coisas.

— É que venço tanto que perde a graça. E é verdade. —

realmente, eu sempre venço qualquer jogo, vou passando de fase e quanto mais venço, mas enjoada fico. Parece tudo tão óbvio que perde a graça.

— Não esperava menos de uma filha de Fernando. Só Gabriel é lesado das ideias.

— Quando eu entrar na Sangre Latino, você verá o lesado. —

Gabriel continua jogando. — Até lá, Leonardo, lute para ganhar algum respeito na Sangre e Nostra.

— Não acha absurdo que todos te achem retardado? — pergunto a Leonardo, que parece bem afetado com as palavras do meu irmão. —

Eu nem sabia que era bom nos estudos. É o que disse, Leo, se você apenas mostrasse mais que piadinhas, idiotices, todos acreditariam em você.

— Eu era idiota, mas não sou mais. Eu tento te provar isso.

— Você tenta provar para Giulia ou para meu pai? — olhamos para Karen, minha irmã caçula. — Oi, para quem não me notou.

— Sabe, caquinha...

— Não me chame de "caquinha". — Karen respira fundo. — Eu sou a preferida do meu pai, e se eu chegar nele chorando, você perde o posto em um piscar de olhos.

— Sua irmã é violenta, Giulia.

— Eu posso ser mais. — Gabriel acrescenta. — Muito mais.

— E eu não ligo. — Kat sorri. — Até bato palmas.

— Por que todo mundo me odeia?

— É que seu passado foi meio merda. — falo baixo. — Deixou sequelas em mim e uma má impressão em outras pessoas.

— Pessoas mudam, não é mesmo?

— Sim, mas, pelo menos comigo, não é fácil de apagar a quantidade de piadas sobre meu corpo. Você chega e diz que mudou, mas eu vejo o cara que era calmo e que depois de um minuto fazia uma piada estúpida sobre eu comer um pão. Eu não comia na sua frente por puro medo de você fazer uma piada.

— Eu tinha quinze anos, era retardado. E... — respira fundo. —

Eu sou filho único, então veio Daniel como um primo e você, Giulia, a menina esperta. Aceitei Daniel pela história de vida, porque achei que seria escroto ignora-lo, mas você? Já nos odiávamos mesmo.

— E daí?

— E daí que todo mundo é bom para meu pai e Fernando, menos eu. Então se eu já não era bom, que fosse ruim por completo. Mas até qualquer dia. — levanta do chão. — Preciso ir para casa.

— Podemos conversar...

— Eu odeio pena, Giulia. Odeio desabafar, porque todo mundo muda o tom de voz comigo. Apenas me trate como sempre tratou e só me dê uma chance se

quiser. Não porque eu falei umas coisinhas melancólicas.



Capítulo 7

— Às vezes paro e penso se não sou uma idiota em dar tantas chances ao Leonardo e no final não receber algo em troca.

— Mas você o ama, certo? — Jasmine pergunta, estamos perto da quadra na faculdade, matando aula para falar da vida. — Conhece bem o Leonardo, sabe que ele passa por algo complicado.

— Sua vontade de mostrar a todos que ele não é lesado.

— E ele é?

— Ele é muito de boa com vida, Jas. Muito mesmo! Na maioria das vezes ele estará rindo, fazendo alguma brincadeira. Às vezes é lento no raciocínio. O problema é que ele foi bem inconsequente no passado, daquele tipo que só tirando tudo para aprender a mudar. E tiraram tudo dele, ele foi para a Itália, para aprender os negócios com o avô. E deu certo, meu pai e tio Marco confiam em Leo, mas acho que o próprio Leo não confia nele mesmo.

— Porque Leo ainda é o cara de boa com tudo. Não conheço Fernando ou Marco, mas meu pai odeia exatamente pelo jeito como agem. Sérios, arrogantes e centrados. Leo não é esse tipo de pessoa.

— Sim, e tenta se encaixar. Mas algo aconteceu além disso. Dei um ultimato.

— E cumprirá?

— Se ele for idiota, sim. Com dor no coração, mas eu cumprirei o ultimato. Agora, fale sobre sua vida. — sorrio para ela. — Eu já falei o que tinha que falar.

— Aconteceu a coisa mais merda da minha vida. Estarei noiva.

— Que? — assusto-me com sua informação.

— Isso mesmo, noiva de um cara que acho insuportável! — faz um som de raiva, rosnando, depois olha para o céu. — Senhor Tyler já está irritado pela minha falta de homem, pela falta de um herdeiro. Ele está ficando velho, segundo ele. E eu nem saio de casa. Achou mais prático pegar um homem da M-Unit e me dar como noivo. Mas eu juro, Giulia, nem que eu tenha que ir pra Groelândia, mas não caso com aquele estúpido!

— E o que ele faz na M-Unit?

— Graduado em *puxa saquismo*. Insuportável ao extremo! Filho do cara do armamento pesado, o general, digamos assim. O futuro noivo, Romeo. Eu vou fugir, Giulia, você não vai me ver, o que é uma pena.

— Não tem outro jeito? Uma chantagem? Sei lá!

— Não, não tem. Minha mãe não pode ter mais filhos, sobrou pra mim esse fardo de dar herdeiros.

— Tem uma maneira que eu possa te ajudar?

— Não, senhor Tyler ficará mais irritado se uma Bertollini me ajudar. — faz um gesto com a cabeça. — Leila está vindo.

— Que saco! — a conversa precisa mudar graças a Leila. —

Matando aula, senhorita certinha?

— Oi, Giulia. Soube do seu irmão aqui. — Leila senta no banco, sem ser convidada. — Já arrasa corações por onde passa.

— Arrasou tanto que chegou a sala de literatura? — sorrio para ela. — Ou está tão interessada que foi atrás dele?

— Ah, Giulia, eu sei que me odeia porque dei em cima do seu homem...

— Marido. — corrijo. — Meu marido. "Meu homem" é um pouquinho vulgar e não mostra a exatidão do nosso relacionamento.

— Ah, claro. Seu marido. — carrega a palavra de sarcasmo. —

Me ajudou, mas não se preocupe, não sou fura olho.

— Eu não me preocupo com você, Leila. Se me preocupasse eu teria quebrado sua cara, porque você sabe que Leo é meu marido. —

sorrio.

Não é motivo para isso, não é briga por homem, mas Leila é aquele tipo que quer te atingir, te irritar, usando alguém próximo para

isso.

Ela sabe de Leo ser meu marido, uma vez o viu e fez aquele ar de

"santa do pau oco", bem sonsa. Esbarrando nele, tocando... Leo ficou nitidamente sem graça, se afastou logo, e Leila idiota "Eu não sabia que era seu Leo, Giulia".

— Ok, meninas, ok! — Jasmine fala alta, tentando evitar uma discussão. — Leila, pare de falar nesse tom de voz...

— Eu não fiz nada! — a sonsa tenta soar de maneira ofendida.

Jasmine respira fundo.

— Leila, eu já falei para não falar de Leonardo, até porque você não deu em cima dele, ele cortou o assunto. — Jasmine fala calmamente.

— Então, qual o assunto?

Leila engole em seco.

Ela é bonita, comum, eu diria. Mas tem aquele ar sensual. Tem a pele bronzeada e o cabelo castanho claro, é da minha altura — mediana

—, e tem os olhos castanhos escuros. Seu corpo é magro, mas tem a curva do seu quadril.

Leila tem a sensualidade natural. Minha implicância com ela não é inveja, se fosse eu teria de Jasmine, que, sinceramente, é uma deusa! Mas Leila tem algo que me impede de gostar...

Tem algo em Leila que não bate de modo algum.

Esse ar sensual, essa falsa ingenuidade que ela tenta ter junto as suas provocações. Leila tem várias personalidades em uma só pessoa. E

nenhuma se complementa.

E sim, já mandei investigar sobre Leila e nunca acharam nada.

Talvez seja implicância besta.

Ou não.

— Então, teremos uma festa na faculdade...

— Dispenso. — Jasmine nem deixa Leila terminar de falar. — Eu não quero confraternizar com ninguém, sem paciência para universitários bêbados e drogados.

— Vocês nunca vão à festa alguma! — como uma criança birrenta, Leila cruza os braços e faz bico. — Sério, eu só tenho vocês, vamos uma

vez na vida para uma festa da faculdade.

Eu quero dizer que Leila não tem a mim, porque ela nunca fez questão de amizade comigo... Na verdade, ela ama provocar.

Jasmine, coitada, não pode ser vista comigo fora da faculdade, então arranjou amizade com Leila. Mas já percebo que essa não atura mais a sua amiga.

— Não estou no clima de festa. — Jasmine volta a negar o pedido.

Ela já tem a história do casamento, mas, ao que tudo indica, não está em seus planos contar isso a Leila. — Realmente, Leila, não quero ir.

— E se Jasmine não vai, eu não vou. — informo.

Leila cruza os braços. Ela não sai de perto, então nosso assunto tem que ser o mais distante possível de nossas vidas.

Assuntos sem grande relevância, e, depois de algum tempo, Gabriel se aproxima.

— Já está indo embora? — ele pergunta.

— Sim. — respondo, porque o assunto aqui não vai para canto algum.

— Pelo que fiquei sabendo vai ter uma festa. Você vai?

— Não. Você quer ir?

— Ainda não sei. — meneia a cabeça, indeciso. — Vocês vão?

— Se Jasmine for. — Leila dá de ombros. — Mas ela não quer ir.

— Estou tentado a ir. — Gabriel sorri. — Primeira festa de faculdade.

Gabriel nunca vai a festas, detesta.

Tudo está estranho.

— Kat está tentando arranjar um jeito de ir. — Gabriel olha para mim. — Provavelmente Cassie também vai.

— Por isso quer ir? — pergunto.

— Vai ser uma pessoa conhecida para estar por perto, porque Jesse já disse que não vai. Karen pode ser convidada, mas ela detesta festas.

Você também.

— Hum... Ok. — respondo de maneira cética. — Vem. — seguro seu braço. — Vamos para casa. — olho para as garotas. — Tchau, meninas. Até amanhã.

As meninas se despedem e me afasto segurando o braço de Gabriel.

— Você me deve uma explicação! — exijo, quando já estamos dentro do carro.

— Que merda acontece nesse local? Com vocês?

Gabriel apenas sorri.

— Olha aqui, Gabriel, você pode ser um cozinheiro esplendido, mas você nunca iria entrar na faculdade para aprimorar suas técnicas culinárias. Eu quero saber o que está acontecendo, porque eu aposto que tem dedo da Nostra aí. E eu quero saber que perigo é esse!

— Perigo?

— Não se faça de tonto, seu tonto! — bato na sua cabeça. — Leo e Daniel também vieram até aqui, vai dizer que foi por nada?

— Traficar dentro da faculdade...

— Não, não tem sentido algum, sabe por quê?

— Ilumine o dia com sua sabedoria, Giulia.

— Você me irrita, Gabriel. Mas continuarei mesmo assim, sei bem que sua fala é apenas para me irritar e eu cale a boca, mas não me calo!

— ele apenas inclina a cabeça para o lado e revira os olhos. — Nosso pai e tio Marco nunca, jamais, traria algo desse tipo para a vida das garotas, e tem a Cassie que é sobrinha de Arthur. Eles nunca colocariam um lance da Nostra que nos ligue a ilegalidade. Então não é isso de "ganhar mais clientes". Eles podem fazer isso em outras faculdades, mas não nessa onde estamos.

— Onde você acha que seus colegas conseguem drogas nas festas? Como ficam loucos...

— Sim, mas há diferença de uma pessoa vendendo na festa, muitas vezes na esquina, do que aqui dentro. Pode tentar me enganar, Gabriel, mas eu entendo do assunto. Sei como acontece. Gostaria de saber a real mesmo, porque é algo sério para que venham três pessoas de máxima importância até aqui.



— Giulia, se fosse tão importante e perigoso, tenha certeza de uma coisa, você, Kat e Cassandra não estariam aqui, já estariam longe.

Nisso ele tem razão.

— Mas podem estar averiguando ainda. Vendo os riscos reais.

Gabriel suspira com cansaço.

— Giulia, não é nada disso...

— Ah, esquece. — começo a dirigir. — Você não me contará nada mesmo.

Mas quero saber, porque eu tenho certeza que não é nada sobre drogas.

Tem algo mais aí.

— Meu pai está estranho esses dias? — pergunto a minha mãe, que deixa os papéis da escola de dança de lado e olha para mim. — Sei lá, se está pensativo demais, muito distante...

— Seu pai sempre está assim. Fernando sempre está pensativo, e com essa coisa de "Quero a Nostra", ele tem ficado cada vez mais distante em reuniões com Marco, Daniel e agora com o Leo.

— Gabriel?

— Depois da treta com meu pai, Gabriel foi afastado das reuniões da Sangre.

— Nem você acredita nisso, mãe! Meu pai afastar Gabriel pela treta com Yankee? Não, meu pai daria um prêmio a Gabriel pela coragem.

Meu pai e vô Yankee ainda têm desavenças, porque meu avô insiste que seriam mais fortes juntos, mas meu pai insiste em dizer que

não vai dividir qualquer liderança com vô Yankee.

— Então, Gabriel ainda mora nessa casa, e realmente ele não tem saído. — minha mãe continua. — Só para faculdade, mas aí Kat pode dizer se Gabriel fica dentro da sala ou não.

— E acredita que Gabriel faz gastronomia por que quer?

— Não, não acredito. Mas até o momento eu não tenho o que pensar. Acredito que se fosse uma segurança para vocês, seria mais fácil que saíssem da faculdade.

— Mas eles podem estar vigiando para descobrir algo mais, certo?

— Sim, pode ser. Você sabe o que aconteceu há duas décadas.

Milla, Yoshida, explosões e tal. Depois daquilo vivemos normalmente, seu pai tentando passar tranquilidade e dizendo que o perigo não voltaria, talvez tenha retornado e eles investigam para ver se é verdade ou não.

Realmente, não tenho muito o que pensar. Por mais que Fernando fale algumas coisas, tem outras que ele não vai falar. E eu acho que nem o Leo contará.

— Ah, Leonardo... — suspiro. — Mas não quero falar dele. Estou muito intrigada tentando entender esse lance todo.

— Continue intrigada, porque, provavelmente, não teremos qualquer resposta. Pelo menos, não por agora.

Giulia Bertollini Vesentini

(1) Bônus

Tamborilo na mesa a minha frente, esperando qualquer resposta, comunicação, para que eu tenha alguma esperança que tudo isso servirá para algo.

— O que tanto olha nesse celular? — Hugo indaga. Reviro os olhos com sua estúpida vontade de saber tudo o que faço.

— Algum problema, Hugo? — pergunto. — Sei que não vai com minha cara, mas ainda tenho direito a privacidade, afinal, também pago pelo aluguel dessa casa.

Desde que chegamos a essa cidade, moro com eles. Não sei o nível de importância desses dois, mas Martin — *serviço estúpido secreto*

— nos deu uma vida nova nesse local. Claro, deve investigar de algum modo, não sei ao certo, mas aqui estamos.

E estou aqui porque Martin pediu para que ficássemos juntos, Alex e Allan simplesmente fugiram. Mas sei onde estão.

— Por favor, não comecem novamente. — Rachel fala calmamente. — Por favor, sem brigas.

Hugo apenas respeita a vontade de Rachel, que é como uma filha para ele.

No fundo eu gosto de Rachel, ela realmente quer manter a paz do local. Nunca teve paz, ainda levou um tiro na cabeça, que era para ser fatal.

Quando lembro que ela levou um tiro na cabeça por nada, eu quero sair de tudo

isso...

Mas não posso.

Não consigo.

O almoço continua e deixo o celular de lado, para que Hugo não indague novamente.

— Rachel, algum problema? — Hugo pergunta com a voz tão melosa que chama a minha atenção. — Você não parece nada bem.

Rachel olha para Hugo e noto o cansaço em seu rosto.

— Não gosto daqui. — ela responde. — Pode ser considerado um recomeço para alguns, mas não tenho amigos, sou estranha nesse local...

— Mas tem a mim. — Hugo aperta a mão de Rachel.

— E a mim. — complemento.

— Não é como se valesse muita coisa.

— Hugo. — fecho os olhos, tento manter a calma. — Eu amo a Rachel e ela sempre poderá contar comigo.

Não é uma mentira. Eu devo a minha vida a Rachel.

Mesmo debilitada, Rachel chamou a polícia quando estavam me agredindo. Parece algo que qualquer pessoa faria, mas ali estava Rachel, debilitada, fragilizada, me ajudando.

Ok que o meu próprio espancamento fazia parte do plano, mas considero muita coragem de Rachel se meter naquela briga.

— Obrigada aos dois, mas... — Rachel suspira. — É que eu me sinto só. Você. — aponta para Hugo. — Está no trabalho e você. —

aponta para mim. — Sempre está fora. Trabalho na lanchonete daquela faculdade, um bando de jovens juntos, mas... Mas é como ser uma estranha no meio de tantos "normais". Não que eu fosse feliz no meu outro país, mas aqui é

um país estranho que ainda não me habituei.

— Mas já é um bom começo. — sorrio. — Já fala com as pessoas, em breve terá amizade com elas. Para que possam sair juntas, se divertir...

— Qual o seu interesse nisso? — Hugo me encara. — Quer a casa vazia para planejar o seu roubo? Ou seria um atentado?

— Hugo, do que está falando? — Rachel pergunta.

— Rachel, ele me odeia, sabe disso.

— Não, Rachel. — Hugo olha para ela. — Essa mulher ali. —

aponta pra mim. — Sempre arranja desculpas para deixar a casa vazia...

— Não são desculpas! — falo um pouco mais alto. — A casa precisa ser sustentada, eu trabalho, vocês também precisam...

— Rachel, eu sei que vai com a cara dela, mas acho que está na hora de buscarmos nosso próprio caminho. Eu cuidei de você, pode confiar em mim, mas essa mulher...

— Engraçado você pedir por isso quando eu dei dinheiro e conseguimos pagar quatro meses de aluguel. — volto a falar, interrompendo Hugo. — Se quer se livrar de mim, pague o que dei nessa casa. Porque eu dei dinheiro para três pessoas morarem juntas, se saírem daqui, eu terei usado o dinheiro para nada e ainda acuso você, Hugo, de roubo. Um imigrante roubando não será bem visto.

— Hugo. — Rachel respira fundo. — Calma, ok? Vamos com calma.

Levanto-me da cadeira, saindo da sala de jantar.

— Estou de olho em você! — Hugo grita.

Eu preciso fazer algo, até agora não consegui nada, e se continuar assim, logo serei descartada.

E sei bem como eles descartam as pessoas... Principalmente as mulheres.

Capítulo 8

— Como vai, Leonardo? — olho para Karen, que está sentada no sofá.

— Não te vi aí.

— Nunca me enxergam.

— Isso é algo bom?

— Sim. —sorri, e não vejo mentira no seu semblante, ela parece que gosta disso.
— Eu gosto como vocês esquecem a minha existência.

— Estou na dúvida se isso é um tipo de drama, ou se realmente gosta disso.

Karen sorri e levanta do sofá.

— Eu gosto de observar tudo ao meu redor, então é bom ser esquecida, porque assim passo despercebida. Não é drama.

— Ok, *caquinha*, o que quer?

Agora ela se irrita.

— Eu tenho dezessete anos, Leonardo! Pare com esse apelido tosco...

— Eu te irritei, *caquinha*?

— Quer brincar de irritar, Leonardo? Porque eu garanto que não vai querer brincar comigo. — sorri e volta a sentar no sofá, cruzando as pernas. — Sabe, queridinho, essa coisa de ser invisível tem suas vantagens, como ninguém

suspeitar do que faço. Inclusive meu pai, o Fernando Bertollini. Sabia que eu sou a única capaz de engana-lo?

— O que quer, Karen? — agora fico sério, porque não gostei nada do seu tom de voz.

— Olha se ele não parou com o apelido tosco? — balança as pernas. — Eu quero falar que meu pai estava investigando sua vida, mas eu mudei muita coisa que foi descoberta. Me deve uma, Leo.

— Do que está falando, Karen?

Ela aponta para o sofá e sento ao seu lado.

— Fique tranquilo, as câmeras dessa área estão desligadas e meu pai não chegará por agora. Mas ele recebeu várias informações por e-mail, que se ele juntasse, descobriria muita coisa. Mas eu mexi em umas coisinhas e modifiquei sua vida.

— Por quê?

— Eu gosto de você, Leo. E o que fez seria como te expulsar da Nostra, e acho que não merece. — seu ar de ironia se esvai, agora ela fala sério. — Sabe, eu te entendo, agora falando de uma maneira bem séria mesmo. Eu... — para de falar, parecendo pensativa. — Esquece sobre minha vida.

— Vai, desabafa. Porque você é invisível e eu sou o visivelmente idiota.

Karen dá risada.

— Ok, Leo. Vamos lá, eu não faço faculdade alguma, nem estou afim de fazer.

— Você é a mais inteligente dessa merda de lugar!

— Sim, eu sei, mas para estudar? — nega, balançando a cabeça.

— Mas eu realmente não quero falar disso, tudo bem? — concordo. — E

sim sobre você. Entendo tudo o que fez, Leo. Você já é mal visto por aqui, tentou reverter sua situação lá e acabou fazendo mais merda.

Realmente, você tentou.

— Mas o e-mail dava para entender o que fiz? Porque se sim, tem mais gente sabendo...

— Não dava para entender. Foram algumas pessoas investigando, eles não têm contato direto com alguém da Nostra. Eram informações passadas por e-mail. Talvez qualquer outra pessoa que lesse, não entendesse nada, mas meu pai? Ele entenderia tudo juntando as mensagens, porque eu entendi.

— E então?

— E então que precisa arranjar um jeito de contar tudo. Porque, Leo, você corre risco. Eu pesquisei, não tem tantas informações, mas



pelo que encontrei, você está em uma enrascada. É melhor estar em uma enrascada com nossos pais ou é melhor estar ferrado na mão dos outros?

Coço minha nuca.

— Eu começarei contando a Giulia. — falo minha decisão. — Só mais uma coisa, acha que foi algo muito grave ou é coisa da minha cabeça?

Ela sorri.

— Acho que foi "o fim justificam os meios". Você tentou ajudar e entrou em uma enrascada, se afundou nela e quando viu, já estaria ferrado em qualquer canto. Acho que entenderão sua vida. — aperta o meu braço. — Relaxe, respire fundo. Pode demorar, mas entenderão o que aconteceu.

— Espero que sim, Karen. — respiro fundo. — Espero que sim.

— Mãe? — olho para Felipe. — Está bem?

— Sim, estou muito bem. — beijo seu rosto. — Apenas esperando por seu pai.

Apenas muita ansiedade, nervosismo, tentando entender o que acontece com Leo. Na verdade, com todos.

— Quer jogar? — Karen entrega o seu celular a Felipe. — Aqui, vou colocar para você.

Ela coloca o jogo e Felipe fica completamente distraído.

— Eu concordo com Felipe, você está estranha. — sentamos no outro sofá. — Pediu para que eu viesse até aqui ficar com Felipe.

— Eu quero conversar com Leo na privacidade, para gritar com ele, eu exijo saber o que acontece. Porém... Porém eu sinto algo estranho, como se algo fosse acontecer. Acho que estou transparecendo meu nervosismo.

— Eles estão bem, é apenas uma reunião.

— Você sempre está em casa, há algo de estranho na Nostra?

— Não que eu saiba. Quer dizer, o mesmo de sempre, nosso pai ganhando muito na Nostra e todos odiando os Bertollini.

— Isso não é nem um pouco seguro. Acho que nosso pai já está extrapolando o lance de querer demais...

— Giulia, vai por mim, ele está mais que certo. Não é apenas por poder, é pela própria segurança da família, ao todo.

Eu sei dessa história. Meu pai sempre foi um tanto cético com relação ao seu grupo, sua máfia. Depois que entrou na liderança, muitos não gostaram dele, anos depois, continuam não gostando.

Meu pai é o mais rico da Nostra, seguido por tio Marco e Arthur.

A riqueza da família Bertollini vem muito pelo dinheiro legal, pois temos vários negócios. E quando falo "temos", também estou nesse meio.

Claro que é lavagem de dinheiro, mas é tão "certinho" que enriquecemos passando despercebido. Assim como tio Marco e Arthur.

Os outros da Nostra não gostam, consideram que há algo paralelo acontecendo, mas quem vai investigar? Só se meu pai mandasse, e por mais que ele mostre o lucro das empresas, ninguém acredita.

Deve ter algo mais aí, algo mais profundo que meu pai não fala abertamente.

— Amar deve ser complicado. — olho para Karen, que suspira dramaticamente. — Tipo, eu vejo você e Kat sofrendo.

— Kat sofre por Gabriel?

— Podemos dizer que ela o ama, paga de superada, depois fica se lamentando por Gabriel não gostar dela dessa maneira. Uma montanha russa de demonstração de conformismo, raiva e amor.

— Ah, querida, você terá isso em algum momento, vai por mim.

Talvez pelo Jesse, Jean...

Karen dá risada.

— Não combinamos em nada! Fora que Jean é um usuário de drogas que vive dizendo que vai parar. Por falar nisso, Arthur até comentou que vai colocar o sobrinho na Nostra. A esperança é que Jean fique responsável ali.

— Como sabe tanto, garota? — semicerro os olhos para Karen, que encolhe os ombros e sorri. — Sério que você consegue espionar Fernando Bertollini?

— Podemos dizer que ninguém desconfia da santa Karen, e passo muito tempo dentro de casa.

— Então, querida, sabe do meu marido?

— O que posso dizer de Leo, é que não há qualquer tipo de traição. Giulia, precisa entender que há algo mais complexo em Leo. É

como se ele tivesse que provar pra ele mesmo, que ele pode estar aqui.

— No caso, provar na Nostra? Porque isso eu já entendi.

— Ele fez merda pra provar que podia assumir riscos, que poderia conseguir respostas.

— Eu sempre tentei dizer ao Leo que todos acreditam nele. Tento dizer que ele ser idiota, palhaço, não é ofensa. Que ele na Nostra, nos negócios, sai muito bem em tudo! Mas ele não escuta!

— Daniel é o Bertollini mais sério de todos, creio que Leo quer chegar nesse nível, sabe? E a merda não foi tão merda assim.

— Então ele pode contar.

— É complicado.

— E você sabe disso como? Se nem meu pai sabe...

— Meu pai desconfiou e averiguei primeiro que ele, depois manipulei tudo o que ele recebeu, então Leo é uma incógnita para a família.

— Então me conte, Karen. Por favor! Conhecendo Leo, do jeito que conheço, é capaz dele estar envergonhado por algo, ou até mesmo tentando resolver tudo sozinho para que ele não passe como incapaz.

Leo foi tão chamado de idiota, que acredita nisso.

Ele é idiota na vida comum, quero dizer, nas brincadeiras, no modo de falar. Mas sempre soube manter a seriedade quando necessário.

O que realmente me irrita em Leo são duas coisas: Me esconder a verdade dessa situação e o seu tratamento com Felipe.

Como Leo passou muito tempo fora, quando retornava para casa ele queria alívio, diversão, então, nada de educar Felipe. Tudo nas minhas costas.

São apenas as duas coisas que me irritam em Leo.

Mas eu sinto e sei que ele nos ama.

E eu o amo.

— Olá, garotas. — levanto meu olhar e encontro Leo em pé, a minha frente. — Como vai, Karen?

— Muito bem, Leo. — minha irmã levanta do sofá. — Preciso ir, tenho alguns compromissos. E levarei Felipe comigo, para que fiquem a sós.

Vejo como Leo fica tenso nesse mesmo instante, mas não diz nada. Despeço-me de Karen e Felipe, e fico esperando por Leo, que foi na cozinha pegar um copo d'água.

— Relógio está correndo. O tempo passando. — cantarolo. — Se não é traição, o que será?

Leo para de andar, escuto quando seus passos cessam.

— Sério, não entendo porque tanta mentira...

— Omissão.

— Por que omite tanto? — não me viro na sua direção. — Se é sobre a Nostra, o que tenho a ver? Claro, sou a filha do chefão, mas sou sua esposa. Qualquer vacilo cometido, eu não te prejudicarei, pelo contrário, tentarei ao máximo te ajudar.

Agora sim eu me viro para Leo.

— Porque eu sempre olho para a minha vida ao todo e penso

"Quem eu sou? Que tipo de merda eu sou?".

— Você sempre foi o cara mais otimista, com a auto estima lá em cima...

— Mas isso era quando tudo era resumido em estar a frente da construtora do meu pai e rotas de drogas. Foi o inferno lá na Itália, meu avô só me depreciava...

— Você nunca contou sobre essa época.

— Nem olhava na cara naqueles anos, Giulia.

— O que Benjamin te fez? Realmente, você voltou mais sério da Itália, mas pensei que fosse por conta do castigo de "sem festas, sem bebidas e sem cigarro".

Eu não imaginei algo mais.

— É só drama mesmo, Benjamin foi um avô rígido, que me ensinou o oficio da máfia.

— Tio Marco poderia ter feito isso.

— Estava ocupado, na época meu pai mal parava em casa e nem ao menos deixou minha mãe cuidar de mim. Aí Benjamin falava "Claro que seu pai não vai querer que Isabella carregue esse fardo, você não é nada dela. É um bastardo que deu sorte de ser querido por Marco, que só queria um herdeiro".

— Benjamin falou isso?

Leo ri, deixando toda a amargura transparente.

— Benjamin me odeia, odeia o fato do seu único filho ter transado com alguma puta e engravidado. Benjamin é conservador, acha imoral o modo como fui concebido e meio que queria me deixar pronto, para que ninguém risse da família.

— Então essa questão toda de provar que você é bom foi algo que Benjamin enfiou na sua cabeça?

— Não quero ser um pobre coitado...

— Por que nunca falou disso? Por que aguentou tudo calado?

Aposto que teve muito mais, não foi apenas essa vez!

— Era todo dia. Todo dia Benjamin falando que torcia para que meus pais tivessem outro filho, ele falando que eu sou idiota porque, provavelmente, a minha mãe biológica se drogou na gestação e isso afetou meu cérebro... E não contei porque, cara... Seria como correr para o papai e dedurar o avô. Máfia é isso. É grito, é rigidez. E se meu pai me mandou pra lá, foi para ver como é de verdade.

— Ou apenas para que aprendesse algo de útil para os negócios, duvido que tio Marco apoiaria tamanha humilhação. Nem ele fala da sua mãe biológica, por que Benjamin se achou no direito...

— Sobre a outra questão. — me interrompe, colocando o copo vazio em cima do aparador que está ali no canto. Se aproxima e senta no sofá a minha frente. — Talvez pra você não seja uma grande coisa, pode parecer até besta, mas pra mim, Giulia, para a Nostra, pode ter sido alta traição. E por isso fiquei tão confuso, perdido, aéreo esse tempo todo.

— O que fez, Leo?

— Eu... Nesse período que fiquei fora do país, eu... Bem... —

pigarreia, está bem nervoso. — Eu entrei em outra quadrilha. Fiz parte de outra gangue.



Capítulo 9

Eu consigo compreender que todos me chamam de idiota, imbecil, por conta do meu jeito de levar a vida. E que se eles pedem para que eu resolva algo, é porque sabem que eu posso.

Mas Benjamin, com certeza, foi o pior castigo que poderiam ter me dado.

Ele é o pai do meu pai. Um senhor intragável, severo... Victor é o pai de Fernando, e por mais que ele tenha sido um chefão e também seja rígido, eu sempre vi como ele é um avô diferente.

Victor pode reclamar, dá sermão de horas, mas ele não vai te humilhar.

Benjamin me humilhava, usava a minha mãe biológica nas ofensas, deixava claro que se dependesse dele, minha mãe, Isabella, tentaria ter outro filho óo para me tirar da linha de frente da Nostra.

Tanto que voltei da Itália mais calado, mais centrado, tentando de todo modo não ser o cara idiota que faria as pessoas rirem. Algumas vezes eu tinha recaídas e o idiota do Leonardo voltava, mas ninguém se importava com isso... *Mas eu me importava.*

Então, no grande pedido de Fernando Bertollini, que ele confiou em mim, eu fui lá e fiz merda.

Na minha grande chance de provar a mim mesmo que sou capaz...

Vacilei feio!

— Eu te amo, Giulia.

— Também te amo. — sorri. — Direto ao assunto!

Respiro fundo.

Talvez não seja tão ruim.

Só entrei em outra gangue estando dentro da Nostra.

Alta traição, que deve ser punido com sangue, torturas até a morte.

E que estou fugindo, porque aposto que meu pai não vai querer me punir, nem Fernando, mas e se alguém da Nostra descobrir? Aí será traição até do chefão...

— Tudo começou há uns seis ou sete anos. — começo a contar. —

Em um país muito pequeno, quase perdido no meio do oceano, chamado

"Duran". Sabe do Yoshida, certo?

— O cara do passado, que matou Milla depois dela matar Nancy.

— Sim, mas não sei se sabe, ninguém conhece o rosto desse cara.

E se alguém souber como ele é, deve ser apenas as pessoas mais importantes para ele.

— Como assim "ninguém conhece o rosto dele"?

— Durante esses anos todos, nossos pais continuaram acreditando que Yoshida não nos deixou livres, que ele voltaria em algum momento, por esse motivo fui designado a descobrir mais e mais. Eles só confiam em pessoas próximas, porque a Nostra não vai desviar do assunto de drogas pelo Yoshida, que só atingiu as nossas famílias. E durante as investigações, ficou ainda mais claro que Yoshida é um homem sem face.

Porque muitos escutaram falar, mas ninguém o viu.

— E quem são esses "muitos"? As vítimas dele?

— Sim, alguns são resgatados e são até dado como "loucos". É

tudo tão insano, tão doentio, que a sanidade das vítimas se esvai. E quer saber? Eu realmente acredito que essas vítimas são resgatadas porque Yoshida quer, ele quer que saibam o quanto ele é doentio, psicótico, e quer ser falado, não visto. Quer ser o monstro dos tempos atuais.

Giulia fica um pouco atônita diante as minhas falas.

Não falamos tanto de Yoshida para o resto da família, tem sido algo mais investigativo. Ficou estabelecido que isso só viria a tona caso houvesse alguma menção de perigo.

E nem contei tudo de Yoshida, justamente porque falar tudo sobre ele, é como estabelecer o pânico em nossas vidas.

E está certo que tentaremos levar uma vida normal, porque uma das táticas, dos prazeres de Yoshdia, é o terror psicológico.

— Mas voltando a merda que fiz. — Giulia volta a olhar pra mim.

— Alguns seguranças ajudaram nas investigações, juntando uma peça aqui e outra ali, chegamos a esse país quase desconhecido. Mas como agora seria algo mais direto, Fernando achou melhor alguém de confiança para estar ali, então eu fui. Eu me arrisquei, porque poderiam me reconhecer, mas fui acreditando que eles não tinham nada a ver com nosso país.

— Mas como não teria nada a ver, sendo que é o Yoshida?

— Oh, não, não fui atrás de Yoshida. E sim das vítimas. Caçando muito, indo lá no fundo do poço mesmo, na internet, no submundo dos crimes mais obscuros, chegamos em sequestros e coisas doidas em Duran. Que poderia ter ligação com Yoshida, então fui ver de perto.

— Ah, sim, pensei que tivesse ido atrás do Yoshida.

— Corria o risco daquele local ser a sede dele, porque não temos noção de onde ele opera.

— Mas é algo enorme, pra ele estar aqui e depois em um país no meio do nada.

— É algo gigantesco, porque é muito escondido. Por isso foi mais fácil ir até o local que tem muito sequestro. Mas chegando lá, me deparei com algo que não imaginei, um país normal. Pela quantidade de sequestros, de coisa doida acontecendo, eu jurava que era um país sem desenvolvimento, sem lei, sem nada. Mas é um país comum, eu diria que é como alguns países do Caribe. Então não entendi como tanta coisa acontecia e nada era feito. Mas tem gente atuando contra essas fatalidades. A quantidade de monitoramento, de avisos, de recomendações para evitar o sequestro... Sim, recomendações para evitar o sequestro.

— Mas a polícia pode ser comprada, certo?

— Comprada pela gangue que atua lá, que juram que também tentam combater essa quadrilha que sequestra pessoas. Eu me fingi de turista, conversei com as pessoas, e falaram de Yoshida. Falaram que a polícia tenta, há anos, descobrir qualquer pista, mas sempre que prendem alguém, esse alguém não sabe de nada, foi apenas pago para sequestrar. E

quem sabe um pouco mais, não sabe o suficiente, dá o local que era para levar as vítimas, mas quando chegam lá, não tem nada. Agora que já

expliquei o motivo da viagem, vou explicar como traí a Nostra, sem ter traído totalmente.

Giulia se ajeita no sofá. Ela está compreensiva, é mais fácil contar a ela que ao meu pai e Fernando.

— Estava olhando o local, estudando mais, vendo como tudo ocorria ali e

esperando alguma ação. Ver se teria algum sequestro ou assassinato durante aquele tempo, no doa que cheguei houve um roubo de bebê na maternidade, coisa louca mesmo. Só que não tinha nada para comer no hotel, então fui procurar algum local aberto para comer, e só tinha bares. Entrei em um e fiquei esperando por um prato com petiscos.

Era um local meio caído, daqueles que só vão bêbados que caem na rua, por isso estava aberto, não se importavam o suficiente com a segurança deles. E olhando ao redor, vi uma garota, que parecia ter uns quatorze anos, sendo importunada por um bêbado. Ela estava quase chorando, agarrada a um urso de pelúcia, e acuada. Eu não sabia o que ela estava fazendo ali, mas o meu impulso foi de ajudar a menina.

Eu revivo a cena na minha mente.

A menina ruiva, choramingando abraçada a um urso de pelúcia, e ninguém se importando de um velho bêbado ficar apertando o braço dela, puxando a meninas para o seu corpo.

— Apenas me levantei do banco, dei cinco passos, e veio o primeiro som de tiro. Por uma fração de segundos, achei até que fosse pra mim, mas foi pra menina, que caiu no chão. — é como se eu ainda escutasse o som do seu corpo caindo no chão. — Um tiro na cabeça.

Depois foi apenas gritaria, nada de tiro.

— O bêbado atirou nela? — Giulia arregala os olhos.

— Não, o tiro veio do lado de fora do bar. Mas foi na cabeça dela, sendo certeiro. Era um bando de bêbado que nada fariam pela menina, eu corri até ela. O dono do bar chamou a ambulância, que foi rápido, mas ele não quis acompanhar e a menina estava sozinha. Eu a acompanhei até o hospital, fiquei lá esperando. Ela ainda estava com sinais vitais, não foi fatal. Mas durante essa espera, um homem chegou para saber o que estava acontecendo ali. Foi então que tudo na minha vida mudou. Era o chefão de uma gangue chamada "West".

— Entrou na gangue por ajudar a garota?

— Sim. — confirmo. — O nome da menina é Rachel. Ela estava sozinha naquele bar, porque esperava pela mãe, Ciara. Ciara foi assassinada minutos

antes, e Rachel seria assassinada depois. Acontece que durante toda essa loucura de ajuda-la, o urso dela se foi. E claro que eu não pensaria em pegar um urso, mas esse bichinho de pelúcia tinha algo que a gangue queria. E eu era um turista, bem vestido, em um bar lotado de velho bêbado. Ninguém quis escutar minha versão, fui preso, mantido em cativeiro para sondarem minha vida. Mas Fernando fez de tudo para parecer que minha vida falsa era verdadeira, colocando a Itália como meu país de origem. E por Duran ter belas praias, aceitaram o meu turismo, mas não aceitaram que eu vi demais, que eu fui preso e vi o rosto do chefão, Orlando West. Meio estranho, bem idiota, mas instável.

Então ele decidiu que eu poderia ser livre depois que eu pagasse por isso.

Pagasse trabalhando para eles.

— Em nenhum momento eles desconfiaram de você?

— Não, em nenhum momento. Eu fiz um sotaque italiano, falava em italiano, eles acreditaram. Orlando achava divertido me prender desse modo, me obrigar a trabalhar para ele, mas eu via que outras pessoas eram contra, porque assim eu saberia muito mais.

— Realmente não tem grande sentido.

— Orlando é idiota, e eu só não fugi, porque Rachel me interessava muito. Como ajudei, dei desculpa que me interessava em saber do seu estado de saúde, mas não tinha como saber algo dela. Fui atrás de informações sobre Ciara e descobri que era uma mulher que vivia metida em confusão, namorava traficantes, brigava com todos, e sua morte foi dada como vingança. Descobri também que não era claro o parentesco de Ciara com Rachel, então Rachel tinha algum nível de importância para aquela gangue, porque eles sabiam dela e Ciara. E eu queria saber o que era. Entrei ainda mais no assunto, mas eu fui tão bom, tão bom, que Orlando simplesmente fez uma cerimônia e me colocou na gangue, como membro e honraria.

— Oi?

— Orlando é doido! Ele viu que eu fui tão bem, que tramou tudo para que eu ficasse, me deixando a como membro da gangue, para que todos me vissem e me pressionassem para não sair da linha. Foi comemoração, uma loucura. Eu não poderia sair antes, porque eu

precisava investigar Rachel e Ciara, se eu fizesse algo errado, ou não fizesse algo, Orlando ficaria na minha cola. Então fiz a coisa certa, graças aos ensinamentos da Nostra, e ganhei até regalias naquela gangue. Já estava ficando insustentável, então precisei fugir depois de um tempo.

— E por que não contou ao seu pai, pelo menos? Porque tipo, os fins justificam os meus meios. Eles entenderiam...

— Eu fui ameaçado, preso, forçado a entrar. As punições são como a Nostra, severas. E estava ali, com uma vítima real, que poderia falar algo. Quando Rachel acordou, falou sobre encontrar Ciara, sobre ela ter entregue esse urso no passado e que ela tinha que devolver naquela noite. Estava tão próximo de saber algo mais que fiquei, e foi aí que veio a principal tarefa: Traficar em Porto Rico.

— Ah merda!

Giulia entendeu a gravidade do assunto agora.

— Sim, Giulia, eu tive que ajudar uma gangue inimiga. Tive que ajudar a traficar no território do meu avô, e conseguimos. Você não conhece essa gangue, West, mas depois daquela tomada de território, a Nostra e, principalmente, a Sangre Latino, já sabe a existência dessa gangue, e por minha causa, que fui obrigado a ajudar a traficar. E quando falo obrigado, é isso aqui.

Levanto do sofá e tiro a camisa, onde tem as marcas daquela vara acertando minhas costas.

— Meu Deus! — sinto a mão de Giulia me tocando. — Você se negou e eles...

— Sim, eu apanharia todos os dias, então tive a brilhante ideia de ajudar no tráfico deles, de maneira errada. Eu estava ali, vendendo drogas, torcendo por uma brecha para fugir, mas os caras conseguiram tomar o território, e eu estava naquele grupo. Não foi apenas na Nostra, foi na Sangre Latino. E eles vão aceitar essa minha desculpa? Talvez os parentes aceitem, mas não os membros, isso causará revolta. E tudo porque fui idiota de ir até aquela garota...

— Seu impulso foi de tirar um homem de cima de uma adolescente. — viro-me para Giulia. — Depois acompanhou ao hospital.

— toca meu rosto. — Você tentou ajudar, e acabou se ferrando... Acabou se

ferrando por ser bom.

— Eu participei da *"ferração"* da Sangre Latino. Eu estava ali, naquele grupo Voltei para o país quase sufocado de medo, pensando se alguém me viu naquele lugar, mas não me viram... Mas eu fugi de West, de uma gangue que pode me matar por isso. E vim aqui onde também posso morrer pelo mesmo motivo. E se West descobrir quem sou de verdade? Aí serei exposto a todos. Estou perdido ao todo, Giulia! E no fim não descobri nada! Na-da!

Giulia me abraça no mesmo momento.

Ao mesmo tempo que sinto meu peito sem o peso de antes, agora que falo em voz alta, percebo o quão grave é toda essa situação.

Tive a capacidade de trair três organizações criminosas.

A minha própria, por entrar em outra gangue.

A gangue do meu avô, Javier, porque eu estava no seu país quando alguns territórios foram tomados.

E West, a gangue que entrei para tentar descobrir mais de Rachel e depois sumi da vida deles.

Retribuo o abraço de Giulia e ela beija meu peito.

— O que fiz muito grave?

— O que posso dizer é que agora entendo todas as suas ações, o seu modo de agir, o seu medo e receio de contar.

— Foi muito grave então.

— Os fins justificam os meios, Leo.

— Nem sempre, Giulia. Ainda mais na Nostra.

Giulia Bertollini Vesentini

Capítulo 10

Eu poderia ter imaginado um assassinato. Que Leo perdeu alguma carga, que foi preso e não nos contou nada, mas não algo dessa magnitude.

Ele conseguiu trair três quadrilhas ao mesmo tempo.

E tudo por ajudar uma garota.

Queria dizer que é um assunto fácil de ser resolvido, mas não é nem fácil de ser falado.

— Quando apanhou, Leo? — pergunto, afastando-me dele. —

Porque eu tinha te visto sem camisa...

— Há três semanas, mais ou menos.

— Sua fuga é recente! Agora me toquei nesse detalhe.

— Bem recente. Quando eu vinha pra cá, eu fiz inúmeros malabarismos para fazer de conta que fui para a Itália. E por isso também me odeio, eu poderia ter evitado muita coisa se eu apenas fugisse. Mas como fui me inserindo ali, fui sabendo mais de Yoshida, não sobre quem ele é, mas sim seu modo de operação, acabei me perdendo na minha sede de querer mais. Aí passei as informações para nossos pais, eles ficaram orgulhosos, queriam mais e mais, fui dando, fui ganhando status, amando, ego elevando, achei que não seria tão pesado assim. Mas foi quando Orlando falou: "Vá para Porto Rico, quero que venda drogas lá", e lá estava eu, cercado por homens de West, no território do meu avô.

Isso torna pior, porque Leo poderia sair, poderia fugir, mas ficou ali.

— Pelo menos conseguiu informações.

— Sempre tentando ver o lado bom da coisa.

— É a verdade. Eu imaginei coisas terríveis, até traição...

— Eu nunca trairia você. E traí os negócios achando que levaria vantagem a Nostra... Por que eu fui ser bom?

— Porque tudo tem um motivo. E era uma adolescente! Ela está bem?

— Sim, ficou com algumas sequelas, mas já deve estar noventa por cento melhor. Ficou com um tal de Hugo. Foi um rolo muito doido, ao mesmo tempo que ninguém daquela gangue era próximo a garota, eles cuidaram dela. Parece que Hugo era o ex-namorado da mãe de Rachel.

Ele era muito estranho. Parecia carregar alguma culpa, mas não falava diretamente do assunto. Resumindo, essa história em torno da garota não foi mencionado. Ela ficou em um local sendo protegida, o que indica que ela seria muito procurada por Yoshida. O que tinha no bendito urso? Se Rachel sabe, nunca contou.

— Nem mesmo ao Orlando?

— Não, ele cuidou dela, deu proteção, exatamente para que ela contasse algo, mas ela dizia não saber. Falava sobre Ciara mandar levar o urso. Ela nem sabia sobre ser filha de Ciara, Hugo que contou. Rachel foi criada por outra família, um lar conturbado que ela odiava. A família dela sumiu do mapa. O que me fez pensar que Rachel tem ligação muito próxima a Yoshida. E que ela desconhece a própria vida.

— Foi o máximo que chegou em alguém tão próximo a Yoshida.

Você tentou, Leo. Eles entenderão quando contar a sua situação.

— É que me culpo tanto, porque errei mais pela busca da aceitação, pelo status, por querer mais e mais, do que pela bondade de ajudar aquela menina. E não sei se isso será aceito, porque foi idiotice.

— Eu vou com você quando for contar ao meu pai e ao seu.

— Eu realmente preciso contar?

Cruzo meus braços e o encaro.

— Ok. Ok. Você venceu, contarei aos nossos pais. — estica a mão para mim. — Já que contei a verdade, agora podemos voltar a ser marido e mulher? Porque não tenho mais motivos de sair de perto de você.

— Só contou por causa do sexo. — brinco.

— Porque sinto sua falta. Conheço a esposa que tenho, aquela mesma que bebeu um pouco e disse que só transou comigo porque estava

movida pelo álcool.

— Eu não admitiria que você havia me conquistado naquele momento. Viu como tudo se torna mais fácil quando conversamos?

— Eu me senti idiota, tão burro, eu me culpei por tanta merda.

— Com você ou sem você, a Sangre Latino perderia território.

— Eu não contei porque estava preso, sem comunicação. Como era algo de extrema importância, e Orlando queria me testar, fiquei sem comunicação. Se eu tivesse comunicação, eu juro que contaria a Yankee ou a Javier. Tanto que apanhei porque não quis participar, mas aí eu morreria ali mesmo, e nenhum de vocês saberiam. Pensei que seria mais sofrimento para vocês... Sei lá, meio impulsivo, talvez o certo teria sido morrer.

— Leo, com você ou sem você, a Sangre Latino perderia território.

— Fui meio covarde...

— Se você ficar se depreciando, eu perco toda a minha libido. E aí você só terá esse corpo nu aqui...

— Eu calo minha boca. — toca na minha cintura. — Eu acho que negligenciei muito a minha esposa...

— Demais. — sussurro. — E acho que me deve pelo menos uns seis meses.

— Eu pago até um ano.

— Aí teremos que ficar presos dentro do quarto. — eu grito quando Leo me carrega, me tirando do chão. — Leo você vai me derrubar!

Começo a rir quando ele beija meu pescoço, mas paro de rir quando sua boca descendo, chegando aos meus seios.

Ele vai andando comigo em seu colo, nos beijando, sua mão apoiando a minha bunda.

Olho para trás, quando sinto minhas costas empurrando uma porta, e aí vejo que estamos entrando no escritório.

— Não correr o risco de Felipe chegar ou algum funcionário entrar e nos pegar no flagra.

Leo empurra uma papelada, que cai toda no chão, me coloca sentada na mesa e começa a me beijar novamente.

Tiro sua camisa, depois tento tirar sua calça, mas ele já se ajoelha na minha frente, apertando meus joelhos e fazendo com que eu abra mais as pernas para ele. Abaixa o meu vestido, que não tem alças, e meus seios ficam nus.

Leo coloca a boca em um seio, depois no outro.

Como senti falta dele!

— Senti sua falta pra caralho! — morde um mamilo, meu corpo se arrepia por inteiro. — Senti falta de você totalmente entregue para mim.

Sua mão chega até minha boceta, que está molhada, ansiando por seu toque. Quando Leo toca, mesmo que de leve, meu clitóris, um gemido escapa e fecho os olhos.

— Vejo que também sente a minha falta.

— Tentei não sentir, mas sempre senti. — abro os olhos e olho para ele. —

Também tentei me aliviar sozinha, mas não é a mesma coisa sem você.

— Sempre estive em seus pensamentos?

— Claro que sim.

— Quando tocava na sua bocetinha, era em mim que pensava? —

seu toque fica mais intenso, começando a massagear meu clitóris, depois o outro dedo começa a entrar em mim lentamente. — Responda, Giulia!

— Sim, pensava em você! — gemo mais quando ele começa a entrar e sai com mais velocidade. — Sempre em você!

— Gozava pensando em mim também?

— Sim!

— Então me mostre como faz.

Fico mortificada com tal pedido, nunca fiz algo assim, era sempre Felipe fazendo... Quer dizer, nunca fiz na sua frente.

— Vergonha do seu marido? — arqueia uma sobrancelha. — Não parecia ser tímida quando meus dedos entravam e saiam da sua boceta.

Ela está encharcada, Giulia, então me mostre como fazia quando não estava aqui.

Engulo em seco, meu desejo começa a falar mais alto que a vergonha.

Abro mais as pernas. Seus olhos ficam fixados nos meus.

Levo a minha mão, quase lentamente, até a minha boceta, e aí Leo olha para o que estou fazendo.

Sinto como estou encharcada e muito quente, no mais simples toque, ela se contrai.

Começo tocando meu clitóris, ultrassensível.

O olhar de desejo de Leo faz com que minha vergonha diminua, e quando ele toca seu membro por cima da cueca... Mordo o lábio.

— E você, Leo, como fazia sem mim?

— Quer que eu te mostre?

— Acho justo, já que estou dando um showzinho para você.

— Um espetáculo!

Abaixa a cueca até retirá-la por completo. Seu pau duro e grosso aparece.

Suspiro.

O jeito como ele se toca, como sobe e desce com a mão...

A velocidade dos meus dedos é a mesma que a da sua mão, como se estivéssemos conectados.

Mas acho que Leo não aguenta mais, vem se aproximando, parecendo rondar a sua presa. Inclina na minha frente e sinto sua língua quente me lambendo por inteira.

Leo continua, me lambendo, tirando tudo de mim e gozo facilmente na sua boca.

— Sentiu mesmo a minha falta. — sorri para mim. — Gozou facilmente na minha boca e, como sempre, mais gostosa do que nunca.

— Não podemos demorar muito.

— Isso é um pedido para que eu te foda logo?

— Sim.

— Ainda toma anticoncepcional?

— Sim.

— Então posso te sentir por inteira agora mesmo.

— É o que mais quero.

Segura seu pau, dá algumas batidas no meu clitóris, me fazendo gemer por ele. Depois ‘’pincela’’ por toda a minha boceta, e, por fim, sinto entrando em mim, lentamente. Cada milímetro entrando e sentindo tudo.

— Aperta e quente pra caralho.

Leo agarra meus quadris e começa a se movimentar mais rapidamente, entrando e saindo, me comendo com força, falando sacanagens no meu ouvido.

Novamente não demoro nada, ainda mais quando ele começa a tocar meu clitóris. Gozo, mordendo seu ombro, para não gritar. Em seguida ele faz o mesmo, sinto seu pau pulsando em mim e os jatos quentes me enchendo.

Eu amo esse homem.

É bom tê-lo de volta.

— Te amo, esposa. — coloca a testa na minha, a respiração ainda ofegante.

— Também te amo, marido.



Bônus

Jovens... Ah, os jovens! Eu os odeio! Mesmo que eu seja uma jovem de dezenove anos!

Esfrego a mesa, limpando a sujeira que os alunos do curso de engenharia civil fizeram. Um bando de retardado brincando com o frasco de maionese.

— Eu odeio jovens. — olho para a garota que falou isso. — São retardados ao

extremo, sinto muito pelo que te falaram.

— Obrigada pela compreensão. — sorrio para ela.

Bem, os idiotas sujaram tudo, depois vieram me dando o recado

"Deixamos um trabalho para a novata, pode limpar, está sendo paga para isso". Precisaram deixar claro meu lugar de empregada...

— É que é faculdade onde muitos têm dinheiro. — ela explica. —

Eles gostam de deixar claro o local que eles pertencem. Tipo "eu tenho dinheiro, mando em você". Anteriormente alguns funcionários reclamaram da falta de educação de alguns, e foram demitidos. O "aviso"

é por isso.

Que merda de lugar para trabalhar!

Mas olho para a garota a minha frente.

Ela parece bem simpática, dos dias que estou aqui, é a única que falou comigo educadamente.

— Sou a Jasmine. — ela sorri.

— Rachel.

— Eu entendo o que passa. Esse local é uma merda.

— Mas deve ser mais fácil quando se é estudante.

Ela ri um pouco e bebe um pouco do suco.

— Olhe ao redor, Rachel. Quantos negros você vê nesse local?

Acho que só tem eu e mais vinte, pelo menos que eu já vi. Em meio a

mais de quinhentos alunos no turno matutino, tem mais branquelos ricos que negros ricos. E é meio pesado estar por aqui. Nem todos são preconceituosos, mas muitos são. Tipo no seu caso, é branca, mas é funcionária, eles gostam de

deixar claro que estão acima. Por isso também os odeio.

Jasmine é negra, o cabelo é na altura dos ombros, preto e liso, fios grossos. Os olhos são castanhos escuros, mas são meio puxados.

— Você tem algum traço asiático? — pergunto, curiosa por seus olhos puxados.

— Por parte de mãe, eu acho que a família era das Filipinas. E

você, vem de onde?

— Porto Rico. — minto.

— Olha, uma porto riquenha! Sempre quis ir até lá.

— É tão perto daqui.

— É complicado. Gostaria de perguntar se está gostando de trabalhar aqui, mas a sua cara já mostra que está odiando.

— É uma merda, mas foi o emprego que encontrei.

— Achei você! — uma garota se aproxima, sorrindo para Jasmine.

— Pensei que tivesse ido embora.

— Oi, Leila. — Jasmine sorri. — Estava de saco cheio da aula.

A tal Leila me ignora por completo. Ignora tanto a minha presença que até se esbarra em mim, nem pede desculpas.

— Educação enfiada na bunda, querida? — Jasmine olha para Leila. — Sério, sua maneira de agir está me irritando.

— O que eu fiz?

— Esbarrou na Rachel.

Leila franze o cenho, depois olha pra mim. Com um sorriso esnobe, ela pede desculpas. Peço licença e saio de perto.

Volto para o balcão, depois lavo o pano que usei para a mesa.

Meu celular toca nesse momento.

— Oi. — atendo.

— *Você virá pra casa que horas?* — coço minha nuca quando escuto sua pergunta. Um calafrio subindo. — *Rachel?*



— Vi, o que está acontecendo? — pergunto a ela. — Por que essa pergunta virou sua principal questão?

— *Ah, Rachel! Hugo já está te contaminando contra mim? Pelo amor de Deus! Eu quero saber, tenho algo para ser feito e quero saber onde deixarei a chave.*

Vi anda bastante estranha. De início achei que era implicância de Hugo, mas agora...

— Não, não voltarei para casa. — respondo. — Quero dizer, apenas a noite.

— *Deixarei a chave no buraco que tem perto da escada, ok?*

— Ok, Vi. Tudo bem.

Eu menti quando disse que demoraria para voltar para casa. Fingi que estava passando mal e supervisora acreditou em mim, na verdade, forcei o vômito... Mas aqui estou eu, preparada para abrir a porta e ver o que Vi tanto faz sozinha.

E quando abro a porta, encontro-a arrumando a mesa de jantar.

Tem várias fotos minha, balões, uma faixa escrita "PARABÉNS".

— Eu não acredito, Rachel! — ela coloca as mãos na cintura. —

O que faz aqui?

— O que é isso?

— Bom, eu tentei fazer uma surpresa. — parece decepcionada. —

Você estava tão triste, tão cabisbaixa, que decidi fazer uma surpresa.

Comemorar seu primeiro emprego... Mas o que faz aqui.

— Passei mal, vomitei no trabalho...



— Ainda com os enjoos? — ela vem a minha direção e segura as minhas mãos.
— As vertigens estão voltando?

Não, eu desconfiei de você, o que tanto faz nessa casa, sozinha.

— Talvez. Mas obrigada, Vi. — abraço-a. — Obrigada mesmo.

— Te amo, Rachel. É como uma filha que nunca tive.

— Mas como arrumou dinheiro para isso? — ela fica tensa.

Afasto-me dela. — Desculpe-me, mas...

— Eu era uma pessoa que fazia coisas erradas, já estou acostumada a isso.

— O que seria "coisas erradas"?

— Coisas imorais. Vender meu corpo. — sorri de maneira fraca.

— Não quero falar disso, pode ser.

Então ela é prostituta e aqui é onde ela traz seus clientes?

— Obrigada, Vi. — agradeço, arrependida por ter desconfiado dela. — Obrigada por tudo.

É mais fácil para os Bertollini, Vesentini e Ferrara serem herdeiros do crime. Ou melhor, conviver com os boatos do que seus pais fazem, mas eu?

Não, é bem mais complicado!

Ninguém olha pra minha cara e fala alguma merda, mas a maioria me evita.

Somente quem é essa dessa vida me aceita, e nem deveriam, porque nossos pais não são aliados.

E agora eu me sinto escrota, porque eu só aceito Leila para não estar sozinha. Ela me incomoda muito, muito mesmo! Mas a solidão, os

olhares atravessados, as pessoas me evitando, incomoda muito mais.

Por isso aceito essa "amizade".

Mas Leila está cada vez mais insuportável.

— Eu quero sair da faculdade. — meu pai para de limpar a sua arma, seu xodó, uma submetralhadora, e me encara. — É isso mesmo.

Desculpe-me, mas sua filha prodígio não quer mais estudar.

Meu pai é o cara que coloca seus sonhos em cima da única filha.

Não fez faculdade, então seu sonho é me ver formada, sendo um exemplo para o resto da família.

É mais sobre me exibir.

— O que aconteceu? — pergunta com cautela.

— As pessoas me evitam, me olham de jeito estranho...

— Fale nomes, mostrarei como nunca, em hipótese alguma, devem olhar para você de maneira indevida. Porque aposto que olham para os herdeiros da Nostra com admiração.

— Pai, eu não quero viver o seu sonho.

— Jasmine, você pediu para estudar literatura, que pra mim é uma formação inútil, pois nunca vai trabalhar na área, então...

— Pai, eu quero comandar minha própria vida.

Respira fundo. Coloca arma para o lado.

— É sobre o Romeo? Filha, quero que entenda, eu não lutei tanto, não aumentei os negócios, para que tudo seja perdido.

— Se for para eu engravidar, quero encontrar o cara certo para isso...

— Daqui a trinta anos?

A maior preocupação do meu pai é não ter um sucessor. Minha mãe teve complicações no parto, então eu sou a única herdeira porque ela não pode mais engravidar. Minha mãe se nega a adotar um filho somente para que ele seja um sucessor do meu pai... Então sobrou pra mim o dever de dar um futuro líder a M-Unit.

— Quando eu decidir. — sou enfática na minha decisão. —

Romeo é chato, não temos química alguma...

— Já é um acordo firmado, Jas. Se quebrar o acordo, será a quebra de acordo de gangue.

— Pai, o acordo foi feito nas minhas costas! — respiro fundo, tento não gritar com ele. — Eu não aceitei esse casamento.

— Você nunca aceita nada, Jasmine. Nem estudo está aceitando. O

que quer, afinal? Nada! Não sai de casa, não tem amigos, não quer estudar, não

quer namorar, não quer nada! Então se não consegue comandar a própria vida, eu comando por você.

— Preferia ser deserdada do que ser comandada por você! Porque se não tenho ninguém perto, é por sua culpa! — tento não deixar que a raiva transpareça, porque sou aquela que chora de raiva, porque não posso bater e nem xingar o meu pai, pois é errado e amo... Amo apesar de nunca respeitar minhas vontades. — Diz que não comando a minha vida, porque sempre fui comandada por você!

— Tchau, Jasmine! — grita. — E pode deixar, não precisa mais estudar. Vou cancelar sua matrícula. Já que vai casar, viva para o casamento mesmo.

Eu o odeio! É isso!

Mas eu fugirei de casa!

Vou escapar dessa fortaleza, vou escapar dos seguranças que me cercam até na faculdade, mas eu fugirei. Não deixarei que minha vida continue sendo comandada por meu pai.

Comandada pelo meu pai.

E criada para ser uma parideira.



Capítulo 11

— Como vai, rainha das trevas? — cumprimento Katherine.

— Ô, mãe! — ela grita. — Seu filho disse que sou do demônio!

— Os anos passam e vocês continuam nessa implicância! —

minha mãe beija meu rosto. — Para de chamar sua irmã assim!

— Mas eu nem a chamei de "herdeira de belzebu". — pronto, agora minha mãe me dá um tapa estalado no braço. — Desculpe.

— Ele ainda não entendeu que sou a favorita da casa.

— Não tenho favoritos, Kat. Amo todos igualmente. Às vezes me irritam, tipo agora, tipo ontem pela manhã, e anteontem, e quando eu liguei...

— Entendemos! — falamos ao mesmo tempo.

— Venha almoçar. — me mãe me arrasta, puxando meu braço. —

Hoje eu fiz almoço especial...

— Não coma. — Kat adverte. — Sabe que não gosto de você, mas não te odeio a ponto de deixar que coma essa ogiva nucelar que está à comida da nossa mãe!

— Katherine você está me irritando!

— Mãe, obrigada, mas já almocei. — nego, porque sei que Kat está falando a verdade. — Eu comi em casa...

— Vai comer sim! — grita, e me empurra na cadeira. — Sentem, agora! — sentamos na hora. — E apreciem minha deliciosa comida.

Deus do céu! O arroz dela dá para rebocar uma parede, tudo grudado, nojento. Ela nem precisa cortar o camarão, está na cara que está bem borrachudo. Seu macarrão é um grude...

— Macarrão ou arroz?

— Realmente estou cheio...

— Macarrão ou arroz? — minha mãe grita.

Olho para Kat, perdida, olhando para a mesa e tentando escolher o

"menos pior".

— O macarrão parece mais agradável. — ela responde. — Juntos venceremos.

E minha mãe vai toda orgulhosa, colocando em nossos pratos.

— Você experimentou? — pergunto.

— Tolinho. — cantarola. — É claro que não! Vocês que tem que dar a nota.

É intragável!

— É horrível! — Kat larga o garfo em cima do prato. — É uma tortura...

— Eu acho que podemos aplicar isso nos castigos da Nostra.

— Um dia eu cozinharei tão bem, mas tão bem, que vocês suplicarão por um alimento feito por mim.

— Até Gabriel sabe cozinhar. — falo. — O Gabriel!

Respira fundo.

— O que quer aqui, Leonardo?

— Vim ver o meu pai.

— Saiu com Benjamin. — responde. — Não sei que horas ele volta.

— Ele está aqui?

— Invejo os Bertollini. — Kat brinca com o camarão. — Vô Victor rainha, Benjamin nadinha!

— O que ele quer aqui?

— Encher o saco, como sempre. — minha mãe responde. — Pelo menos não trouxe a esposa, Verônica, tão chata quanto o marido.

Concordo com Kat, invejo Sara. Alice e Victor são os melhores sogros!

— Se já o odeiam sem ter convivido por dias, imagine eu?

— Culpe seu pai, eu disse que era só eu gritar e te bater, tudo seria resolvido. Mas seu pai queria que você aprendesse sobre a Nostra. Eu

disse que era só ele me ensinar que eu seria o Mario Zambada do El Chapo! Ele aceitou? Não!

— Mãe, podemos formar uma máfia só de mulheres. — Kat sussurra, pegando os camarões e montando seu plano. — Olha só, os camarões somos eu, você, Karen, Cassie, Giulia, Sara e Jasmine...

— Jasmine? — indago.

— Shhh... — Kat grita comigo. — É minha máfia! Não se mete!

Voltando ao plano. Todas subjugadas por esse bando de homem que se acham superiores. Podemos fabricar drogas, e armas biológicas. Pensa comigo, mãe, o mundo é das mulheres. Se ameaçarmos todos com uma bomba biológica...

— Eu não entendi nada. — minha mãe franze o cenho. — Como saímos do tráfico de drogas para uma arma biológica?

— Porque seremos maiores. Quem é o Pablo Escobar perto da gente?

— Pablo Escobar não existe desde o século passado, garota!

— Por isso mesmo, Leo. Nós não cairemos. Mulheres ao poder.

Usando a química. Breaking bad chora na minha sagacidade.

— Mas a arma biológica é para adoecer o mundo ou acabar com o mundo? — é sério que minha mãe está levando essa conversa a sério?

— Mae, é para os humanos se ajoelharem...

— Eu posso ser idiota, mas mãe, Kat é psicopata! — olho pra minha mãe. — Sério, leve a essa menina ao psiquiatra, novamente.

— Olha só quem fala? Você também é um imbecil! E eu não sou psicopata!

— Kat chora de amor, Leo. Ela ama o Gabriel. Acho que psicopatas não tem esse tipo de sentimento. Kat só é doida mesmo. —

Kat rosna, eu dou risada, minha mãe experimenta a própria comida e depois corre para cuspir no lixo e lavar a boca. — Sem comentários sobre o que acabei de fazer. Mas então, Leo, o que quer com Marco?

— Apenas conversar.

— Converse comigo então. — senta na cadeira. — Eu sou uma ótima conselheira.



— Isso é pra tia Sara.

— Katherine, vá estudar...

— Estudar é uma digníssima perda de tempo, porque no futuro eu serei uma gangster e dona de escolas.

— Dona de escolas que afirma que estudar é perda de tempo? —

encaro-a, tentando entender que tipo de sonho é esse. — Qual a finalidade disso?

— Finalidade de que tudo nessa vida é um equilíbrio. — sorri de modo calmo, uma falsa "good vibes". — Trafico e ainda dou estudos a população.

— Mentira, Leo. É que Kat é voluntária no orfanato. — minha mãe começa a explicar. — Ela é doida, mas tem um bom coração. Então ela começou a ter ideia de levar ensino a todas as crianças carentes.

Dinheiro para isso temos. Porém, Kat quer que seja com o próprio dinheiro dela.

— Que conseguirei sendo *bandidona*.

— Vamos ignorar essa garota. — minha mãe segura a minha mão.

— Pode desabafar comigo. Giulia continua te evitando?

— Não, nem um pouco.

— Então já contou o que aconteceu a ela?

— Sabe o que aconteceu?

— Não, mas todos desconfiam que algo aconteceu. E se Giulia não te evita, conversou com ela. Então converse comigo, amo saber das coisas, ainda mais sobre a vida do meu próprio filho.

Minha mãe e Kat me encaram, esperando minha resposta.

— Ok. — concordo. — Mas deixe-me contar tudo, depois vocês podem julgar a vontade.

— Então, como foi contar tudo a sua irmã e a Kat? — Giulia pergunta, quando sentamos no sofá da sala de estar. — Elas te compreenderam?

— Giulia, sempre será mais fácil falar com vocês. Percebi isso quando te contei, tinha receio de falar o que fiz, e você me apoiou, assim como elas. E quer saber? Até torcia para você ver minhas costas, sem sabe assim eu tinha o impulso de contar as merdas que fiz. O problema mesmo são nossos pais. Eles sim podem julgar, e o que fiz é aquilo, por um lado foi correto, por outro poderia e deveria ser evitado.

Giulia me abraça.

— Estamos juntos nessa, Leo. Agora sim estamos juntos nessa. —

beija meu braço. — E se nossos pais forem contra, fizerem alguma treta sobre isso, permaneceremos juntos.

— Agora eu me sinto ainda mais idiota por ter escondido de você.

— seguro sua mão e beijo cada dedo. — Agora que desabafei, penso "Eu poderia ter tido um ponto de paz verdadeiro".

— Diálogo é fundamental, Leo. Sempre será fundamental. Por isso que deve contar logo aos nossos pais. — ela se afasta, me encarando.

— Eu acho que já deve ter pensado nisso, mas se West foi a Porto Rico, eles podem vir...

— Até aqui, sei disso. Ou até mesmo pesquisar mais a fundo sobre a vida dos chefões da Sangre e chegar na minha cara. O que será pior pra mim. — respiro fundo. — Tudo complicado, Giulia.

O seu celular toca e Giulia vai atender a porta, já que foi Karen avisando que já está chegando.

— Não tem funcionários aqui? — pergunto, quando ela retorna.

— Não aqui dentro, como, com certeza, discutiríamos esses assuntos, pedi para saírem mais cedo. Só tem os seguranças lá fora, Karen pediu para que eu abrisse o acesso a garagem, ela dormirá aqui.

— Por quê? Nada contra Karen, mas por que ela vai dormir aqui?

— Não sei. Ela vai responder quando chegar.

E cinco minutos depois, eu tenho Felipe pulando em cima de mim e contando como foi passar o dia com sua tia Karen e avó Sara.

— Deus abençoe, tia Sara. — como o primeiro pedaço de bolo que ela mandou especialmente pra mim. — Sempre me amando.

— Ela disse que é para dizer "parabéns". — Felipe bate palmas. —

Pela coragem de falar a verdade.

— Todo mundo sabe? — olho para Giulia e Karen.

— Não da verdade ao todo. — Karen responde. — Mas se Giulia está de bem com você, isso mostra que contou a verdade, seja ela qual for.

— E qual a verdade? — Felipe pergunta.

— Um dia entenderá. — bagunço seu cabelo. — E também um aviso, ficarei

aqui por muito tempo, sem mais viagens.

Felipe pula em mim novamente, me agarrando em um abraço apertado, comemorando que não sairei mais.

Tudo poderia ser evitado...

— E então, como foi seu dia? — pergunto.

Felipe, tagarela do jeito que é, conta os mínimos detalhes de como foi seu dia.

— Benjamin é um saco! — Felipe cruza os braços. — Ele ficou tentando brincar comigo...

— Ele é seu bisavô, Felipe.

— E daí, Giulia? — só de escutar o nome desse velho eu fico irritado. — Aquele velho é um insuportável!

— Leonardo! — Giulia me repreende. — Isso não é coisa para se dizer na frente de uma criança, querendo ou não, Benjamin é mais velho.

Se não gosta, evita, mas também não precisa ser mal educado e desrespeitoso.

— Mas ele ficou apertando minha bochecha, me tratando como criança...

— Você é uma criança. — relembro a Felipe.

— Mas eu sou o homenzinho da família. Minha mãe que disse.

— Culpa sua, Giulia.

— Culpa sua e de Katherine, porque sua irmã vive falando mal de Benjamin na frente do Felipe. Então, se não gostam, evitem. Simples

assim.

— Então se Giulia pede para evitar, e não para aceitar, vejo que Benjamin é o ranço coletivo. — Karen faz a observação. — Eu não tenho aproximação alguma com ele, só o tanto que Kat reclama, não me faz querer estar no mesmo ambiente. E claro, Felipe reclamando o quanto Benjamin é chato.

— Você, menina que tudo vê, o que Benjamin faz aqui? —

indago. — Do nada, ele vem pra nosso país?

Ela aponta para Felipe, entretido com nossa conversa.

— Pode assistir TV no quarto, Felipe. — falo com ele. — Será assunto de adultos agora.

— Mas eu quero saber...

— Felipe! — Giulia tem aquele tom de voz que já mostra que não há qualquer alternativa, a não ser obedecer.

— Ok. Tudo bem. — levanta do sofá. — Já estou indo.

Assim que temos a certeza que Felipe já se foi, Karen começa a falar:

— Meu pai pediu para dormir aqui. Está acontecendo algo de muito estranho, tão estranho que até Benjamin e vô Victor estão nessa.

— Nosso vô também? — Giulia pergunta.

— Nossos avôs, corrigindo. Yankee também ligou lá pra casa querendo falar com nosso pai, porque não conseguia ligar para o número de celular, então dei outro número e ele conseguiu falar. Meu pai simplesmente pediu para eu ficar aqui.

— Mas e a nossa mãe?

— Ela já passaria o dia com vó Isis, sabe como nossa avó está dramática por causa do marido. Yankee, como sempre, fazendo algo e escondendo dela, minha avó tendo mau pressentimento, Yankee dizendo que está tudo bem e depois se irritando...

— Então o caos está se instalando aqui e eu não sei de nada? —

será que já sabem o que fiz e estou sendo descartado.

— Não se preocupe, Leo, porque eu falei com Daniel e Gabriel, estão alheios a qualquer situação. Então não sei se os mais velhos tentam

resolver algo, se em breve falarão...

— Não desconfia de nada?

— Dessa vez, sem pista alguma do que pode ser. Porque quando o assunto foi você, meu pai resolveu tudo em casa, mas nesse assunto, estão se reunindo em outro canto.

— E por que está aqui? — começo a pensar nas possibilidades. —

Para ter proteção? Não, não faz sentido, a casa de Fernando é uma fortaleza.

— Não tem nada acontecendo lá. — Karen pega o celular. —

Coloquei câmeras escondidas.

— O que você é, afinal de contas? — Giulia pisca os olhos, surpresa pelos atos da sua irmã caçula. — Você era tão na sua, agora até espiona a casa.

— Sem nada pra fazer, deu nisso. — encolhe os ombros. — Eu também não sei o que acontece, mas é algo de muito estranho e muito perigoso.

Resta saber o que é.



Capítulo 12

Duas semanas depois

Eu gostaria de ter contado tudo o que aconteceu comigo na época em que estava fora da cidade, mas não tinha pra quem contar.

Faz duas semanas que não tenho contato com meu pai e nem com Fernando, estão fora de casa.

Karen dormiu em casa naquela noite, mas no dia seguinte já estava de volta a sua casa, mas também não tem visto Fernando.

Ninguém sabe o que está acontecendo, nem mesmo os homens, que fazem parte do negócio.

Todo dia que passa vem uma crise de ansiedade diferente, sempre pensando como eles vão reagir quando eu contar a verdade.

Estou tão motivado a contar, que quero logo falar, porque assim a ansiedade se esvai.

— Calma, cara. — Daniel fala comigo. — Relaxe. Eu que sou eu não te espanquei, então ninguém mais vai.

— Desculpa, cara, mas Fernando e Marco mandam nisso aqui. —

relembro. — Obrigado pela compreensão, mas não vale muito não apanhar de você.

— É aquilo, você poderia ter evitado, mas acreditou que descobriria mais detalhes dessa história. — agora é Gabriel. — E depois de tanto tentar, de querer descobrir mais, foi preso e pressionado para ir ao território de Yankee. Era cooperar ou morrer.

— E vai por mim, ninguém, nem meu pai e nem Marco, estão querendo morrer pela Nostra. — Daniel balança a cabeça. — Na real, eles querem matar a Nostra. Então, respira, sorria, e espere.

— Duas semanas que estamos esperando. Nada na faculdade e nada nos negócios.

A faculdade é como uma isca para ver quem dará algum passo contra as garotas, mas é claro que não deixamos como alvo fácil, até por esse motivo Gabriel está lá também, ficando mais próximo.

Mas, até o momento, nenhuma atividade suspeita acontecendo.

— Tudo indo bem com Giulia? — Daniel muda de assunto.

— Sim, muito bem. Nem eu imaginei algo assim... Agora o problema todo está em contar para Fernando e meu pai. — respiro fundo, passo minha mão na calça, para enxugar o suor que está se formando. —

E então, nunca escutaram mesmo falar dessa gangue?

Gabriel ri, abaixando a cabeça. Daniel apenas olha para o teto, imagino que está pedindo paciência.

— Não, Leo. — Daniel, por fim, responde. — Calma, ok? Se alguém escutou falar deles, esse alguém é da Sangre. Eles não chegaram aqui.

— O que não faz nada disso melhor.

Paro de falar quando Giulia entra em casa, acompanhada de Felipe.

— Olá, todo mundo. — Giulia coloca umas sacolas em cima do sofá, enquanto Felipe cumprimenta os tios e depois se joga em mim. —

Hoje foi tudo liberado mais cedo.

— Algum motivo importante? — pergunto, enquanto olho para os desenhos feitos por meu filho.

— Véspera de feriado. — responde. — Desistiu mesmo de faculdade?

— É, odiei. — Gabriel apenas sorri para essa pergunta.

— Deus do céu, dai-me paciência! — esfrega os olhos. — Eu gostaria de saber o que se passa aqui. Começando por minha faculdade.

— De uma hora pra outra resolveu saber de tudo?

— Nossa mãe está irritada, Daniel. Nosso pai simplesmente não responde mais as mensagens dela, tia Isa nem se fala, tem mais de uma semana que não fala com o marido.

— Mas eles estão bem? — olhamos para Felipe, que parece que vai chorar.

— Sim, Felipe, eles estão bem. — beijo seu rosto. — Não precisa chorar, ok? Eles só foram para um lugar meio distante...

— Mas porque minha avó tá preocupada?

— Porque vó Sara é bem dramática. — Giulia responde. —

Conhece, sabe bem com ela é.

Felipe não parece acreditar muito na nossa fala.

— Eu pedirei para Tiffany preparar um sanduíche para você, tudo bem? — Giulia estica a mão para Felipe, sei bem que ele não quer ir, mas aceita mesmo assim.

Quando eles se afastam, Daniel começa a falar:

— O que está acontecendo? Parece que viramos nossas mães e irmãs, que nada sabem. Sendo que sempre foi o nosso assunto.

— Das duas uma, ou é tão grave que eles preferem não causar pânico a todos, ou eles ainda investigam para depois alertar a todos de uma única vez. — falo uma suposição. — O que continua sendo estranho, por que eles iriam pessoalmente?

— Então, queridinhos. — Giulia volta para a sala, agora sozinha.

— Será que alguém sabe de algo?

— Sabemos o mesmo que vocês. — respondo. — Que nossos pais simplesmente saíram, não temos noção do que acontece.

Giulia senta no sofá.

— Isso já aconteceu alguma vez?

— Não. — Daniel responde. — Sempre nos mantinham informados, agora simplesmente saíram sem avisar. Com certeza alguma pessoa deve saber onde estão, mas é aquilo, quem sabe? Quem teria a confiança deles?

— Só consigo pensar no Arthur. — Gabriel fala. — Porque ele é distante o suficiente para saber de tudo sem ser tão perseguido, já que está na Itália, e

muito próximo deles, dos nossos pais, para também saber de tudo e ser confiável.

— Só nos resta esperar. — Daniel cruza as pernas. — Não podemos fazer nada, até porque, se fizermos algo errado, pode acabar com algo que eles, talvez, tentem fazer.

— E sobre a faculdade? Foram um dia e depois nada?

Principalmente Gabriel. Conquistou corações e já se foi?

— Mas eu não tenho culpa de ter conquistado sem nem ao menos abrir minha boca para falar um "a". — Gabriel sorri de modo convencido.

— Eu só fui para ver algo, nada mais.

— E que algo é esse?

Olho para Daniel, que responde a pergunta de Giulia:

— Alvos fáceis, como já imaginou que seria.

— Então se já saíram de lá, não há perigo?

— Entendemos uma coisa, se alguma coisa acontecer, provavelmente, não será na faculdade. — respondo. — Será na festa da faculdade, porque eles sabem que nos dias normais tem câmeras, tem seguranças, mas no meio de uma festa onde as pessoas bebem? Onde levam convidados? Aí ficará mais fácil.

— Então pode acontecer na festa e vocês querem... Vocês...

— Não sabemos, Giulia. — Daniel interrompe. — Por isso estamos aqui, não temos noção do que fazer, porque a última ordem era sobre a faculdade, depois disso sem mais contatos com os chefes. E aí?

Vocês viram a isca e nos arriscamos? Ou protegemos vocês...

— Mas aí perderão a chance de encontrar alguma pista? — Giulia parece incerta. — Algum envolvido na história.

— Sim, tem razão. Mas não sabemos como eles poderão agir. —

falo calmamente. — Devemos nos arriscar?

— Tecnicamente, meus queridos, se nossos pais saíram de cena, eles deixaram vocês dois. — aponta pra mim e pra Daniel. — No comando, é a hora que vocês decidem o que fazer. E eu aposto que pelo menos eu e Kat podemos ser a isca. Coragem para isso nós temos. E

muita.



— Lia, não sei se é uma boa ideia! — tento soar da maneira mais calma possível, para não termos uma discussão mais séria. — Vocês não foram treinadas para tal coisa.

— Querido, não fomos treinadas, mas vivemos nesse mundo desde que nos entendemos por gente! Sabemos usar armas, sabemos lutar, quer mais o que?

— Se der tudo errado, Lia? — cruzo os braços. — Se houver um sequestro? Se for como Rachel que atiraram lá de longe?

— Aí eu espero que tenham esquemas para qualquer imprevisto.

— fica na ponta dos pés e me dá um selinho. — Relaxe...

— Não, Lia. — seguro seus dois braços, impedindo que avance mais. — É arriscado, eu escutei tudo o que fazem com vítimas, Lia! Se não são torturadas até a morte, são torturadas até ficarem com sequelas psicológicas irreversíveis. Eu amo muito você e Kat para deixar tão próximas do perigo. Se eu pudesse poupar vocês... Você nem estariam aqui.

— Leo, também amo você, mas já percebemos que é a nossa família ao todo,

talvez ninguém mais queira se arriscar por nossas peles.

E você já se arriscou o suficiente, não importa o erro cometido, você fez por todos nós. E se não tem pessoas o suficiente para isso, nos aceitem, Leo. Somos uma família que se ama, são negócios que, no momento, precisa de cada vez mais ajuda. Então, nos aceite.

É difícil pra caralho. Muito difícil!

Há muitos anos, quando éramos apenas crianças, Fernando já sabia que Giulia seria leiloada por Yoshida. Agora que soube de mais coisas sobre ele...

Estupros coletivos, sadismo explicito... Há algum site, ou merda parecida, onde há torturas ao vivo, que o expectador comanda cada ato.

Boatos de crianças treinadas para trabalhar para eles, porque foram roubadas, outras são vendidas, principalmente para pedófilos...

O nó se forma na minha garganta nesse momento, o medo de algo dar errado e perder tudo em segundos.

Giulia e Katherine.

— Eu não consigo, Giulia. — solto seus braços e a abraço. —

Escutei tanta coisa que só consigo ver tudo acontecendo com vocês, e...

— Calma, Leo. — acaricia minhas costas. — Infelizmente, não há outro jeito. — beija meu rosto. — É a nossa única chance, como disseram, atacar na faculdade é mais complicado, talvez na festa, sendo mais aberto, dê certo.

— Pra quem dará certo? — afasto-me. — Para o nosso lado ou o deles?

— Para o nosso lado, devemos pensar...

— Ah, não, nem comece. — corto o assunto. — Não venha com isso de "pensamentos positivos", "seja otimista". Não dá certo, Giulia! Eu aceito me colocar em perigo sem pensar duas vezes, mas não aceito estar colocar você e minha irmã em perigo. É demais pra mim.

Ela sorri.

— Eu amo você.

— Giulia...

— Amo muito você. E digo o mesmo, Leo. Você se colocou em perigo e minha mente ficou a mil por hora. Incerteza de como estava, do que estava fazendo. Entendo o que quer dizer, mas é você quem precisa entender que tudo isso é necessário. Quem mais se arriscara por nossa família, se não for a nossa própria família? — arqueia uma sobrancelha.

— Jamais deixaremos Felipe como um alvo, isso é fora de cogitação, mas eu e Kat sabemos nos virar.

Seguro suas mãos e beijo cada uma delas.

— Pai! — olho para a porta. — Minha mãe disse que vai me ensinar matemática.

— Ah, Giulia... — reclamo, vendo como ela ri.

— Querido, eu já ensinei matemática desde que Felipe começou a ler, eu ensinei o numeral desde cedo, agora, ensine seu filho. — pisca um olho. — Ensine-o.

Solta um beijo pra mim, mas eu a agarro e beijo sua boca.

— Eca!

Rimos na boca um do outro quando escutamos a voz de nojo de Felipe.

— Felipe, isso é uma demonstração de amor...

— Que só pode ser dado depois de anos. — Giulia acrescenta. —

Não agora, não beije bocas.

— Mas eu não quero beijar ninguém! É nojento, tem baba...

— Quando tiver treze anos, o papai vai te levar ao mundo da...

— Mundo da alegria dos brinquedos. — Giulia enfia a unha no meu braço. — Nada de puteiro. — sussurra, para que só eu escute. —

Nem com treze anos ou dezoito. Nada de puteiro!

— Mas meu pai me levou, Giulia! Até seu pai levou seus irmãos.

É tradição de família mafiosa.

— Tradição machista...

— Ai, militante, calma. — beijo sua testa. — Tudo bem, sem puteiro.

— O que estão falando? — Felipe pergunta.

— Nada, garotinho. — respondo.

— Apenas falando ao seu pai que ele está aqui para te educar, não para te levar para um caminho desvirtuoso.

— O que é *"dervirtoso"* ?

— Um caminho que não seguirá.

— Sabe, Giulia, ele ficará no meu lugar na Nostra. Ele será desvirtuado...

— Não é um assunto pra agora, Leo. E se Felipe quiser, ele poderá sair. E se não concordar, Leo, eu saio junto com Felipe. — sorri do modo doce, igual na infância, que ela sorria assim para mostrar como pode ser rancorosa. — Vá ensinar matemática ao seu filho.

— Vem, filho. — seguro a mão de Felipe. — Sua mãe agora decidiu que comanda tudo.

— Comando mesmo, Leonardo! Tá na hora de nos aceitarem nesse negócio!

Ah, claro que aceitaremos mulheres na Nostra.

Claro que sim!

Giulia Bertollini Vesentini

Capítulo 13

Dia seguinte

— Vamos lá, se eu tenho trinta hambúrgueres, e como dez, o que terei? — Leonardo pergunta.

— Veia entupida. — Felipe responde.

— Que?

— Eu ensinei que não se pode comer muita gordura. — explico.

— Se não a veia entope. Porque Felipe é uma criança que ama hambúrguer e KFC.

— Traumatizou a criança.

— Eduquei. — volto a jogar o molho na salada.

Agora que posso participar de um plano da Nostra, ou melhor, de um plano dos Bertollini e Vesentini, achei melhor reduzir o horário dos funcionários que atuam dentro de casa.

E claro que a casa é bem monitorada, caso algum deles seja coagido a colocar escutas ou câmeras aqui dentro.

Termino de montar o jantar — que já tinha sido preparado pela cozinheira — e sirvo a todos. Depois assistimos TV e Leo volta a sua tarefa de ensinar matemática a Felipe.

Afasto-me deles e decido ligar para minha mãe.

— *Eu odeio seu pai!* — e é assim que ela me atende.

— Ele não entrou em contato?

— Não! Nada! Eu posso entender "assunto da Nostra", mas Fernando sempre me deixou informada de tudo o que acontece. Se ele

está bem, nem ao menos um "oi" eu recebi. É um misto de raiva e preocupação.

— Pressentimentos?

Minha mãe tem alguns pressentimentos, e se ela tem algum que diz "algo de ruim vai acontecer", vai acontecer.

A última vez que ela teve um desse, foi forte, até pensamos que fosse infarto. Passei o dia paranoica, tem uns oito anos, mais ou menos.

Eu quase fui atropelada naquele dia, mas Bella, minha cachorrinha, morreu naquela tarde. O carro invadiu a calçada, atingiu em cheio a Bella, me atingiu de lado. Eu só caí e tive algumas escoriações.

O motorista estava bêbado. Meu pai ficou irritado...

Espera, eu fiquei tão triste com a morte da Bella, tão abalada, durante meses, que nem ao menos perguntei do motorista, porque meu pai tomou a frente da situação.

— *Giulia?*

— Oi. — volto a falar com minha mãe. — Está bem? Quer que eu vá até aí?

— Não, os meninos estão aqui para me distrair com tanta briga insignificante. Gabriel e Karen que vivem para discutir, e Daniel que vive para dizer que é o homem da casa.

— *Eu sou o homem da casa!* — Daniel grita.

— *Vá lavar os pratos!* — ela grita e preciso afastar o celular da minha orelha.

— *Já vou.* — Daniel fala mais baixo.

— *Voltando ao assunto, como estão as coisas aí? Leo parou de ser um idiota mesmo?*

— Sim, parou. Desabafou e agora está mais leve. — *estará mais leve quando contar aos chefões.* — E então, novidades?

Passamos mais algumas horas conversando até que Daniel chama minha mãe para uma conversa, provavelmente sobre ele ter ficado na linha de frente da Nostra.

Supervisiono a escovação de dentes de Felipe e o coloco na cama.

— Mãe, o pai não vai mesmo embora, não é? — ele agarra meu pescoço, beijando meu rosto por mais quatro vezes.

— Não, não vai. — *só se for necessário.*

— Eu *tô mó* feliz com tudo! — solta meu pescoço, porque acabou puxando meu cabelo. — Vocês *tão juntos de novo* e comigo. Eu sempre quis isso. *Minhas vós diz* que eu tinha que pedir muito, muito mesmo, aí vocês *ficariam junto.*

— Eu amo seu pai, sabe bem disso. Mas ser adulto é complicado.

— *ainda mais ser da máfia.* — Eram muitas questões pendentes, mas nos resolvemos. Agora estamos juntos, e com você. — beijo sua testa.

— E não vai mudar?

— Não, Felipe, não vai mudar.

— Meu pai falou isso também. Eu faço jurar de dedinho que ele vai ficar aqui. E que ele não vai te fazer chorar.

Eu evitava ao máximo não chorar perto de Felipe, mas ele é tão silencioso, que chegava de repente, não dando tempo para me recompor.

E como eu dizia que sentia falta do seu pai, ele entendia que chorava de saudade.

Era saudade com medo do que ele tanto fazia fora de casa.

Porque até meu pai desconfiava...

— Te amo. — beijo seu rosto. — E não se preocupe, sem lágrimas.

— Também te amo. — levanta o dedo mindinho. — Sem lágrimas.

— Sem lágrimas. — entrelaço o mindinho no dele. — Agora vá dormir, amanhã precisará ir ao colégio. A folga termina hoje.

Reclamando, Felipe deita novamente na cama.

Vou ao quarto e encontro Leonardo mexendo no celular. Tenso, digitando freneticamente.

— Aconteceu algo? — pergunto, trancando a porta atrás de mim.

— Nossas mães aceitaram tudo. — responde e continua digitando.

— E, obviamente, Kat nem pensou, já disse que sim.

— Leo, pare de se preocupar tanto...

— É impossível!

Se estou preocupada? Claro que sim!

Se estou com medo? Claro que sim!

Vou desistir? Claro que não!

Nunca gostei muito dessa ideia de que a Nostra é uma bomba relógio, que, a qualquer momento, poderá explodir. E que por uma questão, meio besta, não somos aceitas no negócio.

Basicamente, a Nostra foi formada naquela era onde mulheres nem ao menos tinham direito ao divórcio, quanto mais aos negócios.

Fazer filho homem era a esperança de todos, mas acabou que tanto meu bisavô, quanto meu avô, só tiveram um único filho. Até mesmo Benjamin, pai de Marco, só teve um filho.

Então tudo foi resumido aos "homens na frente de tudo".

E assim se seguiu, nunca mudaram as regras, as mulheres podem ser da Nostra, obviamente, mas nunca na liderança ou nos cargos que participam da reunião.

Muitos dos casamentos são feitos entre eles mesmos, famílias da máfia, porque se uma família só tiver herdeira, empurram um homem que pode assumir os negócios no lugar dela.

Tanto meu pai, quanto tio Marco, não parecem adeptos a esse tipo de casamento.

Meu pai nunca mencionou meu casamento com Leo, eu engravidei, já estava apaixonada por ele, e aceitei seu pedido. Alguns membros da Nostra realmente interpretam como acordo de casamento.

Mas nem mesmo Daniel, que é o herdeiro legítimo, é cogitado para qualquer casamento. Quero dizer, as mulheres são loucas para ter algo com ele, mas nem meu irmão e nem meu pai parecem querer dar um passo adiante nesse assunto.

Mas voltando ao assunto das mulheres...

Elas não têm voz, e como a Nostra não gosta da liderança do meu pai até hoje, a qualquer momento pode dar uma merda, e seria muito mais inteligente nos colocando no assunto.

Mas segundo esses homens, que ainda vivem no século passado, eles querem nos proteger...

Ando até Leo, que já parou de digitar e colocou celular de lado.

— Eu posso te fazer esquecer. — sussurro. — Posso te deixar bem relaxado.

— Por algumas horas...

— Amanhã eu você pode se irritar, tentar mudar a minha cabeça.

— tento não me distanciar diante da sua frieza, porque sei que é tudo por preocupação. — Mas hoje eu não quero mais falar sobre isso.

Leo está bastante preocupado, nervoso.

— Eu posso fazer uma dança e te fará esquecer de tudo...

— Por algumas horas. — repete.

— Até amanhã, pelo menos. — nem quando tiro o robe, sua preocupação passa.
— Ou posso te fazer uma massagem. — fico atrás dele, colocando minhas mãos em seus ombros e apertando, sentindo os nós. — Uma massagem pelo corpo inteiro, uma dança especial pra você, com direito, a quem sabe, um strip-tease. — sussurro em seu ouvido, vejo como os cabelos em sua nuca ficam eriçados.
— Ou posso deitar e dormir, e você continuará preocupado, sem qualquer alívio.

Desço minhas mãos por seu peito, chegando ao abdômen. Leo está sem camisa e sinto os gomos da sua barriga.

Leo se arrepia mais e mais, e quando chego a sua calça, dou um leve aperto no seu pau, que já está duro.

— Você sabe como posso te provocar e te deixar na mão. — beijo seu rosto, indo para frente, colocando meus joelhos aos lados das suas coxas e quase sentando em seu colo. — Literalmente, posso te deixar na mão.

Leonardo segura minha mão, me impedindo de tirar a sua calça.

Fico alguns instantes sem saber o que fazer, porque ele me encara de modo sério, sem qualquer reação, e do modo que me impede de continuar...

Ele não quer mesmo?

— É a minha vez, Giulia. — mas ele sorri. — Dessa vez, eu que terei o direito de tocar em você, da maneira que quero.

Ele consegue me carregar, me tirar de cima dele e me colocar deitada na cama.

— Tão forte! — dou risada.

— Nem é tão pesada.

— Setenta quilos é ser pesada sim!

— Bem distribuídos. — me vira de bruços, meu vestido subindo e minha bunda

ficando nua, bem na sua cara. — Muito bem distribuídos.

— dá dois tapas em cada lado.

Eu sei que é a parte favorita dele.

Dou um grito e mordo o travesseiro, arrependida de ter feito isso tão alto, mas foi pela surpresa de Leo morder minha bunda e depois dá mais um tapa nela.

E surpreendo-me ainda mais quando Leo vem com uma gravata

— *que ele pegou sei lá onde, pela tamanha rapidez* —, e amarra meus pulsos juntos, só não tem onde amarrar porque a cabeceira da cama é acolchoada, mas do jeito que ele fez, eu fico meio imóvel, sem local para mover minhas mãos.

— Terei seu corpo só para mim. — beija a minha barriga. — E

não se preocupe, farei com que goze, não é uma tortura. É para o nosso prazer.



(2) Bônus

— Ei, Nikki. — abraço Nicole por trás, que estava distraída lendo um livro e se assusta com a minha chegada repentina.

— Olha só quem deu o ar das graças. — me abraça e depois sento ao seu lado.
— Como estão as coisas?

— Um tanto complicadas, linha de frente. — olho para seu livro.

— Anatomia humana? Não era matemática?

— Não tenho nada para fazer, peguei o primeiro livro que vi pela frente.

— Ainda sem amigos?

— Faculdade é um antro pra gente insuportável! — fecha o livro.

— Pode falar com minha irmã, Kat...

— Elas nem vão muito com minha cara.

— Se deixasse as pessoas entrarem na sua vida...

— Sabe que não gosto muito da vida que leva, aceito que paga a faculdade pra mim, que paga a vida boa que tenho, mas sabe que não gosto de nada disso.

Seguro sua mão.

— Se eu pudesse, teria falado disso no passado. Mas eu juro, Nikki, eu realmente não tinha como, até falei sobre, mas não parecia tão real, sabe?

— Você também não parecia real, não nos vimos tanto, não conversamos. Mas deixe pra lá. O que faz aqui?

— Creio que não vá à festa da faculdade.

— Nem ferrando. Já sou isolada aqui, imagina em uma festa de faculdade? Se esse é o motivo da sua presença, acredito que algo acontecerá.

— Provavelmente, Nikki. E quero te adiantar o assunto. Eu te dou proteção, sabe que é muito importante pra mim, que eu te amo muito. —

aperto sua mão, que já começa a gelar. — Muita gente nem sabe o que somos, mas podem saber da nossa aproximação. Por isso te peço, Nikki, que se eu mandar uma mensagem pedindo para que não saia de casa...

— Não sairei de casa, não se preocupe. — sorri pra mim. —

Confio em você e jamais faria algo contra seus pedidos.

Beijo sua testa.

— Agora preciso ir, só passei para te dar um "oi".

— Sinto ciúmes, Dan.

— Sabe que te amo tanto quanto toda a minha família, e sabe como poderia ficar mais próxima.

— Prefiro evitar seus negócios. — abaixa a cabeça.

— Sempre que precisar conversar, é só ligar. Nunca pense que não é importante pra mim, sempre é e sempre será minha família.

Seus olhos azuis brilham quando falo isso.

Nicole é uma garota solitária, infelizmente. Se eu sofri na infância, ela sofreu o triplo.

Sofreu tanto que a minha família acaba sendo um empecilho para a nossa aproximação real. Porque ela pode acreditar que meu pai é bom comigo, mas tem medo do que seus negócios trazem.

Despeço-me mais uma vez e saio da biblioteca, me esbarrando e derrubando os livros de uma garota.

Abaixo-me e começo a pegar seus livros, e canetas que também se espalharam pelo corredor.

E quando termino de fazer isso, ela também estava arrumando tudo que caiu...

Jasmine!

Puta clichê dos filmes e livros que minha mãe tanto assiste e lê.

Esbarrar e derrubar livros, depois os olhares se encontrando.

Por que ser filha de Tyler? Poderia ser, sei lá, a filha de Yankee, porque ela poderia ser uma tia, mas não seria de sangue.

A treta com um gangster próximo me parece melhor do que com um que, até hoje, fica de picuinha.

Mas eu também poderia me interessar por uma mulher da Sangre Latino ou da Nostra, não por Jasmine! A única herdeira da M-Unit.

Conheci Jasmine por causa de Giulia. Meu pai, desconfiado do jeito que é, achava que a amiga invisível de Giulia era alguém que não poderia ser mencionada. Ele mandou ir atrás de Giulia e aí vi Jasmine.

Não a conhecia como filha de Tyler, porque na época eu não era tão por dentro dos assuntos.

Achei uma beleza exótica, em consideração aos padrões do nosso país.

Negra, mas com uns traços asiáticos, talvez filipinos. Cabelos com os fios grossos bem pretos, os lábios carnudos — que é o que mais chama atenção depois dos seus olhos puxados —, cintura fina, mas com as coxas grossas e o corpo bem definido.

Em meio a tantas "branquelas" da Nostra, e as latinas da Sangre Latino, eu me interesso pela Jasmine! Filha de Tyler.

— Ah... — pigarreia. — Obrigada.

E eu amo o jeito dela nervoso, tímido, como nunca me encara!

Eu amo?

Que?

Não pode amar, Daniel! Não pode!

— Eu devo desculpas, Minnie. — ela arregala os olhos. *Por que dei um apelido a garota?* — Eu me esbarrei em você.

— Estava de cabeça baixa. — ela abaixa a cabeça novamente. —

Eu, no caso.

— Então fomos culpados. — *sai agora, Daniel! Jasmine é proibida!* — Como vai?

— Bem.

Daniel, é sua deixa pra sair daqui, a menina não quer assunto com você!

— Vai à festa? — *por que persisto?*



— Não, não posso. — começa a mexer no seu caderno, completamente trêmula, quase rasgando as folhas. — Giulia vem hoje?

— Não, falei com ela mais cedo e teve que resolver algum assunto.

— Ok então. — anda na minha direção, de cabeça baixa. —

Licença.

Ah, claro, estou na porta, atrapalhando sua entrada.

— Pode passar. — saio do seu caminho.

Mas Jasmine estão tão nervosa que nem espera que eu saia totalmente, praticamente passa colada em mim e sinto seu perfume.

Ah, Jasmine, por que você?

Por que o Daniel?

Tão lindo, aquela voz tão máscula, rouca, essa pose de mafioso italiano, e ele nem é italiano, uma vez Giulia mencionou que os pais biológicos eram espanhóis...

O único cara que chama minha atenção é o herdeiro da Nostra Ancoma!

— Podemos conversar, Jas? — rosno, com raiva, quando escuto a voz de

Romeo, meu futuro noivo.

— Não me chame assim, merda! — grito.

Mas quando Daniel me chamou de "Minnie", eu quase derreti!

— Só uma chance para nos conhecermos mais.

Continuo andando e Romeo agarra meu braço. Sacudo meu braço, aperto sua mão e ele me solta.

— Por favor, Jas. Nos casaremos em breve.

— Só se for praticante de necrofilia. Porque para casar comigo, só me matando!

Romeo não é feio, longe disso. Ele tem a pele um pouco mais claro que a minha, tem tatuagens pelos braços, é bem musculoso, alto...

Poderia ser lutador de MMA. Das festas que já vi na M-Unit, ele é um dos mais cobiçados pelas mulheres.

Seu pai é o cara que mexe com os armamento da gangue, então Romeo é um herdeiro importante.

Mas algo em Romeo não me atrai, pelo contrário, me irrita!

Às vezes me acho até injusta porque o trato mal sem motivos, mas não consigo ser simpática com ele.

— Jas, é necessário. O nosso casamento precisa ocorrer, um herdeiro é esperado.

— É desnecessário vir à porta da minha faculdade e fazer quase um escândalo. Não vai ganhar minha simpatia dessa maneira. — fico a sua frente. — E algo em você me causa repulsa, Romeo. Você deveria sentir raiva de mim, mas parece que quanto mais piso, mais gruda.

— Você é um bom partido, e quando casarmos, aprenderá a lição, será uma esposa solicita. Aprenderá os bons modos. — olha como ele já está mostrando as garrinhas. — Será uma esposa exemplar.

— Solicita de enfiar um cabo de vassoura no seu rabo. — sorrio e ele arregala os

olhos. — Todos acham que vão me domar, acham que por eu ser quieta, sou uma idiota, tonta, mas garanto que morrerei lutando, mas não caso com você. Porque eu sinto de longe que você não presta, e que meu pai está cego pela busca de um herdeiro...

— Eu sou o único capaz de substituí-lo.

— E eu não serei sua escada para o topo.

— Veremos, Jasmine.

— Digo o mesmo, Romeo. É isso que veremos, mas comigo, você nunca ficará.

— Ficarei, e farei muito mais. Não vejo a hora de pegar a virgem da M-Unit, te ensinar o que merece. Aprender a me satisfazer.

— Romeo, ameaçar com violência não me dá medo. Porque eu farei o mesmo com você. Eu não tenho medo e nem receio de um homem

como você. Eu vou te ferrar, querido. — aperto seu queixo, e ele se afasta. — Não me teste, porque não há nada pior que uma mulher querendo vingança.

— Há sim, um homem rejeitado.

Romeo se afasta, entrando no carro.

O pior que Romeo tem razão, um homem que te ameaça, que é rejeitado, que necessita de poder, poder ser pior que uma mulher com raiva.

Ah, mas meu pai vai descobrir quem é esse sonso, ou não me chamo Jasmine Ventura.





Capítulo 14

Dias depois

— E onde estão os verdadeiros chefões? — Giovani é o primeiro a perguntar. — Onde estão? Agora são vocês no poder?

Ser chefe da Nostra é isso, aguentar um bando de idiota com suas arrogâncias e indiretas.

Três semanas, pelo menos meu pai e Fernando deram sinal de vida, mas não falaram o que tanto fazem.

— Eles têm negócios fora da Nostra, como vocês. — Daniel aponta para cada um deles. — Nem sempre estão nas reuniões, como vocês, então, porque tanta indagação nesse momento?

As desconfianças começam a aumentar quando alguns desses homens piscam os olhos, atônitos, e outros sorriem com prepotência.

— Ok, então. — pego uns papéis de dentro de uma pasta. —

Vamos falar sobre o próximo carregamento.

— Obviamente vocês sentiram o clima estranho na sala de reuniões. — Gabriel fala, assim que chegamos à casa de Daniel. — Acha que nossos pais estão tratando desse assunto? Tomar a Nostra.



— Talvez sim. — meneio a cabeça e volto a pensar nas possibilidades. — Alguns pareciam confusos, outros tinham um sorriso prepotente.

— Vitorioso é o nome mais correto para isso. — Daniel senta a minha frente. — Como se tramassem algo e já dessem como uma vitória certa.

— Essa coisa de estarmos distantes do assunto só prejudica tudo, como resolver sem saber do que se trata? — encosto-me no sofá. — Pelo menos a reunião depois daquele clima inicial foi normal.

— É um negócio que envolve todos. — Gabriel responde. — Os homens da reunião de hoje fazem parte desse carregamento, tinham que prestar atenção mesmo.

A campainha toca nesse exato momento.

— Sem interfone? — Gabriel indaga, meio desconfiado.

— Deve ser nossa mãe ou Karen, os seguranças não avisam quando são elas. — Daniel sai para abrir a porta, já que não há funcionários aqui. — Olha se não resolveram dar o ar das graças.

Eu gelo.

Já imagino quem sejam.

— Espero que tenham se virado sem os papais. — e é assim que Fernando chega à sala. — Como foi resolver tudo sem as nossas presenças?

— Muito bem. — respondemos.

— Ah é, Leonardo? — meu pai inclina a cabeça para o lado. —

Vamos a uma conversa, agora!

Contar tudo o que fiz traz um alívio surpreendente.

Mas o silêncio me faz ficar mais tenso.

— Eu até bateria em você, se já não tivesse apanhado o suficiente.

— é isso que meu pai fala.

— Então estou perdoado?

Meu pai e Fernando se encaram.

Respiram fundo no mesmo instante.

— Qual o veredito?

Mais instantes de silêncio, o medo tomando conta, a ansiedade chegando ao pico.

— Quem disse que você é incapaz? — ele pergunta. — Quem te fez ficar mais motivado a seguir em frente nesse plano meio estupido?

— Seu pai. — respondo.

Meu pai balança a cabeça, como se não fosse nenhuma surpresa.

— Leo, não posso dizer que foi certo, mas também não foi errado.

Mas olhando ao todo, mesmo que tenha conseguido algumas informações a mais sobre Yoshida, sobre os negócios dele, você arriscou todos nesse seu plano. Porque se, em algum momento, essa história de você ter sido de outra gangue vazar, pior, se souberem que você estava em Porto Rico, estava no plano que tomou alguns territórios de Yankee, será confusão para a família toda.

Eu sei o nível do que fiz, por isso temi tanto para contar a verdade.

— Foi por uma boa razão, sabemos. — Fernando prossegue. —

Mas deve saber, Leo, que aqui, nesse negócio, a razão sempre ficará a frente da emoção. E você agiu na emoção. E, infelizmente, fez tanto, apanhou, e no fim não conseguiu tanto assim. No máximo, conhecer a gangue de West, mas sobre Yoshida, é o que já sabemos. Até o momento Yankee e Javier não sabem de nada, em algum momento terá que contar.

Meu assunto com Sara, do passado, é uma coisa nossa, mas a sua história, envolve os negócios do seu avô.

Sei que, em algum momento, precisarei contar a eles.



— Não será agora, porque não estão aqui e acho desnecessários desloca-los até nossa cidade para essa conversa. — meu pai continua. —

Mas precisará contar. Se te entendemos, eles também entenderão.

— Eu queria saber mais, porém, só descobri alguns *modus operandi*.

— Não compartilhou as informações. — meu pai é direto.

— Não tinha como, estava preso naquilo...

— Mas tinha liberdade, Leo.

Calo minha boca, pois têm razão.

Eu tentava saber mais para ter algo mais preciso, algo mais importante para compartilhar.

— Mesmo assim, vendo como está preocupado, e resolveu nos contar tudo, sinto que pode ter evoluído nesse tempo. Entendeu o próprio erro. Não será punido

por isso.

Respiro aliviado quando meu pai fala a decisão.

— Também fizemos coisas escondidos. — Fernando prossegue.

— Mas vamos contar tudo também, o plano todo. E quero que contem à decisão que tomaram sobre a festa na faculdade, a estratégia feita.

Noite da festa

É hoje que seremos um alvo, se for o caso de ser um alvo mesmo...

Para não parecer óbvio, eu e Kat não viemos juntas, já que moramos em bairros diferentes.

Estou tentando mostrar que estou normal, o mais calma possível, mesmo que queira olhar ao meu redor, procurar por algo suspeito, eu me contenho.

Meu celular começa a tocar e olho, lendo o nome de Cassie na tela. Sinto um calafrio nesse momento, porque Kat ainda não apareceu e Cassie é a sua melhor amiga, e se ela me ligou agora...

— *Giulia, Kat está passando muito mal!*

— O que aconteceu? Onde estão?

— *Estamos na entrada do ginásio.* — escuto uma barulheira. —

Kat parece bêbada, mas ela não bebeu nada. Vem aqui...

— *Giulia...* — escuto a voz de Kat, meio embolada. — *Tô bêbada!*

Ah, Katherine, não acredito que fez merda! Pediu tanto para confiarmos, para nos apoiarmos, e fica bêbada?

Mas pode ser tudo mentira, ela ter sido obrigada a falar isso...

Além do mais, ninguém me avisou, e nessa festa tem gente de confiança.

Ou não...

Faço sinal para um dos seguranças, que corresponde.

Com cuidado, saio do ginásio, e ali está Cassie e Kat, sentadas em um banco, próximas a uma barraquinha de lanches.

Cassie está abraçando Kat, na verdade, deve estar amparando.

— O que está acontecendo? — pergunto, ficando irritada por ver que, realmente, Kat está bêbada.

Kat levanta a cabeça e noto que está chorando.

— Giulia! — ela se joga em meus braços. — Ele disse que sou a sua irmã.

— Do que está falando?

— Gabriel! — grita e continua chorando. — Disse que sou a sua irmã. Ele não gosta de mim!

— Como ela ficou bêbada?

— Não faço ideia! — Cassie parece ainda mais perdida. — Ela já chegou bêbada, caindo pelo caminho.

— E o motorista?

— Não faço ideia...

— O que essa criança bebeu? — *Kat nem é de ficar tomar bebidas alcóolicas, e aparece, nesse estado?*

Kat não bebeu por que quis.

Pego meu celular, para ligar para Leo. Observo Kat, que ainda chora como uma louca.

Merda, Leo não atende!

Ligarei para Daniel!

Também não atende!

Kat levanta do banco e bebe um copo com água, quando vai sentar, acaba caindo no chão.

— Nem o banco gosta de mim! — grita e volta a chorar.

— Já chega disso! — seguro seu braço. — Katherine...

— Eu vou vomitar. — coloca a mão na boca.

— Precisamos leva-la a banheiro. — Cassie segura a mão de Kat.

— Não, nós precisamos sair...

— Banheiro! — Kat grita.

E pronto, Kat sai correndo.

Obrigada, Kat. Obrigada por estragar tudo!

Corro atrás de Kat e Cassie.

Elas entram no banheiro dos fundos, o mais afastado da aglomeração.

— Espera aí! — falo quando vejo Kat rindo. — Que merda é essa? O que está tramando?

Aperto o braço de Kat, que agora está sorrindo.

Ela coloca o dedo indicador na frente dos lábios, pedindo silêncio.

— Escute bem. — sussurra.

Solto seu braço.

Escuto sons... Socos? Gritos...

A porta abre. Um dos seguranças, que estava me acompanhando, sorri em nossa direção.

— Tudo certo. — ele informa. — Foi muito bem, Katherine.

— Eu sei. — ela joga o cabelo para o lado. — Obrigada.

— Mas o que aconteceu aqui? — pergunto novamente.

O homem abre mais a porta e vejo três homens caídos no chão e os outros seguranças em pé, pressionando as costas dos outros no chão e algemando.

— Antes de sair de casa, meu pai chegou falando sobre o carro que me levaria para a festa. — olho para Katherine. — Tinha passado na oficina há uma semana, parece que no passado, foram atacados usando um carro. Acho que uns seguranças morreram assim. Então meu pai pediu para usar máscaras de gás, para prevenir e ter a certeza que seria isso mesmo. E foi isso mesmo. Eu poderia te mandar mensagem, mas não sei se é uma boa atriz como eu. Eu fingi que estava tonta, porque não foi tanto gás assim. Porém foi um risco, porque se fosse um gás mortífero, meu plano daria errado porque o teatro não era para ser um cadáver, mas contei conte com a sorte de pensar que era um gás para deixar lerda. Deu certo, trouxe os caras exatamente para o local exato e foram pegos.

— Vaca! — olho para Cassie, que bate no braço de Kat.

— Sabia disso? — pergunto para Cassie.

— Não, estou surpresa também. Ela parecia muito bêbada. Como ela falava de Gabriel, acreditei que fez loucura e encheu a cara.

— Um plano perfeito para dizer que o gás deu certo e atrair esse povo. — Kat continua. — Não tinha câmera dentro do carro, verificamos antes. O motorista parou longe daqui e fez de conta que desmaiou. O

motorista está bem, certo? — o segurança confirma. — E eu fiz de conta que Cassie me trouxe. Pareceu brilhante, e foi brilhante.

Os homens já foram levados.

— Foi bem rápido. — lavo meu rosto. — Por uns instantes te insultei achando que fez merda.

— Era o plano, achar que sou idiota, fingir que estava tudo na merda. Agora podemos ir, não quero festejar com esse povo. Quero brindar com suco de laranja meu plano perfeito. — olho para Kat. —

Queridinhas, meu plano, que vocês participaram. Mostramos para aqueles homens que eles precisam da gente. Acho que devemos comemorar.



Capítulo 15

Katherine é doida, mas seu plano deu certo.

— Só deu certo porque não tinham câmeras no carro. —

Benjamin, sempre do contra. — Porque têm brechas, falhas. Como ficou tonta e o motorista dirigiu tanto?

— Ô, senhor da velha guarda, se houvesse margem para erro, eu não teria prosseguido. — Kat cruza as pernas. — Se deu certo, foi porque eu, Giulia e Cassie fomos perfeitas no teatrinho. E o motorista não continuou dirigindo, ele parou no meio do caminho, eu fingi de bêbada e continuei andando.

— Plano arriscado para três garotas que nada fizeram...

— Tá irritado por que fomos nós e não vocês? — Giulia ri um pouco. — Se tem três pessoas aliadas de Yoshida conosco, sendo interrogadas nesse momento, agradeça a Katherine.

— Olhe bem pra mim e diga se agradecerei a alguém...

— Benjamin, você não tem que opinar em nada. — Fernando é sério, duro na hora de falar isso. — Sua soberba, seus julgamentos infundados, já causaram mal estar o suficiente.

— Esse é o problema de vocês dois, Fernando e Marco. Não comandam isso

aqui com a mão de ferro necessária. — Benjamin ajeita o paletó. O mesmo velho arrogante de sempre. — Agora até colocam garotinhas no assunto. Pra que? Pra irritar mais a Nostra? Já não basta tudo que está por vir?

— Não é sobre a Nostra, Benjamin. — meu pai chama o seu pai, pelo nome. Benjamin fica vermelho, agora sim perdendo a arrogância e mostrando a raiva que sente. — É um negócio que envolve a nossa família, a vontade de Yoshida matar a todos. Então sim, Katherine, Giulia e Cassandra estão envolvidas nisso. Porque Arthur está conosco, a sobrinha dele também está.

Benjamin não fala mais nada.

— Era só isso mesmo.

— Fernando. — mas é claro que Benjamin não cala a boca. — É

necessário falar mais do assunto...

— Assunto encerrado. — Fernando quase grita nesse momento.

Benjamin passa a língua pelos lábios, controlando para não continuar sua discussão. Vô Victor apenas faz uma leve carranca e continua a ler sua revista de negócios.

Fernando levanta da cadeira e me chama para acompanha-lo.

Sigo Fernando até o lado de fora da casa.

— Confio em você e esse é o seu teste. — começa a falar. — Já torturam os homens e eles não contam, absolutamente, nada. Eles dizem que querem contar, mas que não podem falar tanto no assunto.

— Família sendo ameaçada. — falo o mais óbvio.

— Sim, claramente é isso. Não temos ideia de quem sejam, mas, com certeza, já estavam circulando na cidade há algum tempo. Quero que investigue sobre quem são.

— Como farei isso?

— Com fotos deles.

Ele sabe como fazer, mas quer que eu responda.

— Imagens das câmeras que ficam nas vias públicas. — é a primeira coisa que penso, e pelo sorriso de Fernando, eu acertei. — Vou até a central e falo com o chefe deles, eles tem aquelas câmeras que conseguem capturar e identificar os rostos de pessoas foragidas.

— Sim, peça para que joguem a foto deles no sistema e procurem nas filmagens antigas, ou banco de dados. Mas pelo sotaque, não são do país. Mesmo assim, como já disse, eles andaram por aqui. E, com certeza, houveram reuniões para que falassem sobre o ginásio da faculdade, para saberem como chegar até lá. Até mesmo se foi tudo feito por ligação, eles tinham que dormir em algum lugar, e achando o local, podemos achar celular, algo mais. No entanto, tem que ser rápido, porque logo mais já saberão que estão presos, e perderemos pistas. Confio em você, Leo.



Agora eu também tenho autoconfiança.

— Sério, olhar pra cara daquele ser me deu nos nervos! — rosno de raiva, quando lembro de Benjamin e seu olhar de zombaria para a nossa cara. — Eu sei que muitos da Nostra têm limitações, ainda mais quando se trata de mulher fazendo algo, mas cara, aquele Benjamin...

— Bem-vinda ao meu mundo. — tia Isa bebe seu chá. — Aquele velho é medíocre, sempre achando que ninguém é capaz de substituir a sua era na Nostra com Victor Bertollini.

— Vô Victor é muito melhor! — Kat estala os dedos. — Tanto que o chamo de

vô sem ele ser, mas Benjamin? É velho escroto mesmo!

— Primeira vez que mulheres fazem algo e são descreditadas. —

Karen murmura. — Uma pena.

— Eu não sei se tiveram esperança que isso mudaria, mas lembrem-se, é a Nostra. — minha mãe fala calmamente. — Há um conselho para mudanças de regras, hierarquias, coisas do tipo. E, claramente, eles não aceitarão mudanças.

— A irritação não é tanta por isso, eu não quero ser da Nostra. —

começo a falar. — Mas quando finalmente fazemos algo, servimos de isca, o teatro de Kat, Benjamin vai lá e tenta descreditar. Sério, foi um saco!

Porque não foi só após aquela reunião.

Benjamin ficava o tempo inteiro relembrando que não devemos mexer na Nostra, que não fizemos nada, que quem prendeu foram os seguranças, que mulheres sempre são emoção e não razão...

Eu entendo porque Leo fez merda para provar que conseguiria algo, porque estando ali, com Benjamin enchendo o saco, eu quis fazer

outro plano só para mostrar que podemos muito mais.

Porém, apenas respiramos fundo e vamos aceitar que estamos aqui para casar e procriar...

Ah, que bela vida!

E tomar conta de negócios, pelo menos um pouco de independência no meio de tanto homem mandão.

— Pai, precisamos conversar! — falo rapidamente, assim que ele entra em casa.

— Benjamin já foi a merda? — Kat pergunta.

— Não, ele não voltou para a esposa. — meu pai responde.

— Eu amo meu padrinho. — Kat dá risada. — O melhor, que me apoia quando

falo desses avôs de merda...

— Katherine! — Isabella grita.

— Puxa saco do sogro. — Karen sussurra.

— Karen, eu não casarei com Gabriel!

— Só fez drama com o nome dele. — recordo-me da noite de ontem. — Do nada, Katherine!

— É porque bêbados falam merda, foi a merda mais sensata que achei para falar e fingir que estava bêbada.

— Katherine continua nessa negação? — minha mãe solta um muxoxo. — Uma hora cansa.

— Deus queira, Sara. — tia Isa suspira. — Sério, Gabriel é o melhor genro que poderia ter. Sensato, inteligente, tudo aquilo que minha filha não é.

— Mãe!

— E você jurando que Katherine seria a mais sensata de todas. —

minha mãe olha para Karen e depois pra mim. — Essas duas são como eu, Kat é a sua cópia.

— Karen como Sara. — meu pai fala alto demais e para de rir. —

Parece mesmo, Sara. Inteligente como a mãe.

— Ei! — falo alto. — E eu?

— Dramática como a mãe.

— E inteligente?

— Todos sabem que eu sou o gênio da família, Giulia. — Karen encolhe os ombros. — Nem Daniel e Gabriel são como eu.

Meu pai aperta a bochecha de Karen e sorri com orgulho.

Sonsa! Nem parece que escuta, sabe de todas as reuniões e invade os arquivos confidenciais do nosso pai.

— Mas não tenho preferidos, sabem disso.

Todos bufam para essa afirmação do meu pai.

— Vamos, Giulia. — meu pai vem ao meu lado. — Até desconfio do que seja essa conversa.

Acompanho meu pai até seu escritório.

— Não darei uma surra no seu marido. Além do mais, Leo é o meu afilhado.

— Imaginei que não fosse fazer isso. Leo errou, mas...

— Agiu pelo impulso da emoção, a vontade de mostrar que é capaz. É, eu sei. — senta na cadeira. — E sobre o que aconteceu, não sei se houve um equívoco da parte de vocês, mas tudo o que fizeram, não foi pela Nostra. Por mais que Benjamin seja um filho da puta, ele só tentou deixar claro, para não gerar expectativas.

Sento a sua frente.

— Eu sei, pai. Sei que não está liberado para tomarmos conta de qualquer negócio da Nostra, mas o que vim te pedir é, por favor, seja mais aberto as informações. Pelo menos com minha mãe. Ela fica péssima quando não dá noticias. E hoje que vivo essa vida, ainda mais sendo mãe, sinto na pele o que minha mãe e tia Isa sentem. Imagina sairmos para qualquer canto e nem ao menos te falar para onde estamos indo? Não falar se chegamos bem, se estamos bem. Entendo que é questão de negócios, coisas sua, mas, por favor, pelo menos um "oi, estou bem".

Meu pai tamborila na mesa, depois coça o queixo, e continua me encarando.

— Qual sua vontade real na vida, Giulia? — junta as duas mãos e coloca em cima da barriga. — Não queria Leonardo, o odiava, depois ama. Não queria estudar, agora vai à faculdade. Não queria negócios,

agora toma conta deles. Não queria escola de dança, ajuda nas finanças.

Não queria saber de negócios da Nostra, agora quer saber. Qual a sua vontade real mesmo?

— Ter clareza nos assuntos. — sou objetiva, porque sei o que quero. — Não preciso ser ativa neles, mas pelo menos saber o que estão fazendo. Correr risco já está na minha vida, sabendo ou não. Eu só queria ter mais clareza nesses termos, saber sobre o que estamos lidando.

— Em breve virá à tempestade, uma onda de queda, para o nosso lado. E precisamos estar mais unidos do que nunca. Todos, mulheres e homens. Não estaremos mais aqui, é uma guerra contra nossas famílias, não contra a Nostra. E um inimigo que desconhecemos o rosto.

— O que quer dizer com isso?

— Em breve nossa vida vai virar de cabeça para baixo. Estava preparando nosso futuro, nossas vidas a partir daí. Será difícil, Giulia. E

por isso nos afastamos sem falar tanto do assunto. Entendo Leo, porque eu faria o mesmo. Se eu tivesse a chance de saber algo mais, eu faria como ele, também ficaria ali, e entraria na mesma enrascada. Falamos que devemos ser mais razão, mas quando amamos, quando vemos a chance de conseguir a vitória da família, a emoção toma conta. E nesse caso, eu não queria deixar a emoção tomar conta, porque começam as indagações, o pânico instaurado... Tentarei viver a calmaria, a família unida, por mais tempo que conseguir, antes de vir à tempestade e todas as... As tragédias.

— Tragédias?

— Espero que para o outro lado. — sorri. — Não se preocupe, já estamos preparando um local seguro. Ser dono de empreendimentos imobiliários e ser compadre do dono de construtora tem suas vantagens.

Ele sorri, como se tudo fosse normal.

Eu sinto um nó se formando na minha garganta.

Entendo porque meu pai prefere não contar tudo, porque o medo vem com força, e pensamos em mil e uma possibilidades do que poderá acontecer.

— Pai, eu lembrei da Bella um dia desses. — falo com ele.

— Quer outro cachorro?

— Não, peguei trauma. Sabe como sofri com a morte dela, como todo cachorro me faz querer chorar.

Eu não consigo tocar em um cachorro sem pensar na Bella, que por anos foi minha fiel companheira, quando conheci Sara, quando vi minha mãe pela primeira vez, Bella estava ali...

— Eu lembrei que ela foi atropelada, fiquei tão arrasada que nunca falei sobre aquele dia.

— Sim, o plano deles era para você ser atropelada. Mas como a calçada era um pouco alta, o carro perdeu a direção na subida e não foi na linha reta até você, acabou te derrubando, não te atropelando.

Engulo em seco novamente.

— E... Sem informações sobre quem foi? Quero dizer, não chegou a qualquer resposta?

— Cheguei a resposta que Tyler mandou. — encolhe os ombros.

— Mas Tyler não é doido o suficiente de atacar você, a minha filha, apenas tentaram causar uma ruptura de trégua, não conseguiram.

Como sua cadeira tem rodinhas, ele arrasta para trás, bate na sua coxa e vou até ele, sentando em seu colo.

— Sinto-me uma criancinha. — murmuro, enquanto ele beija a minha cabeça.

— Tamanho de uma você tem.

— Eu tenho 1,65 agora, sou mediana.

— Parece sua mãe, até as justificativas sem sentido.

Eu amo quando dizem que pareço com minha mãe.

— Convivência é isso, virei uma cópia da minha mãe. — ele ri. —

Pai, está me abraçando por abraçar, né?

— Porque eu amo você e sei que tem ciúme de Karen.

— Todo mundo tem ciúme dela, é nítido que é mais semelhante a você. E ela mora aqui, óbvio que tem sua atenção.

— Amo todos da mesma maneira. Você é inteligente também...

— Karen é uma *geniazinha*, sabemos disso.

— E você é doce, às vezes arisca...

— Pai!

— Eu fui um bom pai?

— O melhor de todos. — beijo seu rosto. — E continua sendo.

Lembro da infância quando me ensinava tudo, eu lembro de quando era meu pai e mãe ao mesmo tempo. Quando não aparecia em casa eu chorava, aí toda vez que chegava, mesmo que eu estivesse dormindo, deixava uma flor ao lado, porque eu sabia que havia passado por ali e tinha me dado um beijo.

— Não me faça chorar, garota.

— Por que está me abraçando de maneira nostálgica e sentimental?

— Porque te amo.

— Pai.

— É o nosso momento de pai e filha, apenas aproveite que não vou falar mal do seu marido...

— É seu afilhado.

— Aquele que você tanto odiou e tanto separei as brigas idiotas.

Pelo menos agora Leo parece que está centrado. — suspira. — Te amo, garota.

— Também te amo, pai.



Capítulo 16

— Apesar da forma que tudo aconteceu, eu sinto orgulho de você.

— minha mãe beija meu rosto. — Porque foi ajudar uma garota desconhecida e tudo aconteceu. Minha coisa mais linda. — aperta a minha bochecha. — E se Benjamin falar que você é incapaz, diga que eu mandei ir a merda. Porque aí ele vem discutir comigo e começo uma treta enorme.

— Isabella, sempre com os melhores conselhos.

— Querido marido, depois conversaremos, ok? — minha mãe pisca um olho para ele. — E olha se meu neto não está coisa mais linda desse mundo.

— Meu pai fez cabelo que o boi lambeu! — ele me acusa. —

Estou feio!

— Por que fez isso no cabelo do Felipe? — minha mãe tenta arrumar, e fica pior.

— Porque ele ficou cantando uma música chata e não quis parar, é o castigo dele.

— Depois acha ruim ser chamado de idiota. — esse é o meu pai, tomando seu café. — Conseguiu algo?

— Não, ainda nada. — sento ao seu lado, enquanto minha mãe sai com Felipe,

para perturbarem Kat. — Nesse momento, se existir um local que eles ficaram, qualquer prova já foi destruída.

— Sim, exatamente. — meu pai olha pra mim. — Eles estão sendo torturados e estão sem comida, mas não falam qualquer coisa. Está ficando mais próximo do que imaginamos.

— Não tem qualquer suspeita? Qualquer ideia de como é o rosto de Yoshida? Nada?

— É como uma lenda, um monstro para criancinhas. Aparece do nada, ninguém sabe como é, só escutam falar dos estragos. Você foi o mais próximo que chegou de uma vítima.

— Rachel não sabia de nada, da última vez que a vi, continuava bolando teorias sobre ter levado um tiro. Mas a resposta era Ciara, sua mãe, que também morreu. Melhor dizendo, muitas respostas estavam no urso. Quem sabe até a localização de Yoshida. Porque Ciara era toda errada, poderia ter envolvimento direto com eles.

— Você estava tão próximo e não conseguiu nada, voltar lá não adiantará. E há mais uma questão, West. Tomaram território da Sangre sem demonstrar que estavam chegando. A Sangre foi pega de surpresa.

Devemos ficar em alerta aqui também. Esse povo é silencioso.

— Do tempo que estive lá, não escutei falar do nosso país, mas do jeito que estão, podem vir para cá em um piscar de olhos. Se bem que aqui tem Tyler, são dois para bater de frente. M-Unit e Nostra.

— Tudo pode acontecer. Por falar em tudo pode acontecer, preciso falar com você e sua mãe, um aviso importante do que descobrimos. —

levanta da cadeira. — Chamarei sua mãe, daqui a pouco estarei de volta.

Dois minutos depois — *sim, eu cronometrei* — meus pais estão de volta, com Kat ao lado.

— Então, eu tenho uma informação importante para dar. — meu pai começa a falar. — Olívia está de volta.

Puta merda!

— Quem é essa? — Kat pergunta.

— Minha mãe biológica. — respondo.

Kat fica surpresa.

Minha mãe fica com raiva, ela está assim desde que escutou o nome "Olívia".

— O que ela quer? — pergunto.

— Por isso chamei vocês aqui. No passado, bem distante, Olívia negociou a vida de Leo comigo. Tentou algumas aproximações, mas nunca conseguiu nada. E agora ela voltou.

— Dá uma passagem direto ao inferno para ela. — minha mãe fala com os dentes cerrados. — Ou eu mesma posso dar.

— Aí que tá o problema, Isa. Ao que tudo indica, Olívia pode ser uma enviada de Yoshida.

Agora ficamos surpresos.

— Olívia? Mas ela não era uma mulher normal? Comum? —

pergunto. — Como ela entrou nessa? Yoshida foi até ela?

— Não é uma certeza, mas do modo que Olívia apareceu foi de repente, e não como antigamente. É algo mais... — pensa na palavra. —

Como poderia dizer? Não natural.

— Espera, esse tempo que esteve fora, estava com ela? — minha mãe coloca as mãos na cintura, do jeito que a conheço, está se preparando para um barraco.

Meu pai respira fundo, todos a espera da sua resposta.

— Era preciso, porque, como disse, ela apareceu de uma maneira esquisita. Nada aconteceu, Isa! Nada! Eu precisava saber se era realmente uma tentativa de me conquistar, como antigamente, ou se era algo diferente. E é algo diferente. Olívia

estava nervosa, como disse, nada natural. Como se fosse forçada.

— A vadia é vítima agora?

Meu pai respira fundo novamente.

— Não, de maneira alguma. Mas você lembra de Milla, lembra que ela se envolveu com Yoshida e terminou daquele jeito. Pensou uma coisa e foi outra, completamente diferente. Como elas eram próximas, imagino que Olívia já estava nessa, mas como muitos do que estão na história, eles sofrem na mão de Yoshida. Tenho a teoria que Olívia entrou nisso por raiva, mas que já experimentou a loucura do seu chefe, e agora tem medo de tudo dar errado e ela acabar como Milla. E preciso me aproveitar da fragilidade dela para conseguir algo mais. Jamais trairia minha família, por isso estou contando tudo. Porque se o plano for me dedurar para vocês, saberão que não é nada disso que está acontecendo.

— Agora pronto, a ex doida voltou para a história.

— Olívia não é minha ex, Kat. Ela tentou, mas nunca aceitei.

Porque sempre amei sua mãe e esperei por ela durante anos. — olha pra minha mãe. — Sabe disso, Isa.



Três dias depois

— Tia Jas! — Felipe abraça Jasmine. — Senti saudades.

— Ah, meu amor, também senti muito a sua falta. — Jasmine abre os olhos e noto como estão brilhando. — Sabe que te amo, não é?

— Também te amo *muitão*! Quando vai aparecer lá em casa?

Jasmine coloca Felipe no chão.

Ela não pode aparecer lá em casa, ela nem pode ser a madrinha de Felipe, e eles se amam como tia e sobrinho.

— Em breve. — pelo sorriso de Jasmine, sei que não é verdade.

— Espero que seja logo.

— Felipe, fique um pouco com Karen, preciso conversar com Jasmine.

Ele se despede de Jasmine e vai com Karen.

— Então essa é a nossa despedida? — tento não chorar. — Uma pena porque... Eu sinto tanto, Jas.

— Preciso sair da faculdade, era uma vontade minha, realmente, mas agora meu pai entendeu que era uma maneira de escapar dessa vida.

— Mas também estou saindo daqui, virou um local nada seguro. O

que é uma pena, porque era o único local que poderíamos nos encontrar.

Agora só por celular?

— Sim. — nos abraçamos. — Sentirei tanto sua falta, Giulia. Sua falta, de Kat, Cassie... Nem consegui ser madrinha de Felipe.

— Quem sabe um dia nossos pais aceitem uma trégua amigável?

— choro junto com ela. — Você é a única amiga diferente de parentes que tenho.

— E você é a única amiga que tenho, sem ser a minha mãe.

— Tem Leila.

— Ah, Leila não é uma amiga. Você é. Mas eu fugirei, você verá.

— olho para Jasmine, que sorri em meio as lágrimas. — Aí, quem sabe, nos

veremos escondidos em algum país.

— Não desistiram da ideia do noivado?

— Precisam de herdeiro, precisam de mim.

— Jasmine Ventura. — olhamos para a recepcionista, que chama pelo seu nome. — Sua documentação já está pronta.

— Não é um adeus, Giulia. — nos abraçamos novamente. —

Vamos ter a esperança de nos encontrarmos novamente.

— De preferência, sem ser escondidas.



(3) Bônus

— Eu pensei em trazer um presente a você, mas imaginei que jogaria na minha cara.

Sara para de pentear o cabelo e me encara.

— Se fosse algo de vidro, eu tomaria distância e tacaria na sua cara.

— Mas se for um KFC?

— Aí eu não taco na sua cara, mas continuarei ignorando sua presença. — volta a pentear o cabelo. — Então, admirando minha beleza?

— Sempre, durante os nossos vinte anos de casamento. Não tem um dia que não repare o quanto a minha esposa é maravilhosa.

— É difícil não reparar.

Dura na queda!

Mas eu amo essa mulher!

Duas décadas de casados, e eu amo. Sempre parece que é recente, a tal "rotina do casamento" não nos atingiu. Mas temos algo pior: Máfia.

E disso, não podemos escapar.

Nem se quiséssemos, porque ela já é envolvida nisso por conta de Yankee, que está em alta na Sangre.

Mas tem assuntos que se forem falados, será como trazer depressão ou crise de pânico a família.

Então optamos por contar quando realmente for extremo, porque aí já sofre na hora, não antecipadamente.

E o mais louco que não é um problema relacionado a máfia, a inimigos, é simplesmente um louco que se declarou meu fã no passado, e quer jogar comigo novamente, mas, como disse seu último bilhete, pregado no corpo de uma criança sem cabeça:

''Dessa vez só terá um vencedor, não aceito ir embora sem mortes trágicas''.

Isso escrito em polonês.

É um psicótico!

— Eram negócios, Sara.

— Custava mandar um "oi"?

— Não tinha sinal onde eu estava. — no meio do nada, com o corpo de uma criança sem cabeça!

— E onde estava para ninguém ter sinal e depois mandarei ligarem como se nada tivesse acontecido?

— Uma coisa muito louca aconteceu, que nenhum dos envolvidos imaginaram. E contarei a você também.

Agora sim ela olha pra mim novamente.

— Perderemos muita coisa, Sara. Mas não perderemos a nossa família.

— O que significa perder muita coisa?

— Confia em mim, Sara? Eu entendo que fique angustiada quando não estou aqui, mas sempre que saio, é para tentar resolver os assuntos, e se não conto, é para não causar pânico.

— Somos crescidos, Fernando. — fica a minha frente.

Mas não para o que está por vir... Será pesado.

— Perderemos a Nostra. — aperto a sua mão. — A família toda, incluindo a de Marco. Em breve seremos depostos. E só teremos uns aos outros nessa batalha.

Os olhos de Sara se arregalam e eu abraço.

— Mas dou minha vida por vocês. — beijo seu rosto. — Não se preocupe, já estamos montando um esquema.

Mas essa não é toda a verdade...



Durante anos Isabella Vergara vagou na minha mente, como um sonho impossível.

Por mais que tivesse existido um acordo no passado, Sara e Fernando não teriam

um casamento arranjado, tanto que não houve drama nesse assunto.

Mas eu queria um acordo com Javier, para ter Isabella em minha vida.

Me apaixonei por ela naquela visita a Javier, em Porto Rico.

Isabella tão animada, tão dançante pela aprovação na escola de dança, nem notou minha presença. Quer dizer, notou, mas não o suficiente para guardar meu rosto em sua memória e lembrar de mim quando nos reencontramos.

Mas aqui estamos, nós dois, vinte anos depois, dois filhos, sendo que Isa adotou Leo.

E Isa continuou a mesma de anos atrás.

Por isso a amo.

— Eu juro, Isa! Não tocarei em um fio do cabelo de Olívia.

— Pode tocar, meu amor. — vira de frente, cruzando os braços. —

Pode tocar no pescoço também, bem apertado! Aperta pra valer!

— Essa raiva não é pra mim. Por favor, diga que não é pra mim!

— Eu sei dos seus sentimentos por mim, Marco. Mas sabe como odeio aquela vadia! Olívia ainda tentou me irritar depois do nascimento de Kat...

— Eu só não matei, porque a filha da puta deixou mensagem para os pais, relatando que se algo acontecesse, a culpa seria minha. E aquele momento era para ter cautela na Nostra, um passo em falso seria motivo para quererem me tirar.

— Sim, sei disso. Mas Marco, eu não me sinto bem sabendo que Olívia vai cantar vitória estando com você. Mesmo com medo, ela vai achar que tem você. E qual desculpa está dando para aceita-la anos depois?

Ela tinha que perguntar isso?

— Desembucha! — empurra meu ombro.

— Vinte anos de casamento já estou cansado. Era o único jeito dela acreditar...

— E o que ela responde?

— Que sabe que eu enjoaria de você, mas não enjoei...

— Eu quero estar presente no dia da morte dela. Porque sabe bem que ela tentou tirar Leo da minha vida, sendo que ela vendeu o filho a você. Sabe que Leo sempre foi uma moeda de troca, e eu não sou pacífica!

Estou aliviado por Isabella confiar em mim.

— E se tocar nela, sem ser para mata-la, eu arranco seu pênis!

— Ainda nessa ameaça? — lembro essa ameaça sendo feita lá no passado. — Não mudou o disco.

— O aviso está dado!

— É tudo estratégia, Isa. Confie em mim, nada acontecerá. Quer dizer, conseguiremos respostas, nada mais que isso.

— Se for para beijar, não beije!

— Minha boca é sua.

— Seu corpo é meu, tudo seu é meu, querido! — morde meu lábio. — Agora vá dormir, porque estou com raiva!

— Mas Isa, é estratégia...

— Eu tenho raiva! Amanhã eu te aceito, hoje eu penso que tem contato com aquela vadia. — me dá um selinho. — Te amo, maridinho.

Ela sai rebolando.

Provocadora!

Eu preciso resolver esse assunto com Olívia logo, ou a compreensão de Isa pode ir embora rapidamente.

E, jamais, trocarei Isa.

Nunca tocarei em Olívia... Ou em qualquer outra mulher.

Será rápido, bem rápido. Umas bebidas, umas drogas, e Olívia contará tudo.



Capítulo 17

Duas semanas depois

Tudo tem sido uma grande novidade em minha vida.

A começar pelo fato de Leo sempre estar em casa. Passou tanto tempo fora, que agora é até estranho ele sempre estar por perto, e ainda mais estranho: educando Felipe!

Tudo bem que Felipe tem uma genética como a do pai e a de Kat, meio idiota das ideias, mas Leo sabe dar as ordens e agora eu divido a educação com ele... *Nada mais que sua obrigação.*

Também é uma novidade não ter mais faculdade. Não falo tanto com Jasmine porque agora ela vive em pé de guerra com o pai por causa do casamento e ela quase não tem acesso a internet.

Estou me dedicando mais na administração dos meus negócios, nos restaurantes, boutiques e na escola de dança.

Parece que tudo está calmo, mas sabemos que, muito em breve, tudo vai piorar com a Nostra e nossa família.

— Se não é o amor da minha vida estudando o que eu ensinei. —

Leo me abraça por trás e beija meu ombro. — Acabei de dar o almoço para Felipe, elogiou meu *filet au poivre*.

— O cheiro está fazendo minha barriga roncar.

— Então saia das finanças e venha almoçar. Aproveite que virei o cozinheiro da casa.

Só restaram os seguranças. Como agora os assuntos são super confidenciais, dentro de casa só a família mesmo.

— Estou tentando fechar esse bendito caixa!

— Sabe que existem escritórios para isso, inclusive, uma da confiança da família.

— Estou me sentindo uma inútil, Leo! — largo o grafite em cima dos papéis. — Porque Felipe aprende rápido, então nem fico muito tempo ensinando a ele. A faculdade tomava mais do meu tempo, agora você até cozinha no meu lugar.

— Reclama que não faço nada e você faz tudo, agora reclama que faço tudo e você não faz nada?

— É apenas tédio mesmo. — levanto da cadeira. — E

preocupação com o que está por vir. Tipo "vida boa, viva normal, mas daqui a pouco vem a avalanche de merda".

— Você pediu para saber.

— Sim, e é bom saber, ao mesmo tempo é ruim saber. — abraço-o. — Pelo menos você está aqui. Conseguiu algo daqueles três que capturaram?

— São muitas câmeras, muitos arquivos, vai demorar até acharmos algo. — beija minha testa. — Vem almoçar, hoje tem jantar de aniversário do meu pai. Esperando pela família feliz de Benjamin.

— Pelo menos agora ele não te atinge mais.

— Não, agora sei que confiam em mim. E o mais importante, que você, Giulia

Rubio Bertollini Vesentini, me ama.

— Te amo desde que fiquei bêbada e transei com você.

— Culpou a bebida por aquilo, por sua vontade de transar comigo e o amor que já sentia por mim.

— Você era bem idiota na época, capaz de esfregar sempre na minha cara que eu transei por vontade...

— Eu sabia que era por vontade, eu bebi durante anos, saberia reconhecer uma bêbada de verdade. — beija a ponta do meu nariz. —

Vem, vamos comer meu filé perfeito.



Horas depois

Entro na casa de Fernando e encontro Karen e Katherine sentadas no sofá.

— Olá, crianças.

— Vai à merda. — obviamente isso partiu de Katherine.

Sento no meio, entre Karen e minha irmã rabugenta.

— Sabia que essa coisa gótica saiu da moda há anos?

Katherine olha para mim. Ela tem uma maquiagem muito escura nos olhos, que destaca o tom azul que eles têm, a sua boca tem um batom preto. Minha mãe nem é contra essa maquiagem, mas sim as suas roupas.

Katherine decidiu que seria gótica na adolescência, antes disso a garota foi emo. Suas músicas se resumem a guitarras, pessoas gritando como se tivessem morrendo e muitas músicas que parecem ópera, e do nada começa a gritaria novamente. Eu curto rock, mas essa garota curte um rock estranho, muito estranho.

— Por isso é bom ser gótica, ninguém mais é. Sou a única no meio dessas pessoas desprezíveis, ridículas, mesquinhas, pobres de espírito. — olha para mim. — Já disse que não gosto de pessoas?

— Deixe a tia Isabella escutar isso. — Karen murmura.

— Não tenho culpa se ela acha legal ser feminina e eu prefiro ser assim, sombria.

— Falou à garota que sofre de amores por mim. — Gabriel se joga no sofá.

— Por isso as pessoas são tão desprezíveis, por atitudes como essa.

Katherine se inclina e pega duas botas debaixo do sofá e calça. Ela levanta e tenho um vislumbre da sua roupa preta e o sobretudo da mesma cor.

— Katherine... — Karen franze o cenho. — Que tipo de roupa é essa? Está calor.

— Góticos não sentem calor. — falo, dando risada da sua tentativa de sempre parecer sombria.

— Olha aqui...

— Boa noite, crianças. — Fernando entra na sua casa, atrapalhando a fala idiota que Kat teria.

— Vai, Katherine. Diz o mesmo que você falou comigo para Fernando. — provoco.

— Eu não gosto de gente, mas isso não significa que eu queira me retirar desse planeta.

— Que roupa é essa?

Fernando encara Katherine.

— Outro que quer falar de moda?

Fernando apenas revira os olhos para a minha irmã.

— Onde Sara está?

— No quarto.

— No quarto onde a senhorita também deveria estar. — Fernando sorri para Karen. — Qual a parte do castigo não entendeu?

Castigo pela confusão no jantar com Benjamin, mesmo que Kat tenha argumentado que já é maior de idade, então não pode ficar de castigo. Claro que nossos pais não aceitaram o argumento.

Eu gostei da confusão com Benjamin, confesso.

Tudo começou quando Kat foi contar, toda animada, do seu plano para vó Alice, a mãe de Fernando. Benjamin, como sempre, foi estraga prazeres. Eu só vi Kat e Karen gritando com o velho.

Eu achei merecido, achei até que precisaria de mais, porém, é aquilo "respeite os mais velhos", ainda mais sendo o avô.

— Mas estou em casa.

— Karen, pode ir para o seu quarto.

— Pai...

— Karen, suba!

Karen resmunga e, por fim, sobe para o quarto.

— Katherine.

— O que é? — ela se encolhe quando vê o olhar que Fernando dá a ela. — O que o senhor deseja?

— Para o quarto.

— Você não é o meu pai.

— Wow! — grito. — Katherine está perdendo o amor à vida.

— Certo, ok. — levanta as mãos. — Já estou indo para a minha casa.

— Não, você ficará aqui. Marco ligou e me avisou sobre isso.

— Tio, posso dormir no quarto de Karen? — sua voz sai melosa, como sempre ela faz quando quer algo.

— Não. — Fernando sorri com sarcasmo.

Sem resmungar, Katherine sobe as escadas.

— O que faz aqui? — Gabriel pergunta pra mim.

— Recebi a ligação do carinha que trabalha na central de segurança pública. — respondo. — Já acharam as imagens dos homens que estamos prendendo. E sim, eles se encontraram com uma pessoa, mais de cinco vezes.

— Se esta aqui a essa hora, deve ser alguém conhecido. —

Fernando me encara. — Quem é?

— Romeo. — respondo. — O cara da M-Unit. Queridinho de Tyler.



Capítulo 18

— A minha mãe disse que te ama. — abro os olhos e vejo Felipe conversando com Leonardo. — Ela disse isso para Karen.

— Sim, Felipe. Sua mãe sempre me amou, desde que ela tinha a sua idade.

— Isso é uma grande mentira.

Os dois olham para mim. Felipe sorri e Leonardo me encara com uma carranca.

— Deixe-me sonhar, Giulia!

— Não gostava do meu pai? — Felipe inclina a cabeça para o lado, ele está sério nesse momento.

— Seu pai é idiota e vivia me enchendo o saco, me chamando de gorda e me proibindo de brincar com ele. Acho que não dá para gostar de uma pessoa assim.

— Para a minha defesa, eu era uma criança.

Sorrio para Leonardo.

— Isso mudou quando seu pai voltou diferente. Ele estava mais gentil e menos idiota, só um pouquinho menos.

— E então você ama o meu pai?

— Sim, eu amo o seu pai. — quando confirmo, Leonardo sorri amplamente pra mim.

Ontem nos falamos, sei que precisou ir para a casa do meu pai, falar sobre o homem que se encontrava com os inimigos. Falou sobre ser alguém conhecido, mas disse que não poderia me contar, porque eu poderia estragar tudo...

Algo me diz que é alguém bem próximo, e talvez tenha a ver com Jasmine. E como há uma trégua dos dois lados, talvez eles possam

conversar.

Estou aprendendo a relevar mais as coisas, entendo que muitos desses assuntos são sigilosos, porque já vi como fiquei esses tempos...

Entendo porque tentam resolver primeiro e falar depois.

— E você, como gostou da minha mãe? — Felipe pergunta a Leo.

Leonardo olha para mim, não desvia a sua atenção em nenhum momento.

— Quando eu notei que, por debaixo de toda aquela gordura, existe uma pessoa adorável.

Pego o travesseiro e arremesso em sua direção.

— Ontem você estava um amor!

— É brincadeira. Mas a parte de descobrir que você é adorável é a mais pura verdade.

— Você também é adorável, pelo menos, em alguns momentos. —

mostro a língua para ele.

— Levante da cama, tenho uma mudança para fazer.

— Não me diga que estará saindo novamente.

— Ah, não... — Felipe choraminga.

— Calma, família! Estaremos mudando de casa, todos juntos. Fiz algo de importante, tudo continua igual para os nossos pais. Mas precisamos morar em um novo local. Por questões básicas. — pisca um olho pra mim.

— Chega de erros, certo? — indago. — Tem a confiança de todos agora.

— Tudo bem, senhora Vesentini.

Levanto da cama para poder tomar banho e escovar os dentes, depois que termino, volto para o quarto e encontro Leo e Felipe arrastando duas malas.

Respiro fundo.

Será que é o início da mudança de vida?

— Calma. — Leo segura a minha cintura. — Ainda não é uma fuga, apenas ponto estratégico, todos próximos, segurança triplicada, na verdade, multiplicada por dez. E fica mais fácil para reuniões. — esfrega

o montezinho que se formou entre as minhas sobrancelhas. — Pode ficar tranquila.

— E sobre o cara de ontem? Quem é?

— Noivo de Jasmine.

Minha boca abre em choque.

— Jasmine falava que tinha algo estranho nele, ao mesmo tempo pensava que era implicância...

— Por isso não falei com você antes, porque poderia avisar, no impulso, e estragar qualquer plano que teríamos. Mas fique calma, Jasmine nem ao menos noivou.

— Ai, Leo, está ficando tão estreito, tudo! Sua mãe biológica agora o noivo de Jasmine... Mas isso significa que a família dela também corre perigo?

— Talvez sim, ou pode ser apenas um que tentou ganhar traindo a trégua.

— Realmente não acreditam que Tyler queira nos matar?

— Perderia muito nisso, mas não colocamos nossa mão no fogo pelo Tyler. Agora, senhora Vesentini, apresse-se para a nossa saída. Para o nosso novo lar. Recomeçar nossas vidas, literalmente. Até pediria em casamento novamente, mas você só sabia reclamar.

— Deus! Casamento é cheio de burocracia, por mais que eu pagasse uma empresa para aquilo, eu tinha que estar lá. Sem paciência!

— Você é o amor da minha vida, a mulher mais incrível que eu poderia ter ao lado. Te amo com todo o meu coração, ou com todo o meu corpo, que é maior que meu coração.

— Tão idiota. — dou um selinho nele. — Por isso te amo.

— Ama minha idiotice?

— Dizer que sou louca por você é brega e clichê?

— Não, acho que não. Até porque, eu também sou loucamente apaixonado por você.

— Somos bregas. — rio, enquanto Leonardo tenta me beijar.

— Somos loucamente apaixonados um pelo outro e bregas.

— Essa é a melhor definição para nós dois.

— Sim, a melhor definição para o que sentimos um pelo outro.

Você vai me matar se eu voltar a te chamar de "gordinha"?

— Provavelmente sim...

— Mas estou sendo verdadeiro.

— Leonardo! — grito.

— Eu amo você, é serio. — ele sussurra. — Minha gordinha.

Dou um tapa em seu peito e ele ri.

— Também te amo, meu imbecil.

Por anos eu neguei esse sentimento. Neguei por mágoas da infância até a adolescência, me neguei a acreditar que Leo tinha mudado, tinha evoluído nos pensamentos e no seu jeito imbecil de ser.

Mas quando aceitei, foi incrível.

E depois comecei a questionar meus sentimentos novamente, quando Leo sumia sem dar notícias, mas algo em mim dizia que deveria acreditar nele, dar uma chance de se explicar.

E dei a chance de se explicar.

Todos deram a chance.

Um erro cometido por tentar salvar uma garota.

E agora estamos aqui, juntos, como uma família, sem mais discussões sobre só eu educar um filho, sem Felipe chorando querendo o pai de volta, e sem segredos... *Ou tantos segredos, já que não posso saber de tudo.*

Talvez, um dia, as coisas mudem nesse negócio. Talvez, um dia, a Nostra Ancoma seja como meu pai e tio Marco tanto querem e, quem sabe assim, nós, mulheres, teremos alguma voz nesse negócio.

Até lá, fico com minha família, aproveitando o máximo o resto de calmaria que ainda nos resta.

Felipe vem nos abraçar, Leo carrega nosso filho no colo e beijamos seu rosto no mesmo momento.

Porque são tudo de importante que tenho.

Minha família.

E lutaremos juntos, para ficarmos a salvo.

Juntos nessa nova jornada que, em algum momento, será iniciada.

Porque a família sempre será mais importante que os negócios.

Família Bertollini Vesentini.

Rumo a nova era.

Fim do livro de Giulia e Leonardo.



Epílogo

Dois dias depois

A única pessoa que falou comigo na faculdade foi embora.

Jasmine.

— Uma pena que a única pessoa que foi com a cara, foi embora.

— olho para Hugo. — Mas pense pelo lado bom, agora consegui trabalho como assistente de caixa, em breve podemos até nos mudar, se quiser.

Por que está rindo?

Fecho os olhos.

Mais uma discussão.

— Acha mesmo que esse trabalho medíocre vai sustentar vocês dois? Vigia e agora assistente de caixa?

— Eu desconfio que seja tráfico ou prostituição, porque só assim para que tenha dinheiro de se sustentar.

— Hugo, eu só te aceito pela Rachel.

A campainha toca nesse momento.

— Ah, temos mais uma moradora. Para sua infelicidade, Hugo.

— Eu tento, Rachel. Eu tento tolerar essa puta! — Hugo fecha as mãos. —

Agora vem a outra amiguinha.

— Hugo, eu já disse, eu vou com você a qualquer momento. —

sussurro para ele. — E se a visita for ela, eu saio daqui com você.

— Você sairia mundo afora comigo? Um ex viciado?

— Você é como um pai pra mim. — sorrio para ele, tranquilizando-o. — Ciara e West designaram você para cuidar de mim...

— Você tomou um tiro porque eu me droguei e não cheguei a tempo. — aperta a minha mão. — Se eu chegasse a tempo, nada daquilo

teria acontecido, e teríamos respostas sobre o que você tem a ver com Yoshida.

— Mas isso nos colocou em um local melhor, Hugo. Pense nisso.

Você viu que drogas são um erro e entrou na reabilitação, forçada, mas conseguiu superar. E eu? Bem, agora eu tenho você, não aqueles pais de merda.

E é ela!

Quando meus olhos a encontram, ela vem me abraçar.

Eu sinto como se tivesse traindo Hugo, o que é louco, porque também sinto que traio as duas mulheres a minha frente.

Nenhum dos três me causaram qualquer mal, pelo contrário, cuidaram de mim. Mas Hugo está comigo há mais tempo, é como se eu devesse fidelidade a ele.

E como ele odeia essas duas, eu fico dividida entre ir embora com ele e ficar com as elas... O histórico de Hugo é bem criminoso, não fez nada contra mulheres, crimes sexuais, coisas assim, mas há vícios e tráfico de drogas.

— Oi, Milla. — sorrio para a mulher que acabou de entrar e paramos de nos abraçar. — Quanto tempo.

— Você está tão linda!

— Você fez algo no rosto? — reparo como ela está mais diferente, quase

irreconhecível.

— Um velho rico bancou, como sua amiguinha. — Hugo provoca.

— Não, meu bem. — Milla sorri de modo zombador. — Olívia é o próprio velho rico. Mas Hugo não muda. Como é atura-lo, Olívia?

— Um saco, mas, segundo ele, logo logo estará longe daqui. —

Olívia volta a almoçar. — Mas quer levar Rachel junto.

— Rachel é minha responsabilidade, a guarda dela é minha! —

Hugo grita. — Apenas minha.

— Rachel, minha querida, não acha estranho o modo como Hugo quer tanto sua presença? — eu sei como é um tom provocador na voz de Milla. — Eu teria receio de sair com um ex-viciado.

— Por isso tento fazer com que Rachel fique. — Olivia continua.

— Porque Hugo é bem psicótico quanto a ela, devido a seu histórico criminoso, eu teria muito medo...

É tão rápido que ninguém consegue impedir. Hugo puxa Milla pelos cabelos e a derruba no chão, ficando em cima dela e apertando seu pescoço.

— Hugo, por favor, solte-a! — grito. — Hugo, por favor...

Sua respiração é ofegante, mas ele solta Milla.

Sai de cima dela e me encara.

— É esse tipo de homem que quer como pai, Rachel? — Milla tenta respirar, chorando.

— É pelo seu próprio bem, Rachel. — Olívia tenta ajudar Milla.

— Perdoe-me, Rachel. — Hugo tenta me tocar, mas é como se ele levasse um choque, pois retira as mãos rapidamente. — Eu não queria...

— Saia daqui antes que eu te denuncie! — Olívia grita. — E terá muitos problemas.

Hugo parece em choque, e quase corre de casa.

— Hugo! — corro atrás dele e seguro sua mão. — Respira fundo, volte mais tarde. Eu vou com você.

Abre a boca, mas não sai qualquer palavra.

— Você fez mais por mim do que qualquer outra pessoa. Eu sei sua índole, se Guerrero e Orlando West confiaram você para cuidar de mim, eu confio ainda mais. — beijo seu rosto. — Volte mais tarde, quando tudo estiver mais calmo. Eu vou com você.

— Não confia naquelas duas?

— Eu confio mais em você.

— Se eu tivesse dinheiro, eu investigaria as duas. Mas se nem a gangue de West descobriu algo, deve ser paranoia pela falta de drogas.

— Está limpo há anos, apenas respire fundo e volte ao trabalho.

Mais tarde nos veremos novamente. Te amo.

— Também te amo, Rachel. E cuide-se, não confio nelas, ainda mais em Milla.

— Não se preocupe, vou me cuidar.

Continua no livro 3, com a história de Daniel e Jasmine.

Trecho do terceiro livro

A história de Jasmine e Daniel



Prólogo

Na noite do epílogo do livro 2

''ENTRADA PROIBIDA!''

Passo pelos arames e sinto que eles estão cortando a minha pele.

Não me importo com isso.

Caminho no escuro, o vento frio tocando a minha pele. Meus pés estão sendo espetados e cortados. Perdi meus sapatos e ainda perdi algumas peças de roupas. Meu sapato não aguentou a longa caminhada e minhas roupas foram rasgadas pelos galhos das árvores.

Continuo caminhando até que escuto o barulho... *O barulho da minha libertação.*

Corro e tropeço, ralando o meu joelho e destruindo mais a minha calça. Mas não me importo, daqui a pouco estarei livre disso tudo.

Estarei livre da minha vida.

Paro em frente ao meu destino. A enorme cachoeira. Esse lugar é proibido, já que muitas como eu, vêm aqui para se libertar da dor.

As árvores já não estão mais aqui para cobrir a claridade da lua.

Posso ver a cachoeira de perto. A enorme cachoeira. Se eu pular, morrerei. Além da correnteza forte, as pedras poderão me matar antes mesmo de chegar à água.

Aproximo-me mais do abismo e olho para baixo.

Por que caminhei tanto até aqui?

Sento no chão, já em duvida do que fazer.

Nunca tive nada de bom nessa vida... Só Daniel, mas também sinto que eu o incomodo. Ele tem que viver a sua vida e me esquecer, eu

só dou tristeza e trabalho para as pessoas. Minha mãe morreu. Meu pai sempre me odiou e deixava isso bem claro para mim. Eu nunca tive amigos sem ser Daniel, a maioria me odiava ou me afastava.

Ninguém gosta de mim. Minha madrasta me via chorando e ria sem piedade, meus irmãos por parte de pai deixavam claro que eu não era aceita ali.

Daniel sempre cuidou de mim, talvez por obrigação...

Não dá para continuar vivendo essa vida.

Daniel nunca vai me perdoar por isso, mas eu não consigo me livrar dessa dor. A dor de ser rejeitada e saber que sou um incômodo na vida das pessoas.

Daniel sempre dedicou a sua vida cuidando de mim. Jasmine é o seu grande amor, no entanto, quando eu estava mal na clínica, os médicos ligavam para Daniel. Sei que eu atrapalho muito a sua vida.

Ele vai sofrer com isso... Talvez ele nem ao menos saiba o que farei aqui.

— Eu espero que não esteja pensando em fazer isso.

Levanto rapidamente do chão e vou para o lado, se fosse para frente, eu teria adiantado a minha morte.

Pela claridade da lua eu vejo um homem. Eu não vejo bem a fisionomia, mas ele me parece preocupado.

— Moça, por favor, não faça isso.

— Então o que faz aqui? Esse lugar é conhecido por essas coisas.

— abraço o meu próprio corpo, agora com medo do que está por vir.

— As pessoas se matam aqui, sei disso. Porém, eu vim aqui para pensar e eu acho que você faz o mesmo. — ele não tenta se aproximar de mim, ele está apenas parado e conversando comigo. — Não faça isso, por favor.

— Por que se importa? Nós não nos conhecemos.

— Eu posso ter passado por isso. Eu cometi erros que me arrependo. Algumas pessoas conseguem sobreviver a isso ou procuram outras saídas, eu fui parar nas drogas e fiz coisas piores. Mas, moça, devo dizer, eu me arrependi de tudo e resolvi mudar. Eu pensei em me matar, mas por que eu faria aquilo? Sendo que podemos dar o nosso melhor...

— Eu não cometi erros. — interrompo-o grosseiramente. — Eu apenas quero me livrar dessa dor.

— Não desista da sua vida, tudo pode se ajeitar, ser melhor. Talvez o destino seja de dor agora, mas de melhoras no futuro. Como o meu foi, sofrimentos e merdas, agora, finalmente, a felicidade.

— Eu não tenho ninguém. Eu fui internada e nem meu pai me visita. Só Daniel, mas ele... — *eu sou uma obrigação para ele*. — Eu atrapalho a vida de todos. — as lágrimas começam a cair. — Eu quase morri e só uma pessoa foi me visitar. Meu pai nem ao menos se importou com isso. A mulher dele disse que seria um alívio se eu morresse.

— E esse Daniel? Ele ficou ao seu lado, certo? Vai morrer e deixa-lo para trás?

— Eu atrapalho a vida dele, você não entende. Eu sou uma pessoa que adoeceu e ele cuidava de mim, se eu sentir qualquer coisa, ele vem até mim, mas ele mal cuida da família dele. Estou cansada de ser essa pessoa problemática. É melhor morrer que...

— Morrer nunca será bom. Pelo menos, ninguém voltou para dizer como é o outro lado. Olha, não faça isso. Seu pai não merece uma pessoa como você para chamar de filha. Você é melhor que isso.

— Você nem me conhece. — olho para ele, com meus olhos embaçados de lágrimas. — Não sabe se sou boa ou ruim.

— Você quer se matar por não dar trabalho às pessoas. Você é uma pessoa que merece ser amada.

— Eu nunca serei amada sem me sentir um fardo na vida da pessoa. Eu me odeio tanto. A minha mãe, ela se matou porque ela não poderia viver comigo. Ela estava cansada de todos os meus problemas de saúde e por não ter dinheiro nem para comermos. Ela se matou por minha causa. — caio no chão. — Eu me odeio tanto.

Choro desesperadamente caída no chão.

— Não se culpe por isso. — o homem me abraça. — Sua mãe, ela... Pense que você sofreu por ela, por ela ter morrido. Pense no que Daniel vai sofrer e no que eu vou sofrer.

— Eu não te conheço! — o empurro para longe de mim, mas ele não sai.

— Eu conheço a sua dor, eu passei pelo o que você passou, eu descontei a minha raiva e dor nas pessoas, eu fiz enormes barbaridades e, por fim, eu queria apenas me desligar do mundo e esquecer a minha vida.

Mas eu não fiz. Eu fui atrás da minha melhora. Entenda, eu não tinha ninguém ao meu lado. Eu não tinha motivos para viver, então eu conheci Rachel, uma menina pequena que precisava de ajuda. Eu vivi para salvar a vida dela. Eu não tinha ninguém e agora tenho, você também pode ter.

— Eu não quero. Eu só trago dor e trabalho para as pessoas.

— Eu não me importo em trabalhar e curar a dor.

Eu paro de chorar e olho para o homem que me abraça.

— Eu não te conheço.

— Eu também não conhecia Rachel e ela me salvou.

— Eu nem sei se sua história é real.

Empurro e ele sai de perto de mim. Levanto do chão e me afasto dele.

— Você pode ser um...

— Assassino? Você não queria se matar? — não digo nada. —

Vejo que não é isso o que quer para você. Você está ferida e precisa de cuidados. Pode não acreditar em mim, mas eu salvei Rachel e uma outra pessoa. Podemos dizer que cometi tantos erros que agora eu quero pagar por todos eles.

— Como quer pagar isso?

— Ajudando pessoas como eu. Eu venho a esse lugar para repensar na vida e pedir perdão por todos os meus pecados. Enquanto as pessoas vêm até aqui para terminar a sua vida, eu venho aqui pedir uma chance de viver melhor e ser perdoado. Se eu salvar a sua vida, acredite, eu já serei uma pessoa mais feliz.



Hugo abre a porta da sua casa e pede para que eu entre.

Acreditei em suas palavras. Ele sentou no chão e contou a sua história com Rachel, a menina que é como uma filha para ele. Senti em sua voz um misto de dor e gratidão.

Ele passou quase o mesmo que eu, com a diferença que ele não adoeceu e nem ficou no hospital. Ele foi para as drogas e também ficou internado em uma clínica. Quando saiu, estava disposto a melhorar por conta de Rachel.

Ficamos por muito tempo conversando, eu confiei em suas palavras. Eu não estava mais destinada a me jogar naquele precipício...

Pelo menos, nesse momento, eu não me sinto assim.

Com Daniel eu não conseguia me sentir totalmente bem. Eu apenas tinha a sensação de "você poderia estar vivendo a sua vida, mas está aqui sendo atrapalhado por mim". Eu sei que Daniel sente que é obrigado a cuidar de mim, não é isso o que quero para a sua vida.

Mas Hugo parece querer salvar pessoas... Agora ele quer me salvar.

Eu quero ser salva?

— Hugo, eu... — uma menina ruiva aparece na sala. Ela olha para mim e corre em minha direção. — Meu Deus! O que aconteceu?

Ela está preocupada? Preocupada comigo?

— Ela precisa de ajuda. — Hugo fala calmamente. — Feridas no corpo e na alma.

A menina sorri.

— Hugo gosta de ajudar pessoas. Não se preocupe, eu também a ajudarei.

Apenas balanço a cabeça.

— Ela é a Rachel. — Hugo fala calmamente. A menina sorri para mim. — E essa é a Nicole.

— Muito prazer, Nicole.

O barulho da porta abrindo e batendo na parede, interrompe a nossa conversa.

— Poderia ser menos grosseira? — Hugo pergunta para a pessoa que abriu a porta.

Eu estou de costas para ela. Eu sei que não serei aceita facilmente, eu nunca fui.

— Eu abro a porta da maneira que quiser. — a mulher diz com grosseria. — Nossa! Hugo resolveu abrigar uma mendiga?

— Melhor abrigar uma mendiga, do que duas pessoas como vocês. Eu nunca deveria ter te ajudado. — Hugo abaixa a cabeça e sussurra. — Não fique com medo, eu não sou sempre assim.

— Por favor, tratem Nicole bem. — Rachel pede. — Ela precisa de ajuda.

— Ok, Rachel. — a mulher diz, mas acho que é outra. — Mas ela poderia se virar para mim e não me ignorar?

— Venha conhecê-las. — Rachel segura a minha mão.

Percebo uma troca de olhares entre Hugo e Rachel. Rachel segura a minha mão e me viro para as duas mulheres.

Percebo a surpresa em seus olhares, Eu sei que minhas roupas estão ensanguentadas e rasgadas.

— Minha querida, você precisa de ajuda. — a mulher ruiva se aproxima de mim. — Eu vou te ajudar.

— Sério isso? — Hugo grita.

— Sério, eu posso ver que passamos por algo parecido. Quando cheguei aqui, eu estava como você. — a outra mulher, morena, toca o meu rosto, mas eu me afasto dela. — Confie em mim, eu te ajudarei.

Quer dizer, somos uma família e iremos te ajudar. — ela sorri e aperta a minha mão.

Confesso que estou confusa com tantas pessoas me ajudando em um único dia... Só Daniel se aproximava de mim...

— Ainda não nos apresentamos. — a mulher ruiva chama a minha atenção. — Meu nome é Milla e ela é a Olívia. Cuidaremos muito bem de você.

Capítulo 1

Horas atrás

Eu odeio tanto a minha vida, principalmente nesse momento, cercada de pessoas que não gosto e que desconheço.

Apenas a minha mãe ao meu lado, apertando a minha mão, me dando apoio moral.

— Fugiremos. — ela sussurra e beija meu rosto. — Não se preocupe, querida.

— Nós duas?

— Sim.

— Mas mãe...

— Sem discussão. Se seu pai não aceita sua felicidade, se não aceita o seu "não", eu não ficarei ao lado dele. E jamais, em hipótese alguma, serei a favor do seu casamento forçado com o Romeo.

Minha mãe, Ingrid Ventura, é a única pessoa capaz de bater de frente com meu pai. Porém, não é o bastante para fazê-lo mudar de ideia.

Agora estamos no meu noivado, uma festa enorme e animada, quer dizer, eu e minha mãe somos as únicas desanimadas disso aqui.

Também devo dizer que minha mãe só é contra o meu casamento porque eu não quero, porque ela também não sente qualquer receio por Romeo. Apenas depois do que contei, antes disso ela achava um homem normal.

Ah, e meu pai até escutou o que falei, mas ele disse que se Romeo me fizer algum mal, ele vai mata-lo... *Então é pagar pra ver?*

Eu não acredito que meu pai está fazendo isso comigo! Pensei uma merda dessa para qualquer um, menos para meu pai.

— Não chora, Jas. — Leila toca meu braço. — Pense pelo lado bom.

— Não tem lado bom!

Leila não persiste em sua tentativa de me fazer sentir bem. E eu nem a convidei, desde que saí da faculdade não nos falamos, nem ela me procura e nem eu a procuro. Mas meu pai acredita na nossa grande amizade, então, ela está aqui.

E ali está Romeo, sorridente, vitorioso.

Cumprimenta seus amigos, um *reggaeton* antigo tocando e ele de olho nas mulheres rebolando.

Olho para meu pai, que bebe a cerveja e está atento em Romeo.

Bem que poderia desistir disso agora!

Mas não desiste, porque meu pai volta a conversar com o pai de Romeo.

— O cretino está vindo. — minha mãe sussurra.

Olho para frente, Romeo vem na minha direção, o sorriso prepotente ficando cada vez maior. O brilhante na sua orelha se destacando, brilhando mais que suas lentes de contato nos dentes. Tudo nele soa falso, até seus dentes de cavalo.

— Noivinha. — faz questão de carregar essa palavra com zombaria. — Acho que sabemos quem venceu.

— Ainda é o quarenta e cinco do primeiro tempo. Falta o segundo tempo, prorrogação e pênaltis.

— Uma mulher que gosta de futebol?

— E armas. E filmes violentos... Doce vingança é um ótimo filme.

— sorrio docemente. — O jogo só termina quando um sair livre, seja por bem ou por mal.

— Esperançosa ela. — Romeo olha para minha mãe. — Poderia ser como sua mãe, uma senhora de respeito.

— Que arrancará seu pau fora e enfiará na sua boca, até morrer engasgado se não sair da minha frente, agora! — minha mãe fala com firmeza, Romeo até para de sorrir. — Isso mesmo, Romeo. Só tem a simpatia de uma pessoa, meu marido,

e eu sou mais que ele.

— Desculpe-me, senhora, mas Tyler é o chefe, não a senhora, tampouco, Jasmine. Nunca será mais que ele, há um grupo por trás, caso tenha um plano de tomar os negócios de Tyler.

— Não brinque comigo, não sabe de onde vim, quem sou, o que posso fazer.

Nem eu sei direito de onde minha mãe vem... *Mas que senti medo, senti.*

Acho que até Romeo sentiu medo, pois sai sem dizer mais qualquer palavra.

E assim o jantar de merda continua.

— No "três" você corre, Jasmine. — minha mãe sussurra. — Pela saída comum, é a troca de turno da segurança, eles demoram um minuto e vinte segundos para irem e voltar. Eu vou destravar o carro que está à frente, você corre e entra pelo fundo, eu entro pela porta do motorista.

Tem que ser rápido quando chegarmos a porta da saída, porque a regra dada é para não sairmos.

— Ok. — concordo.

Leila já está distraída conversando com um cara da M-Unit.

Disfarçadamente nos aproximamos da porta de saída. Não olhamos para trás, apenas seguimos em frente, minha mãe olha para o relógio, depois pega a chave do carro e destrava, aperta outro botão e sei que ela já ligou o motor do carro.

E ali eu vejo nosso passaporte para uma possível liberdade.

— Um... — minha mãe começa a contar. — Dois... Três...

Saímos correndo. Entro pela porta de trás do carro e bato a porta, minha mãe entra pela frente. O carro começa a dirigir, acelerando.

Levanto e olho para trás, já tem gente correndo e gritando, mandando vir atrás do carro.

Minha mãe acelera. Seguro na porta, rezo para que isso dê certo, para conseguir

fugir.

Olho para trás, vejo os faróis de motos lá atrás.

Minha mãe entra em rua, sai em outra, agora tem uma moto que não sei mais se saiu de casa ou se é uma moto comum.



Entramos novamente em outro local, saímos de outro...

Até que escuto o som forte de uma batida.

O carro começa a rodar na pista. Minha mãe grita para me segurar, mas agora tudo começa a chacoalhar, a virar e virar...

Até que começo a sentir tudo escurecendo. Tento manter meus olhos abertos...

Mas cada vez a minha cabeça dói mais, não consigo manter meus olhos abertos.

Como eu havia dito, ou era sair porque um lado cedeu, ou morrendo.

Talvez a segunda opção está acontecendo.

Abro meus olhos. Pisco quando a claridade faz meus olhos arderem.

Quando finalmente consigo mantê-los abertos, tento descobrir onde estou.

— Ei, calma! — minha mãe segura a minha mão. — Está tudo bem.

— O que aconteceu? — pergunto, tentando identificar onde estamos. E a julgar por tudo branco... Agora vejo que tenho soro em meu braço. *É um hospital!* — Está bem?

— Sim. E já fizeram seus exames. Uma concussão e alguns arranhões, mas ficará tudo bem. — sorri e acaricia meu rosto, depois dá um beijo na minha bochecha. — Fique calma, mas esse não é um

hospital comum, estamos nas mãos da máfia. É um hospital clandestino feito para eles.

Agora sinto-me mais tonta.

— Oi? — tento levantar da cama, mas sinto a tontura fiando pior e volto a deitar. Tudo roda nesse momento. — Que máfia? O que...

Escuto a porta sendo aberta e olho para o local.

— Daniel?

Meu coração acelera, realmente não sei se é emoção por vê-lo ou a surpresa, susto, por ele estar aqui.

— Oi, Jasmine. — ele se aproxima. — Desculpa pelo acidente...

— Eu fui entrar em uma rua, ele estava vindo, bateu no nosso carro. — minha mãe explica.

— Seria ok, se não fosse um detalhe. — Daniel explica. — E por isso estão aqui, e praticamente sequestrei vocês. — não sei qual a piada, mas ele dá risada. — Eu matei seu sogro, Jasmine. Meio que sem querer querendo.

— Que? — agora eu grito. — Como matou aquele homem?

— Ele foi nos defender, Jasmine. — minha mãe pede calma. —

Eu estava acordada, meio zonza e preocupada com você. Rubens queria te levar a qualquer custo, de raiva pelo constrangimento que causamos, claro que não aceitei, porque do jeito que ele estava, poderia te machucar ainda mais e causar lesões. Só que Rubens puxou uma arma, ele me agrediu, eu caí. O local era vazio, bem deserto, ele disse que me mataria, diria que foi legitima defesa, ele chutou meu estomago e foi ligar para Romeo. Daniel atirou e o matou, Jasmine.

— Como também estava envolvido no acidente, fiquei tonto na hora, porque o

airbag não foi o suficiente, devido ao grau da colisão.

Então quando consegui despertar, Rubens estava apontando a arma para sua mãe, eu tinha uma arma em minha panturrilha e atirei nele, sem pensar duas vezes. E eu poderia falar com Tyler, porque Romeo é um traidor, só que o problema é que eu matei um cara que talvez não seja um traidor, o pai dele. E estamos trabalhando para apagar os meus rastros, nossos rastros.

— Espera, isso significa que não vão nos encontrar?

— Sim, Jasmine. — Daniel responde. — Mas terão que ficar por aqui, para garantir que não vão me dedurar. A culpada de tudo foi a sua mãe, ela fez uma entrada completamente proibida.

— Garoto...

— Falo a verdade.

Fecho os olhos e coloco minha cabeça no travesseiro.

Fugi do noivado.

Sofri um acidente.

Meu "futuro sogro" nos seguiu.

Meu "noivo" é um traidor.

Daniel nos salvou.

Terei que ficar aqui, nas mãos da sua máfia.

Uau!

Que belo fim de noite, Jasmine!

Saí das mãos de um noivo grotesco e vim parar na de Daniel, meu amor proibido e, talvez, impossível.

— Não é um sequestro. — Daniel sorri pra mim. — Farei de tudo para que tenham uma ótima estadia aqui. É apenas para contornar a situação e não

começarmos uma guerra, não precisamos disso agora.

— Entendo. — assinto. — Obrigada, Daniel. Não sei o que seria de nós duas se não tivesse atirado em Rubens. Pelo menos sinto minhas pernas.

— Não pensei duas vezes. — sorri mais uma vez. Que sorriso lindo! — Trarei algo para comerem. Ah... Posso te chamar de Minnie?

Sorrio.

Não sorria como uma boba!

— Sim, pode me chamar de Minnie.

Ou de namorada.

Lá vai eu, estudante literatura, romancista, criar uma fanfic na minha cabeça.

Ah, Daniel...

Suspiro tão alto que até minha mãe percebe.

Amor proibido.

Talvez, agora, possível.

Em breve na Amazon...

Contatos da autora

Instagram: @AutoraManueleCruz

TikTok: @AutoraManueleCruz

Link para as minhas redes sociais e livros que estão na Amazon:

Linktree Manuele Cruz

Document Outline

- Nota da autora
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- (1)Bônus
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Bônus
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- (2)Bônus
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- (3)Bônus
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Epílogo
- Trecho do terceiro livro
- Prólogo
- Capítulo 1
- Contatos da autora